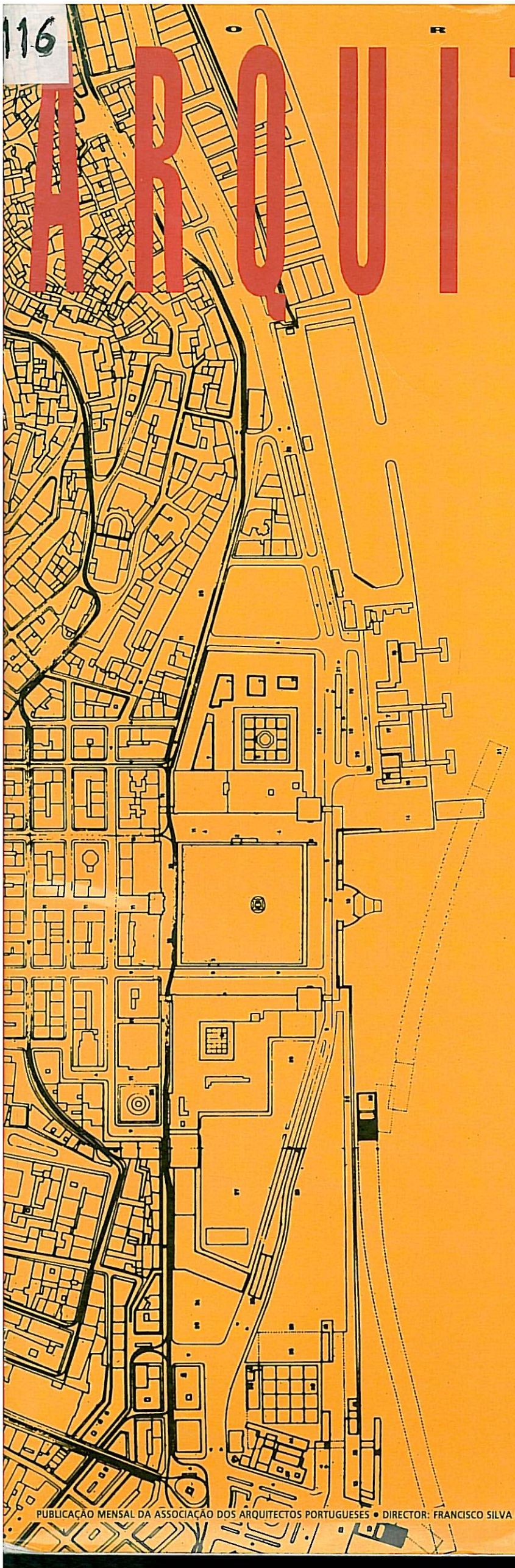
116

ARQUITECTOS

JORNAL



ELEIÇÕES

PRÉMIO SECIL

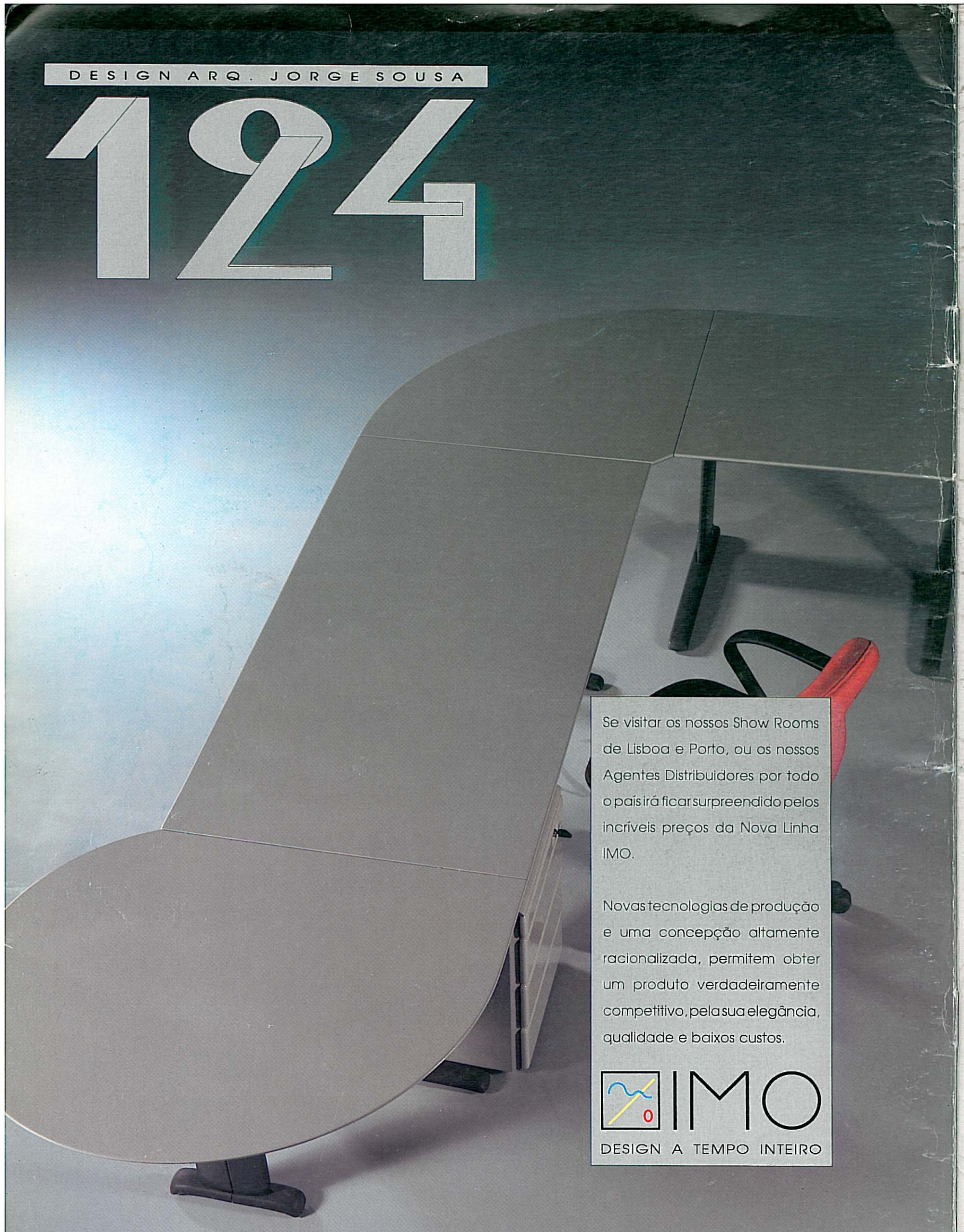
TERREIRO DO PAÇO

116

PUBLICAÇÃO MENSAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES • DIRECTOR: FRANCISCO SILVA DIAS • DIRECTOR-ADJUNTO: JOÃO NASI PEREIRA • ANO XI • OUTUBRO 1992 • **450$00**

DESIGN ARQ. JORGE SOUSA

124



Se visitar os nossos Show Rooms de Lisboa e Porto, ou os nossos Agentes Distribuidores por todo o país irá ficar surpreendido pelos incríveis preços da Nova Linha IMO.

Novas tecnologias de produção e uma concepção altamente racionalizada, permitem obter um produto verdadeiramente competitivo, pela sua elegância, qualidade e baixos custos.

IMO

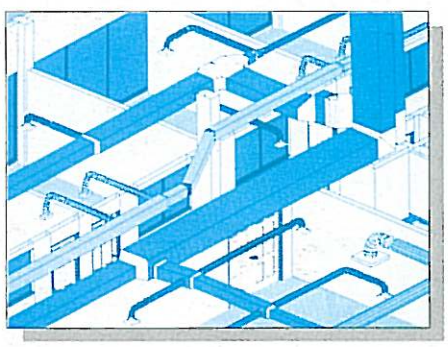
DESIGN A TEMPO INTEIRO

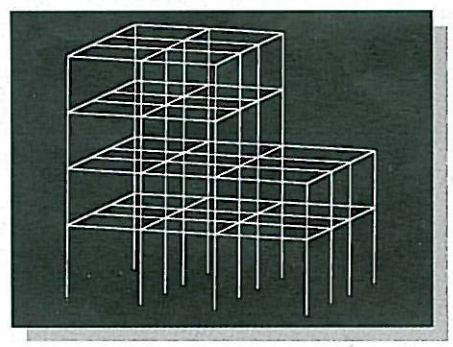
PORTO
R. do Rosário, 104 - 4000 PORTO
Tel.: 2009767/8 - Fax 2000647

LISBOA
Av. Defensores de Chaves, 87 A - 1000 LISBOA
Tel.: 7963478 (3 Linhas) - Fax 7975822

ARQUITECTURA ENGª CIVIL e CONSTRUÇÃO

AUTOCAD®





Versão 12

O AutoCAD é o programa de desenho por computador mais divulgado em todo o mundo. Propomos que conheça as soluções para Desenho e Projecto de Arquitectura de Edifícios, Arquitectura Paisagística, Terrenos,Vias de Comunicação, Estruturas. Organização e Gestão de Projectos, Digitalização, Apresentação e Animação.

Contacte um Dealer Autorizado AutoCAD. Conheça as características da nova versão 12.

MICROGRAF

Empresa de Distribuição de Microinformática e Grafismo, Lda.

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL

AUTODESK

SOFTDESK

Est. Ext. Circunvalação, 13 236 4450 MATOSINHOS - Tlfs. (02) 9376850/9379177 Fax 9379176

Água - Côr - Música

Madrid, Capital da Cultura 92

GHESA Ingeniería y Tecnología, S.A., empresa líder no sector da engenharia, a nível mundial, trabalha há mais de 20 anos em projectos relacionados com a água, a luz e o som.

A grande experiência adquirida, ao longo deste período, permite-nos ofrecer-lhe uma avançada tecnologia, criatividade e assessoria nos seus projectos que englobam desde os estudos prévios de desenho até às instalações «chave na mão».

GHESA oferece-lhe:

- Fontes Cibernéticas
- Fontes Ornamentais
- Fontes Singulares
- Arquitectura de Água
- Espectáculos Água-Luz-Som
- Fontes de Aluguer
- Etc.

Barcelona, Jogos Olímpicos 92

Sevilha, Exposição Universal 92

GHESA

GHESA

Rua Fonseca Cardoso, 39 (5.° Esq. Frente) 4000 PORTO Tel.: (02) 202 67 34-5 Fax: (02) 202 67 36
Avda. Concha Espina, 63 28016 MADRID Tel.: (1) 563 02 31 Fax: (1) 563 01 39

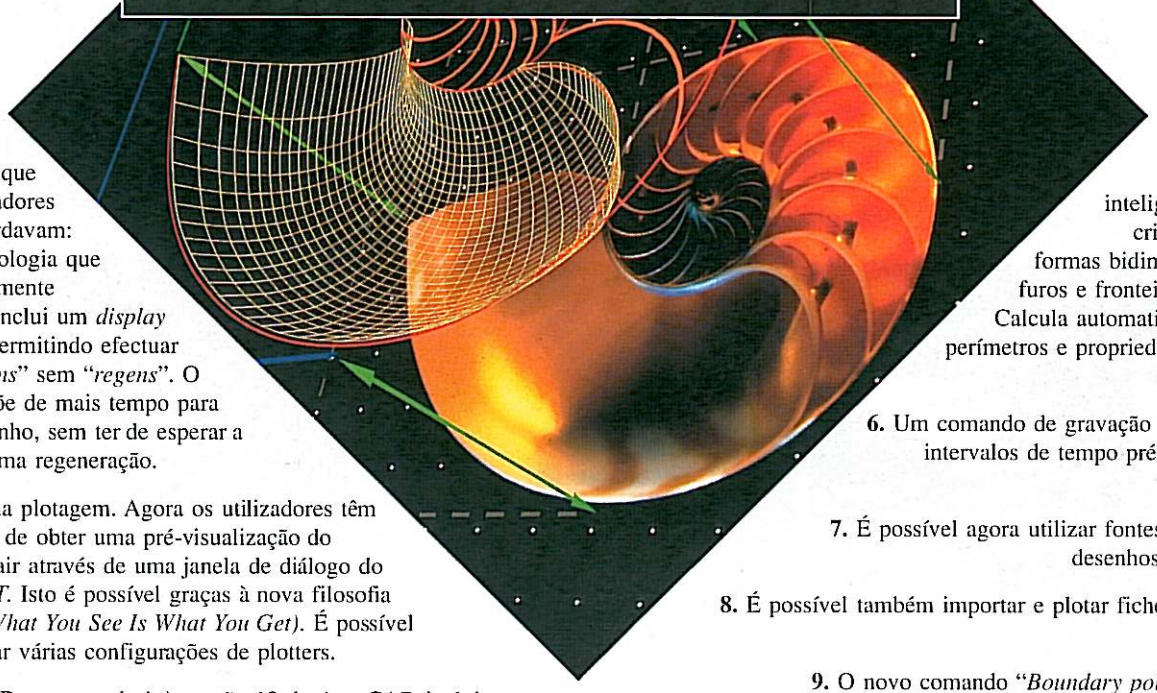
Para mais informações, enviem documentação a:

Empresa ..... Morada .....

Código Postal ..... Telefone ..... Pessoa a contactar .....

AutoCAD Versão 12

174 Novas Características



1. O AutoCAD versão 12 apresenta algo que todos os utilizadores há muito aguardavam: uma nova tecnologia que elimina virtualmente regenerações. Inclui um *display list* de 32-bit permitindo efectuar "*pans*" e "*zooms*" sem "*regens*". O utilizador dispõe de mais tempo para editar um desenho, sem ter de esperar a conclusão de uma regeneração.

2. Novidades na plotagem. Agora os utilizadores têm a possibilidade de obter uma pré-visualização do desenho a extrair através de uma janela de diálogo do comando *PLOT*. Isto é possível graças à nova filosofia WYSIWYG *(What You See Is What You Get)*. É possível também guardar várias configurações de plotters.

3. *Rendering* 3D espectacular! A versão 12 do AutoCAD inclui agora capacidades de visualização que anteriormente eram apenas possíveis através do AutoShade. A remoção de linhas escondidas é agora 100 vezes mais rápida.

4. AutoCAD SQL Extension (ASE) permite-lhe o acesso a informação contida em sistemas standard de gestão de base de dados via SQL. O ASE permite utilizar comandos que fazem a manipulação externa de informação não gráfica, ligando-a a entidades gráficas existentes em desenhos do AutoCAD.

5. O *Region Modeler* cria modelos 2D inteligentes. Permite criar rapidamente formas bidimensionais com furos e fronteiras complexas. Calcula automaticamente áreas, perímetros e propriedades de inércia de uma região.

6. Um comando de gravação automático em intervalos de tempo pré-definidos pelo utilizador.

7. É possível agora utilizar fontes Postscript em desenhos do AutoCAD.

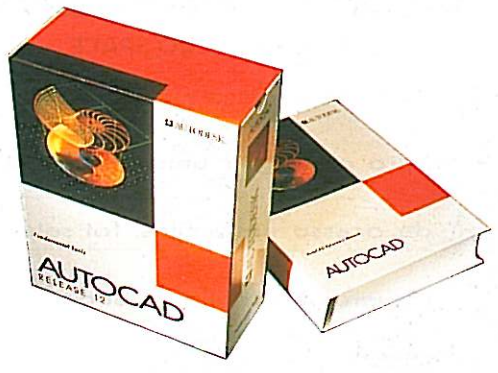
8. É possível também importar e plotar ficheiros Postscript em AutoCAD.

9. O novo comando "*Boundary polygon*" desenha automaticamente uma polilinha de definição do contorno de uma área fechada.

10. Novos comandos de selecção por uma janela de intersecção, "*Fence*" ou "*Polygon*" aceleram a selecção de entidades numa área densa ou complexa de um desenho.

11. Deixa de existir menu principal! O utilizador entra directamente no editor de desenhos do AutoCAD, onde é possível usar comandos standard de manipulação de ficheiros bem como operações de configuração, para além de continuar a trabalhar no desenho.

12. 174. Infelizmente estamos com falta de espaço. Mas pensamos que percebeu a ideia. A versão 12 do AutoCAD é aquela que até hoje apresentou melhoramentos mais significativos. O seu aumento de perfomance vai satisfazer todos os utilizadores de AutoCAD. Contacte o seu DAA (Dealer Autorizado AutoCAD) para mais informações ou para uma demonstração.



AUTODESK

Distribuidores oficiais em Portugal:

Avenida Infante Santo, 61, 5.º E - 1300 LISBOA
Telef. 604394 - Telefax 3975824

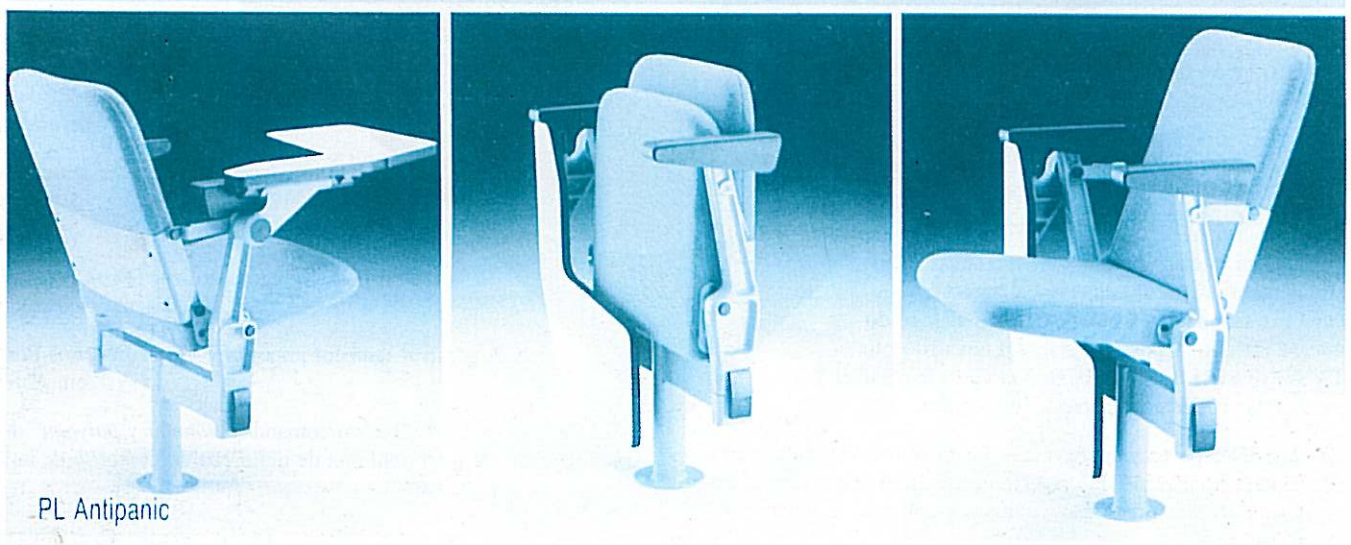
portus
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO S.A.

MICROGRAF

Empresa de Distribuição de Microinformática e Grafismo, Lda.

Est. Ext. Circunvalação, 13 236 4450 MATOSINHOS
Telef. (02) 9379177/9376850 Fax 9379176

Micro space



PL Antipanic

PORTO

CASA DAS ARTES – SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Arquitecto: Eduardo Souto Moura

Modelo: MICRO SPACE

Para conseguir uma instalação racional da sala com amplo espaço de acesso entre filas, foi seleccionado o modelo MICRO SPACE de Figueras International Seating. Esta poltrona independentemente do seu conforto e design oferece a vantagem de ocupar o mínimo espaço em posição fechada e está dotada de uma grande palmatória antipânico de recolha automática.

FIGUERAS INTERNATIONAL Seating

ALFETA

Alameda das Linhas de Torres, 59-A – Telef. 757 58 19 – Fax 759 87 93 – 1700 LISBOA • Rua Álvares Cabral, 83, S/L-E – Telef. 30 81 38 – 4400 VILA NOVA DE GAIA

Janela de sótão

VELUX®

Este produto de fama mundial está à venda em Portugal

A janela de sótão VELUX pode ser instalada em qualquer tipo de telhados.

Tanto em tectos elevados como em tectos planos, as janelas VELUX criam uma sensação de clareza e trazem luz natural às àreas escuras.

As janelas VELUX têm um acabamento completo:

- Janelas de vidro duplo
- Caixilho e empainelmento são feitos de pinho nórdico
- 100% estanqueidade entre janela e telhado por meio de rufos especiais
- Abertura para ventilação mesmo quando a janela está fechada
- Bons acabamentos e qualidade superior
- Gama completa de acessórios: estores, cortinas e toldos para todas as dimensões existentes

Contacte - nos ou envie este cupão para obter mais informações.

VELUX INTERNATIONAL A/S
Sucursal em Portugal
Rua de S. Sebastião da Pedreira, 100 - 3°
1000 Lisboa
Telf.: 01- 52.26.03
Fax: 01- 52.61.26

® VELUX é uma marca registada

Por favor envie-me mais informações sobre a janela VELUX

Nome: _____

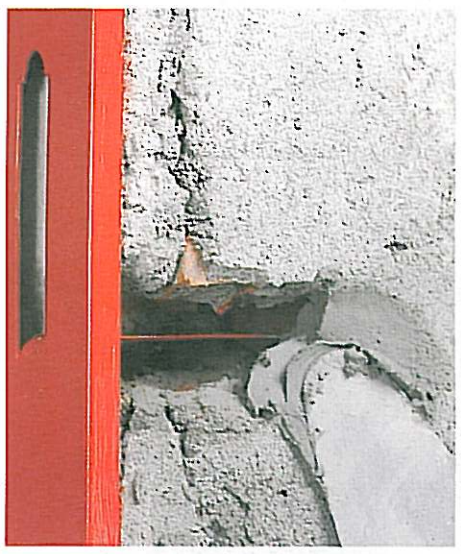
Morada: _____

_____

Telf: _____

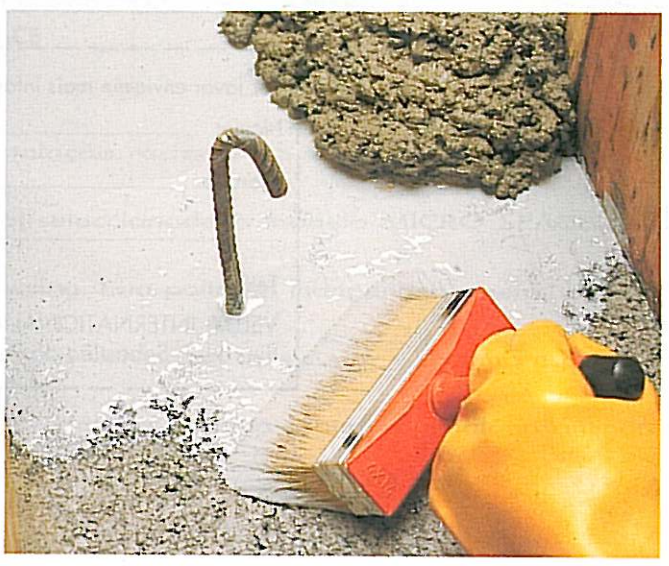
VELUX INTERNATIONAL A/S, Sucursal em Portugal
Rua de S. Sebastião da Pedreira, 100 - 3°, 1000 Lisboa

PRODUTOS QUIMICOS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL



OS PRODUTOS MAPEI SÃO DISTRIBUIDOS EM PORTUGAL PELA SOMATEX LDA
AVENIDA DA PONTE, LOTE 62 c
PINHAL DOS FRADES - 2840 SEIXAL
TEL.: (01) 2240173 / 2243146
FAX: (01) 2243069

MAPEI



20099 Sesto San Giovanni (MI) Via B.Buozzi,62

Roca

O Escantilhão de Símbolos Gráficos Roca de Artigos Sanitários

Agora em Diskette

OFERTA GRATUITA

Pedidos :

Roca

Rua José Duarte Lexim, Lt. 6
2675 ODIVELAS
Telef. 01-987 76 67 / 987 55 39 Fax 987 54 05

CONCURSO DE ARQUITECTURA E DESIGN
PAVIMENTOS DE CORTIÇA

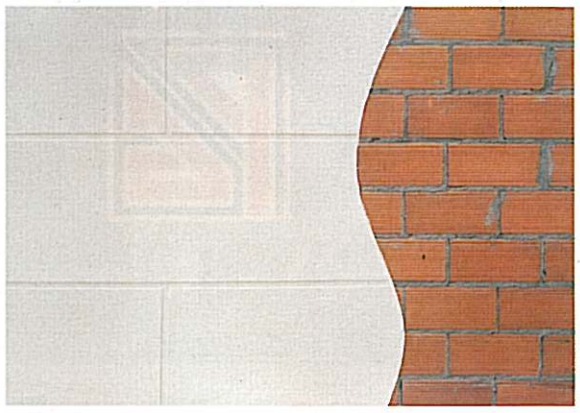
ipocork®

ORIGEM DE BEM-ESTAR.

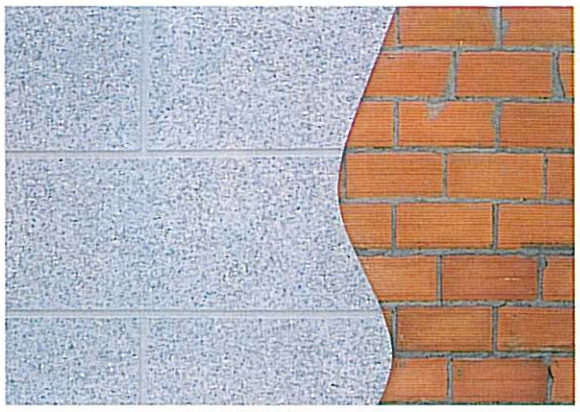
CONVIDAM-SE TODOS OS ARQUITECTOS DE NACIONALIDADE PORTUGUESA
COM
ORGANIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES
SOB O PATROCÍNIO DA:
IPOCORK – INDÚSTRIA DE PAVIMENTOS E DECORAÇÃO S.A.

PARA OBTENÇÃO DO REGULAMENTO
ESCREVA PARA:
IPOCORK – INDÚSTRIA DE PAVIMENTOS
E DECORAÇÃO S.A.
M. N.
P. O. BOX 13 S. PAIO DE OLEIROS
4335 LOUROSA
TELEF. 7641310
FAX 2-7646621

UM REVESTIMENTO COM FUTURO



REPOIS-R



REPOIS-P

ALGUMAS DAS MUITAS OBRAS PROTEGIDAS COM:

REPOIS

Prestígio ao melhor Serviço da Galiza

Prestígio da Galiza

FABRICADO POR:

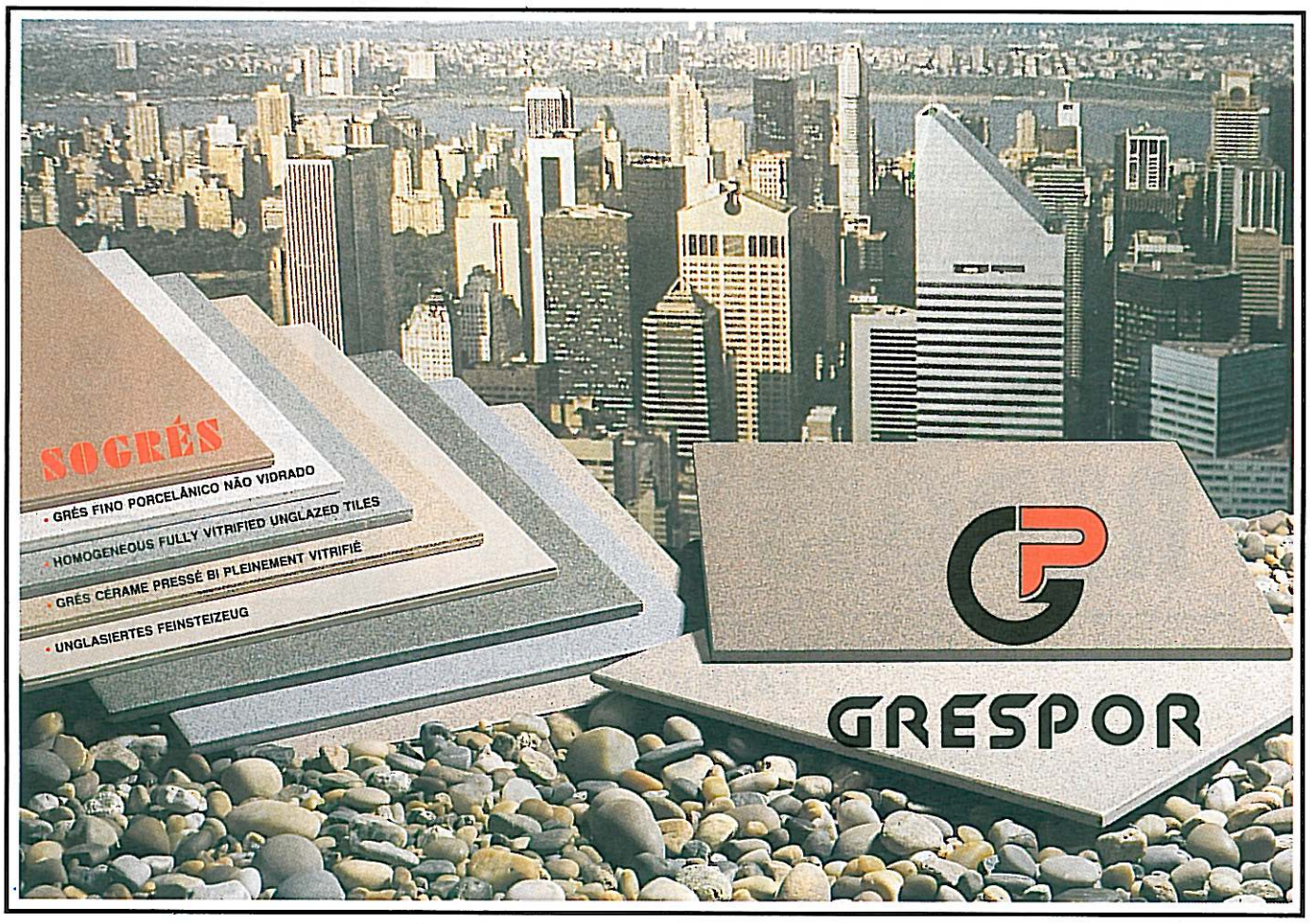
Polígono Industrial da Sabón, Parcela 156
Telef.: (3481) 600954 - 10 linhas
Fax: (3481) 601508

TEAIS

TEAIS PORTUGAL, S.A.
Zona Industrial de Rio Maior,
Lotes 151 a 153 • 2040 RIO MAIOR
Tel. (043) 91 375-91 363 • Fax (043) 91 339

ARTEIJO - LA CORUÑA - ESPAÑA

PAVIGRES
PAVISOLO
• MOSAICOS VIDRADOS, DE PASTA BRANCA VITRIFICADA. MONOCOZEDURA
• CARREAUX ÉMAILLÉS EN PATÉ BLANCHE VITRIFIÉE. PRODUITS PAR MONOCUISSON
• GLAZED TILES. MADE OF VITRIFIED WHITE BODY, SINGLE FIRED
• GLASIERTE FLIESEN. GESINTERT. WEISS-SCHERBIG. EINBRAND.


SOGRÉS
• GRÉS FINO PORCELÂNICO NÃO VIDRADO
• HOMOGENEOUS FULLY VITRIFIED UNGLAZED TILES
• GRÉS CÉRAME PRESSÉ BI PLEINEMENT VITRIFIÉ
• UNGLASIERTES FEINSTEIZEUG
GRESPOR

CRUZFER

GRUPO GRETSCH-UNITAS

G-U BKS FERCO

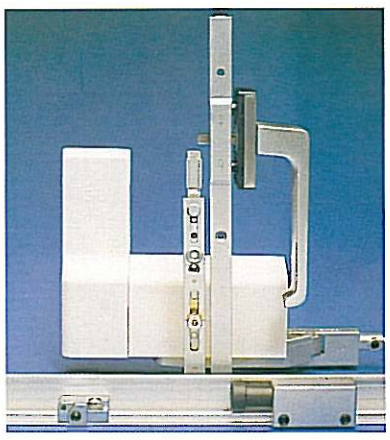
O ano de 1992 deverá representar a consolidação de qualidade e avanço tecnológico, a **CRUZFER** acompanha esses acontecimentos em conjunto com o GRUPO GRETSCH-UNITAS

ESTORES EXTERIORES
ORIENTÁVEIS **WAREMA** E PAUL

- 80 ou 60 mm
- Manuais ou eléctricos

PORTAS DE FOLE
EM MADEIRA E PVC

- Woodfold
- Beta

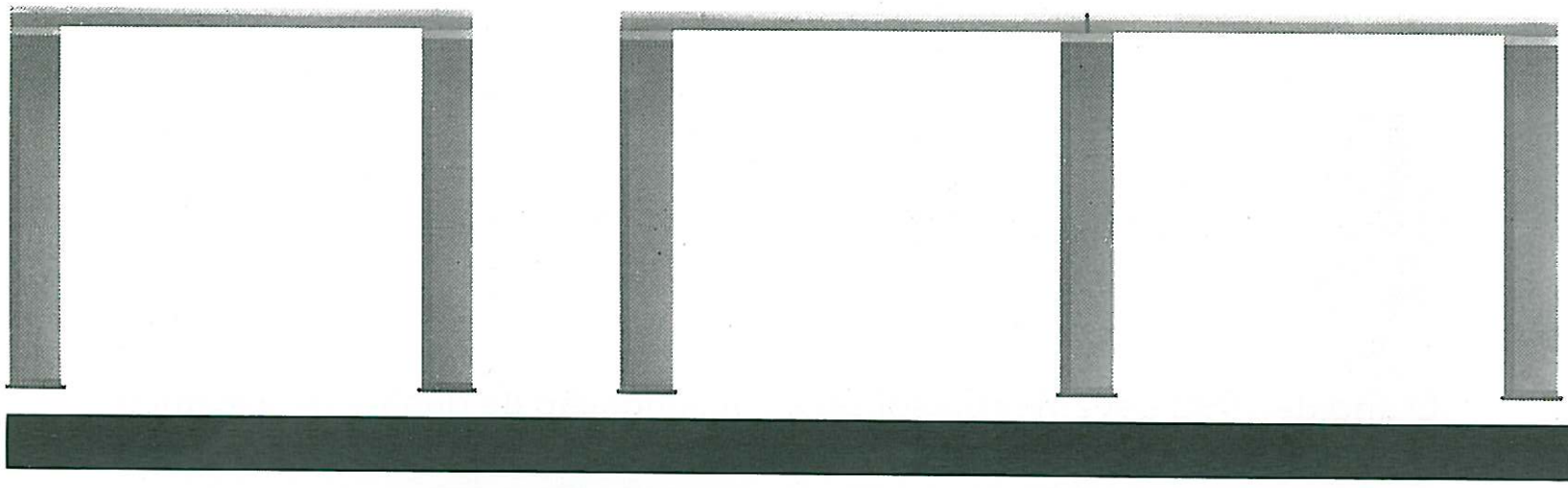


FERRAGENS PARA CAIXILHOS
DE ALUMÍNIO, MADEIRA E PVC

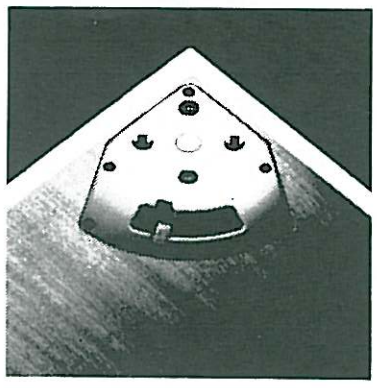
- Oscilo-batentes
- Caixilhos de correr
- Comandos à distância
- Molas aéreas
- Cilindros e mestragens BKS

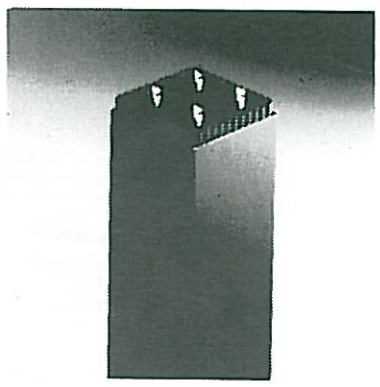
CONSULTE-NOS!

Rua Sacadura Cabral, 73 s/c · Cruz Quebrada · 1495 Lisboa · Tels. (01) 4150806 - 4150783 · Fax: (01) 4197858



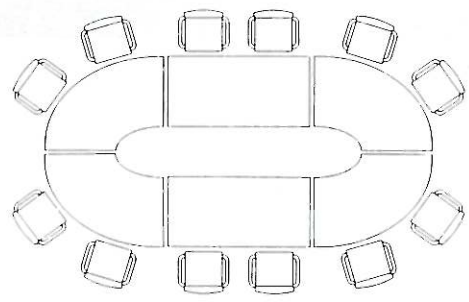
Fazer melhor é impossivel
Tornar mais simples... muito dificil.



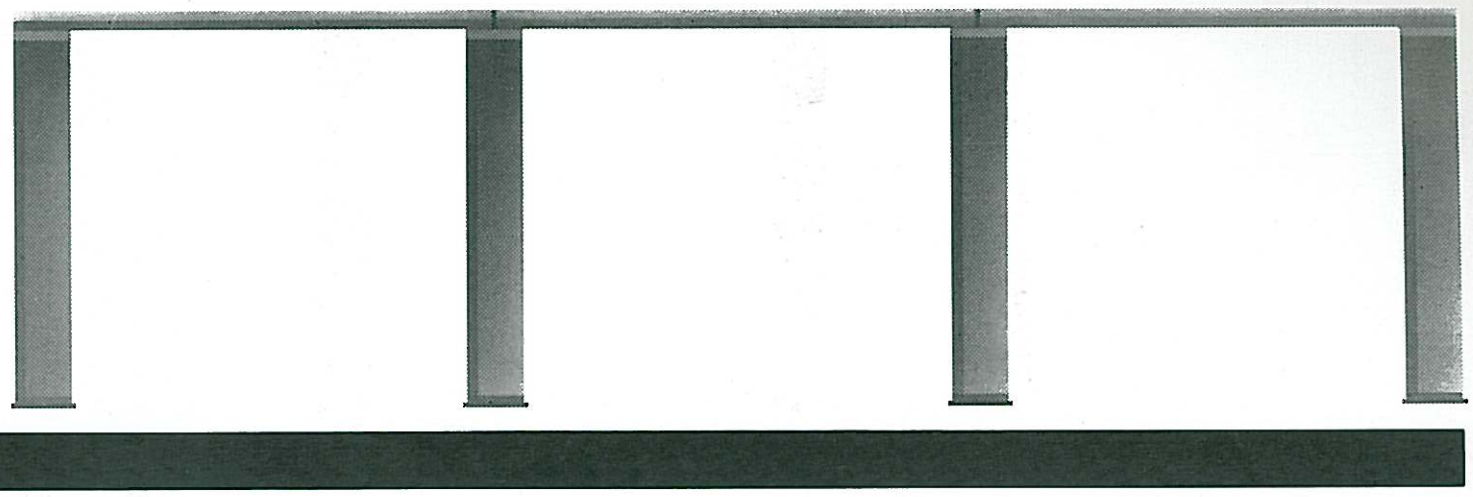


Programa 640 Palette Design
Karl Heinz Rubner

Com Palette, o conceito de mesa adquire uma dimensão nova e inigualável. Trata-se de uma autentica peça de arquitectura mobiliária, que seduz pela sua beleza serena, livre de adornos desnecessários. A sua elegancia e sobriedade fazem lembrar a perfeição dos tempos clássicos. E tal como estes, esconde na sua simplicidade, uma técnica elaborada.
A nova criação de Wilkhahn torna



fácil o
quatro
que se
sem ne
Com u
adquir



fácil o dificil. Cada uma das suas quatro pernas tem quatro pivots que se inserem no tampo das mesas sem necessidade de ferramentas. Com uma facilidade espantosa, adquire a forma desejada em qualquer momento: rectangular, ovalada, em L... Podem crescer ou permanecer desmontadas ou empilhádas, segundo as necessidades do momento.
As mesas Palette dão um ar de frescura e descontracção às suas reuniões e conferencias, porque são uma solução bela e idónea. Francamente, achamos que é impossivel fazer melhor. E tornar mais simples, muito dificil. Se deseja informação adicional solicite o nosso catálogo especial dirigindo-se a - Carvalho Araujo, S. A...

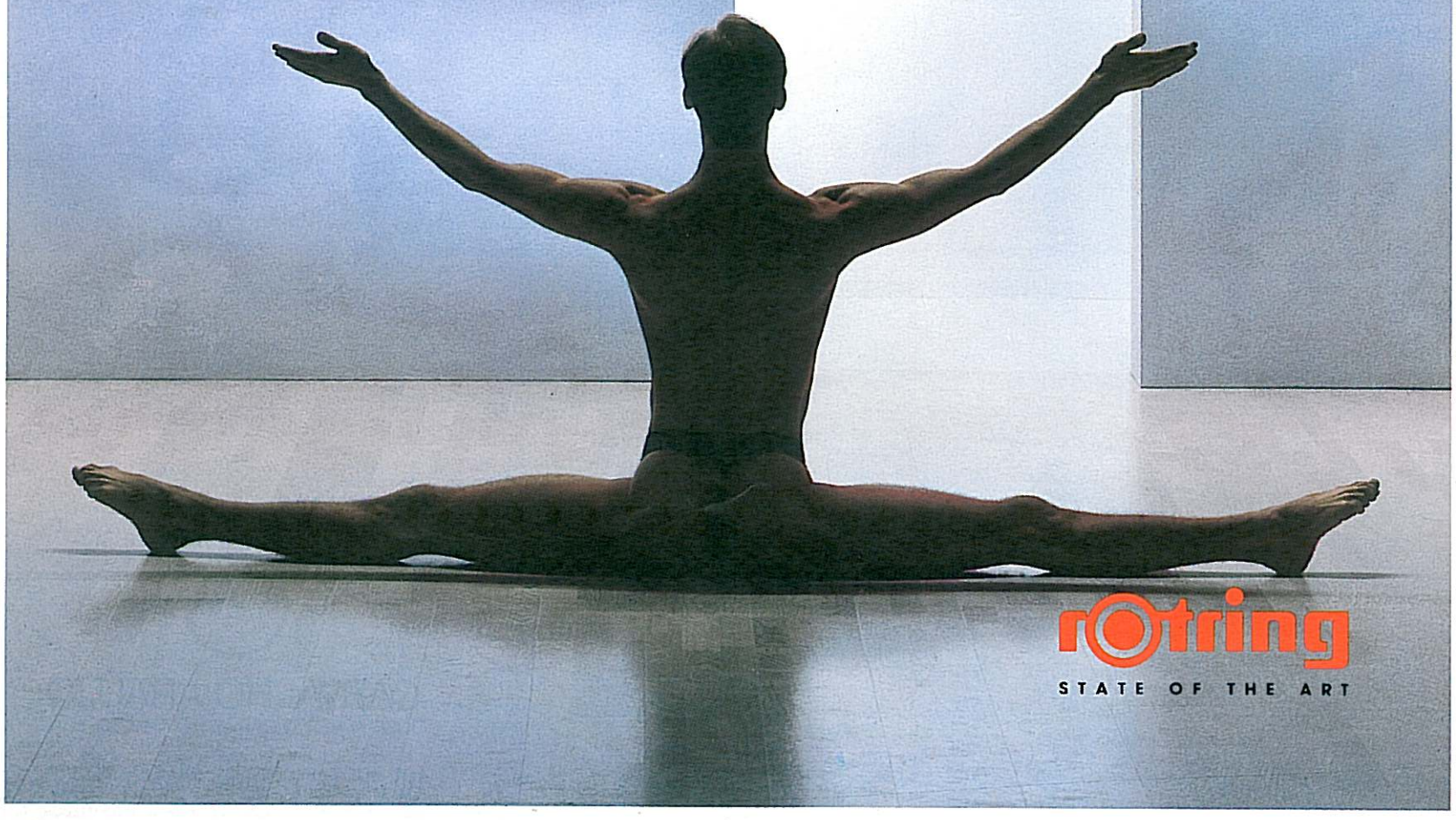
Wilkhahn. Nada assenta melhor.

CARVALHO ARAÚJO
JOSÉ ALBERTO CARVALHO ARAÚJO, S. A.

RUA DOS BARBOSAS, 29. BRAGA 53/612718.
RUA BARATA SALGUEIRO, 37 C. LISBOA 01/3521697.
RUA DE JOAO IV, 385/403. PORTO 02/5102889.

MUITOS TÊM A TRADIÇÃO...
...NÓS TEMOS O FUTURO!

Existe um conceito tradicional na forma de encarar um objecto de escrita. Chamemos-lhe clássico. Nós, na rotring, tomámos uma opção diferente, para lhe proporcionarmos uma alternativa: a rotring 600! Com aparo em aço ou em ouro de 18 Kts. Também disponível em esferográfica, rollerball, lapiseira e trio-pen.



ROTRING 600 ANZ. MOTIV: "SPAGAT"

16
roteiro
18
actual
19
preservativo
20
eleições
35
terreiro do paço
48
prémio secil
55
leituras
56
fiscal/construção

ARQUITECTOS

10-12-92
UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA

EDITORIAL

O prémio Secil de Arquitectura é um importante prémio de arquitectura, uma das mais dignificantes distinções da cultura no nosso país, recompensa significativa mesmo além fronteiras. É justiça elementar felicitar o promotor e a AAP pela integridade da iniciativa e, o primeiro vencedor, Eduardo Souto de Moura, autor de um dos mais serenos e inconstestáveis testemunhos de consistência da actual arquitectura portuguesa.

Tema não menos determinante é o da apresentação das listas para eleição dos corpos directivos da Associação. Como justamente afirma o candidato a Presidente do Conselho Directivo Nacional, em carta aberta que publicamos, é imprescindível, à míngua de oposição assumida, que a classe encontre no voto as formas adequadas de expressão interventiva, eximindo-se à atracção desvirtuadora da indiferença.

João Nasi Pereira

116
OUTUBRO DE 1992

Director **Francisco Silva Dias** • Director-Adjunto **João Nasi Pereira** • Chefe de Redacção **Margarida Colaço** • Secretária de Redacção **Fátima Cecílio** • Conselho de Redacção **Manuel Queiroz** (CDN), **Vasco Massapina** (CDR Sul), **Rosário Rodrigues** (CDR Norte) • Colaboram neste número **Alberto Oliveira, Ana Isabel Ribeiro, Ana Silva Dias, Fátima Coelho, Fátima Conceição Silva, João Cabral, José Adrião Costa Martins, Luísa Rolim, Mário Chaves, Pedro Pacheco, Pedro Vieira de Almeida, Ricardo Back Gordon** • Fotografias **Ilídio Teixeira** • Relações Públicas, Marketing e Publicidade **Maria de Lurdes Melo** • Redacção e Administração **Rua Barata Salgueiro, 36, 1200 Lisboa, telefone 352 64 45-352 86 08, telefax 54 36 67** • Direcção gráfica **Silva e Garrido, Divisão Gráfica** • Execução gráfica **José Manuel Serrano, Oficina de Artes Gráficas, Lda., Rua da Oliveira ao Carmo, 22 r/c, 1200 Lisboa, telefone 347 62 52/3/4, telefax 347 62 55** • Distribuição nacional **Interpress, Lda., Soc. Distribuidora de jornais e revistas, Lda., Rua do Norte, 115-1.º, 1200 Lisboa, telefone 342 21 00 / 342 22 04 / 342 23 49 / 342 07 84 – Distribuição para região norte. Interpress, Lda., Rua Monte dos Pipos, 326, Custóias, 4450 Matosinhos, telefone 953 17 49 /50 / 1 / 2** • Tiragem **6000 exs.** • Depósito Legal **27626/89** • ISSN **0870-1504 O AAP** • **Propriedade da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP)**

CONCURSOS

"UMA IDEIA JOVEM PARA LISBOA"
Até 15 de Janeiro de 1993
CML – Direcção de Projecto de Planeamento Estratégico

A Câmara Municipal de Lisboa, através da Direcção de Projecto de Planeamento Estratégico (DPE) promove um concurso que visa valorizar o contributo dos jovens na construção da Lisboa do futuro.

Esta iniciativa destina-se a seleccionar ideias inovadoras, que conciliem a imaginação mais prodigiosa com a possibilidade de concretização, seja no domínio da arquitectura e urbanismo, da literatura, da arte, da engenharia, do ambiente e vivência da cidade, ou a realização de um qualquer evento.

Podem concorrer, individualmente ou em equipa com o máximo de 5 elementos, jovens dos 13 aos 25 anos de idade distribuídos em 2 escalões etários: (A – dos 18 aos 25 anos / B – dos 13 aos 17 anos).

Os concorrentes poderão tomar como referência as Propostas do Plano Estratégico de Lisboa que poderá ser consultado na DPE – Rua Alexandre Herculano, 46-5.º; na Divisão de Concursos, Compras e Armazéns – Rua Pascoal de Melo, 81-2.º ou adquirido e consultado na Livraria Municipal, Av. da República, 21-A (1200$00)

CONCURSO "FUTURA BAUHAUS" 1992/1993

Concurso para jovens estudantes de arquitectura, promovido pela Bauhaus de Dessau. Os estudantes de arquitectura de cerca de 350 universidades e institutos superiores de Belas Artes de 29 países europeus são convidados a participar num concurso para projectar uma nova Academia de Arquitectura e Engenharia Civil em Dessau, na Alemanha. A parte principal da Academia que compreende as Faculdades de Arquitectura e Engenharia Civil e Design, será construída onde a Bauhaus original foi inaugurada em 1926, Dessau. A recepção da documentação é feita a partir de 9 de Junho de 1992 e o prazo de entrega dos projectos a concurso é 14 de Abril de 1993.

Informação:
Secretaria da Futura Bauhaus
C/o Pilkington Deutschland GmbH
Ernestinenstrasse 60
D-4300 Essen 1 – Alemanha

CONCURSO DE DESIGN FOLHEADO – A NATUREZA EM FUNÇÃO DO DESIGN
Até 28 de Fevereiro de 1993

Como antecipação da "Interzum 93" e sob a iniciativa dos sectores económicos alemães ligados à floresta e à madeira, trabalhando em colaboração com a KölnMesse, foi anunciado o concurso do design para a criação de superfícies com folheados intitulado "O folheado – a natureza em função do design".

O concurso decorre até 28 de Fevereiro de 1993 e tem como objectivo fomentar a apreciação geral dos sinais naturais de crescimento de folheados. São chamados a participar os designers, os arquitectos de interior e os artistas nacionais e estrangeiros, os estudantes nas escolas superiores de design, de arquitectura e de arte, bem como os especialistas e os aspirantes a mestre de marceneiro e ebanista. As três melhores obras serão dotadas com os prémios de DM 10 000, 6000 e 4000, respectivamente, e expostas durante a "Interzum 93". A Arbeitsgemeinschaft Holz e.V., Füllenbachstrasse, 6, D – 4000 Düsseldorf 30, fornece mais esclarecimentos sobre o concurso.

Informações sobre a "Interzum 93" do representante em Portugal da KölnMesse:
Walter & Cia., Lda.
Fax (01) 53 93 11 – Telex 12784

CONFERÊNCIAS

II FORUM DO URBANISMO
11 de Dezembro a 2 de Abril de 1993
Auditório da Comissão de Coordenação Regional de Lisboa e Vale do Tejo

11 de Dezembro – 2.º Módulo: Implementação de Planos Directores. Dois casos: Moita e Viana do Castelo.

8 de Janeiro – 3.º Módulo: A relação entre o projectista e a Administração.

Enfoque principal nas Câmaras Municipais (este módulo destina-se a abordar especificamente questões práticas).

12 de Fevereiro – 4.º Módulo: A competitividade entre cidades: critérios de hierarquização das cidades; a mediação da qualidade urbana (línguas de trabalho deste módulo: português e inglês).

8 de Março – 5.º Módulo: Apoios comunitários para as cidades. "A organização das cidades da Comunidade; a Comissão e as organizações das cidades; transmissão à Comissão de problemas urbanos; apoios comunitários no Quadro Comunitário 89/93; processos de organização para influenciar os Quadros Comunitários de Apoio."

2 de Abril – 6.º Módulo: A governação das cidades: Governo central *versus* Governo local. "Os problemas das cidades e áreas metropolitanas, são preocupações dos governos nacionais e das comunidades locais. Este facto dificulta frequentemente o equilíbrio de competências e poderes. A questão do "governo metropolitano" vai ser abordada, assim como a questão da eventual necessidade duma política urbana nacional.

Serão abordadas diversas experências europeias".

Informações:
Dr.ª Lucília Ribeiro
Tel.: (01) 395 05 50 / 395 65 21

3.ª CONFERÊNCIA EUROPEIA DE ARQUITECTURA
Energia solar na Arquitectura e Planeamento Urbano
17 a 21 de Maio de 1993
Palazzo dei Congressi
Florença – Itália

Organizada pela Comissão das Comunidades Europeias, esta conferência abordará os seguintes assuntos:

Sistemas solares passivos e activos; Fotovoltaicos no sector da construção; Design de instrumentos; Integração de componentes; *Performance* de "Edifícios Solares"; Exemplos de Integração de Tecnologias Solares na Arquitectura e na Arquitectura Bioclimática; Infra-estruturas solares urbanas; Propostas para novos sistemas de Trabalho.

Informações:
WIP
Sylvensteinstrasse, 2
D – 8000 München 70
Deutschland
Tel.: 49897201232 – Fax: 7201291

CONSERVARE 93
Ostende – Bélgica
13 a 17 de Outubro de 1993

O Forum Europeu sobre a preservação, protecção e restauro do património, a decorrer entre 13 e 17 de Outubro de 1993, prevê uma série de manifestações: exposição de produtos e técnicas ao serviço do restauro; um conjunto de conferências, de ateliers, uma feira de publicações consagradas à preservação; um festival de filmes, no final do qual será decidido o prémio do forum.

Informações:
Conservare NV
Troonstraat 66
B – 8400 Ostende – Bélgica

PRÉMIO MUNICIPAL

Prémio Municipal "Roberto de Araújo Pereira" de Design
C. M. Lisboa

Este prémio, no valor de 500 contos, pretende estimular o Design de aplicação no contexto urbano de Lisboa. Instituído pelo município de Lisboa em 26/1/89, destina-se a galardoar anualmente o autor ou autores do melhor projecto de Design, de natureza tridimensional, inédito, visando melhorar o contexto urbano de Lisboa.

Informações:
Regulamento e informações na CML
– Pelouro da Cultura
Tel.: (01) 347 43 65 / 9 – Fax: (01) 347 79 54

EXPOSIÇÕES

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE VIEIRA DA SILVA "OBRA GRÁFICA"
Palácio Galveias – Lisboa
Até 6 de Dezembro de 1992

BATI-3R
Parc d'Expositions de Paris Porte de Versailles
17, 18 e 19 de Março de 1993

Exposição sobre restauro, renovação e reconversão de edifícios antigos.

Os principais temas da conferência que haverá simultaneamente são: Os trajectos da formação; A reconversão dos edifícios antigos, da concepção à realização; As actividades de rentabilização

de monumentos antigos; A reabilitação; Jardins e parques.

Informações:
Virginie Tarot (Mack-Brooks Exhibitions Ltd)
Forum Place, Hatfield
Herts AL10 ORN, England
Tel. 44707275641 – Fax 44707275544

FARBE 93
Exposição Internacional para a Pintura e Aplicação de Tintas – Colónia
25 a 28 de Março de 1993

A FARBE 93 é, a nível internacional, o principal centro de informação e de encomenda para todo o sector da tinta.

Informações:
Walter & Cia.
Tel. (01) 355 62 54

"OBJECTOS INSÓLITOS E JÓIAS DE AUTOR"
Loja "Dois Arquitectos"
Praça das Flores, 37, Lisboa
A partir de 5 de Novembro

Pintura de José Cândido, escultura de Manuel Barroco e jóias de Alberto Gordillo, Pedro Luiz e Luís Moreira.

CONGRESSOS

10.º CONGRESSO UNIÃO INTERNACIONAL DE MULHERES ARQUITECTAS
Cidade do Cabo
África do Sul
15 a 20 de Março de 1993

As mulheres arquitectas da África do Sul desejam as boas-vindas às mulheres de todo o mundo que trabalhem na indústria da construção e convidam-nas a deslocarem-se à Cidade do Cabo em Março de 1993 para participarem no 10.º Congresso da UIMA. A África do Sul é o microcosmo dos enormes desafios que o mundo enfrenta e do papel das mulheres no campo da construção. O tema do congresso: "Sociedade em Transição – gestão do meio urbanizado no mundo em vias de desenvolvimento", abarcará assuntos tais como: alojamento, ensino, serviços de saúde, conservação, finanças, etc.

XVIII CONGRESSO UIA
Chigado 93
18 a 21 de Junho de 1993

O XVIII Congresso da UIA decorrerá simultaneamente à Convenção da AIA, à "World Expo 93" e à NEOCON 93. O tema do congresso é "A arquitectura numa encruzilhada: conceber um futuro viável". O programa detalhado estará disponível a partir de Fevereiro de 1993.

Informações e Inscrições:
AIA Convention Department
1735 New York Avenue, NW
Washington DC 20006
USA

FEIRAS

INTERZUM 93
Colónia
14 a 18 de Maio de 1993

Salão internacional da indústria do mobiliário, arquitectura de interiores e decoração.

ANÚNCIOS

• Estudante austriaco no 5.º ano (2 anos de prática em atelier vienense), gostaria de trabalhar em Portugal durante 1 ano.
Cont. Tel.: 295 43 04 – Fax: 295 83 27

• Jovem arquitecto francês, com prática, gostaria de integrar-se em atelier português.
Cont. Jean-Philipe Boisson, 141 Rue Paul Bellamy – 44000 Nantes
Tel. 40 37 96 44

• Jovem arquitecto procura colocação em atelier no Algarve ou em Lisboa.
Cont. (089) 27 128

• Estudante de arquitectura procura trabalho em atelier.
Cont. Lourenço Pereira Coutinho
Tel. 443 38 12

• Arquitecta com 10 de anos de experência profissional, procura colocação em atelier ou gabinete, em regime de part-time.
Cont. Ana Jesus – Tel. 758 36 55

• Desenhador procura trabalho em atelier de arquitectura.
Cont. Manuel Tavares
Tel. 410 23 55

• Arquitecto com 10 anos de experiência, procura colocação em atelier de Lisboa.
Cont. João Luiz Costa
Tel. 815 28 41

• Estudante de arquitectura procura trabalho em atelier de Lisboa. Cont. Luís Nuno Barbas
Tel. 388 64 95

• LÍDER EUROPEU EM DESENHO INDUSTRIAL NECESSITA PARA O SEU ATELIER EM PORTUGAL: Arquitecto para desempenhar funções técnico-comerciais no sector de mobiliário, no atelier de desenho, com produtos introduzidos no mercado português. Dependerá da sede central e responsabilizar-se-á pelos contactos com arquitectos e profissionais na promoção, assessoria técnica e realização de implantações. Idade: 27/35 anos.
Informações e CV p/ Arq. Vicente Gil c/ P.º de la Castellana, 166 28046 Madrid

• EMPRESA DE ÂMBITO INTERNACIONAL ALUGA ATELIER Piso: 120-200 m² / Dois escritórios e sala, no mínimo. Possível edifício senhorial com relativa facilidade de estacionamento ou construção antiga reabilitada.
Enviar informação completa com situação, estado e preço para: Arq. Vicente Gil / P.º de la Castellana, 166 – 28046 Madrid

NOVOS SÓCIOS

MARCO PAULO FIALHO FERREIRA CHAVES, CML – DCEDO – Divisão de Construção – R. da Palma, 169-3.º, 1000 Lisboa • MARIA JUDITE MONTEIRO SOARES, R. das Furnas, 21, r/c, Esq. 1500 Lisboa • PEDRO MIGUEL MONTEIRO DE ARAÚJO, R. Prof. Mark Athias, lote 84, 1.º B, 1600 Lisboa • VÍTOR MANUEL MAH ALVES DA SILVA, R. Morais Soares, 43, 1.º, Esq. 1900 Lisboa • MARIA DE JESUS CARREIRA BORGA, R. dos Arneiros, 21, Tornado, 2500 Caldas da Rainha • CARLOS RUI LOPES DE SOUSA, R. da Procissão, 10, Ericeira, 2655 Ericeira • ANTÓNIO GARCIA ORDAZ CANAVEIRA, Vivenda Ramos, R. Figueiras, Torre, 2750 Cascais • JOÃO PERESTRELLO DE LACERDA MARQUES, R. dos Remédios à Lapa, 24, 1.º, 1200 Lisboa • JOÃO PEDRO FERNANDES DOS SANTOS, R. Virgílio Correia, 4, 8.º Dto., 1600 Lisboa • LUÍS MIGUEL SILVESTRE DE ALMEIDA CARVALHO, Av. Arantes e Oliveira, 4, 6.º A, 1900 Lisboa • PAULO JOSÉ DE ALMEIDA COSTA, Rua dos Vasos, lote 4, Cruz da Areia, 2400 Leiria • JOÃO LUÍS DE ALMEIDA LOPES, Lote 21, 2.º, Esq., Bairro Chepsi, Qta. da Piedade, 2625 Póvoa de Santa Iria • RUI MIGUEL FLORES JORGE, Pcta. Sá de Miranda, lote 18, C, 6.º Dto., Cidade Nova, 2670 Loures • ANA CRISTINA CORTEZ DOS SANTOS VELOSO, R. Moçâmedes, 56, 2775 Parede • CARLA MARIA REBELO JARDIM LOPES, Tapada do Mocho, A 1, 6.º C, Paço de Arcos, 2780 Oeiras • TELMO MANUEL FERREIRA CORDEIRO, R. de Ceuta, 4, 12.º D, 2795 Linda-a-Velha • GISELA MARIA TERFEHR, R. do Comércio, 87, 8135 Almansil Codex • FILIPA ALEXANDRA FERNANDES DE SOUSA, Caminho do Corgo, 31 9000 Funchal • MARIA MANUELA DE MONTEIRO CORTE REAL, R. João Vaz Corte Real, 35, 9700 Angra do Heroísmo • JOÃO RAFAEL NAVAS CÂNDIDO, Av. Salvador Allende, Qta. Giesta, Casa Valimar, Paço de Arcos, 2780 Oeiras • MÁRIO FERNANDO DO CARMO FORTUNA, R. Infante D. Augusto, 67, 2.º Dto., 2840 Seixal • STEWART SEATON, R. do Comércio, 87, 8135 Almansil Codex • MELLY IVONE FERNANDEZ RODRIGUEZ SEQUEIRA, Cam. Casa Velha, R. das Amoreiras, Bom Sucesso, 9000 Funchal • MARINO OLIVEIRA DE PAMPLONA CORTE REAL, R. João Vaz Corte Real, 35, 9700 Angra do Heroísmo

[illegible]

Com o nosso pedido de desculpas a Fernando Hipólito, João Rodeia e leitores, concluímos neste número a publicação da carta enviada pelos autores à Assembleia da República, a propósito do "Concurso de S. Bento", e que por lapso não foi publicada na sua íntegra no anterior número (pág. 23).

"7. Por outro lado, dadas as dúvidas levantadas por alguns dos concorrentes, *devem os Órgãos de Tutela assegurar a efectiva independência de todos os membros do Júri na decisão final do Concurso*, evitando qualquer suspeita levantada por qualquer tipo de relação profissional ou académica entre alguns desses membros com qualquer dos concorrentes, aplicando efectivamente o disposto no artigo 4.2.7 do Regulamento ("não podem colaborar *de qualquer modo* com um concorrente (...) os membros do Júri, da Comissão Organizadora e eventurais Consultores deste Concurso").

Aproveitamos a ocasião para informar V.ª Ex.ª que o consultor e representante jurídico da equipa *Templos Modernos* é o Exm.º Dr. José Luís Ramos. Do mesmo modo se informa que a equipa *Templos Modernos* se reserva o direito de dar conhecimento público da presente carta.

Muito gratos pela atenção dispensada e certos da sua compreensão, enviamos a V.ª Ex.ª os nossos melhores cumprimentos.

Respeitosamente,

(Fernando Hipólito, João Belo Rodeia, arq.ºs coordenadores de equipa)"

PROFISSÃO AMEAÇADA TAMBÉM EM ESPANHA

O Presidente do CDR Sul da AAP participou em Madrid no passado mês de Setembro, numa reunião dos Presidentes das Associações de Arquitectos das Capitais Europeias, a pedido do Decano do Colégio de Arquitectos de Madrid, arquitecto Luis del Rey.

Em causa estava um projecto do Tribunal da Concorrência espanhol que visava eliminar os mecanismos do exercício da profissão naquele país, considerados "anti-concorrenciais", como o "visado", a cobrança de honorários pelo colégio e as próprias tabelas de honorários e a inscrição obrigatória.

Os representantes de Portugal, Reino Unido, Espanha, Irlanda, França e Itália presentes acordaram numa declaração onde se expressa a "preocupação pelo conteúdo do projecto de lei sobre "normas reguladoras de los Colegios Professionales" e pelos prejuizos irreparáveis que ele provocaria à organização das profissões em Espanha, considerada modelar na Europa, manifestando a sua plena adesão ao movimento de convergência europeu na profissão (...)".

COLEGIO OFICIAL DE ARQUITECTOS DE MADRID
Luis del Rey ..... *Decano-Presidente*
Amalia Castro Rial ..... *Adjunto a Decano*
Jose I. Casanova ..... *Presidente Comisión Control*

ROYAL INSTITUTE OF BRITISH ARCHITECTS
John Bartlett ..... *Past President*

ORDINE DEGLI ARCHITETTI DI ROMA
Gian Carlo Capolei ..... *Presidente*
Luigi Moretti ..... *Vicepresidente*

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES
Pedro Brandão ..... *Presidente*

ORDRE REGIONAL DES ARCHITECTS D'ILE DE FRANCE
Jean Marie Charpentier ..... *Presidente*

ROYAL INSTITUTE OF THE ARCHITECTS OF IRELAND
Peter Hanna ..... *Presidente*

COMUNICADO DO CONSELHO NACIONAL DE PROFISSÕES LIBERAIS - CNPL

Considerando que o sistema dos "pagamentos por conta", exigidos aos trabalhadores independentes em consequência da nova redacção dada ao artigo 95 do Código do IRS, constitui técnica moderna e subtil que substitui os *"empréstimos forçados"*, já hoje raros nos Estados ditos democráticos;

Considerando que, para os trabalhadores independentes, este regime se cumula com as "retenções na fonte" e é profundamente *injusto e discriminatório*, face ao regime previsto para os trabalhadores dependentes e para os comerciantes;

Considerando que, além de injusto e discriminatório, tem laivos de inconstitucionalidade, na medida em que admite que os trabalhadores independentes paguem mais imposto do que devem efectivamente;

Considerando que, para os trabalhadores independentes, que suportam avultadas despesas periódicas e sofrem todos os riscos inerentes à forma como exercem a profissão, os "pagamentos por conta" acabam por converter-se em verdadeiros *"empréstimos forçados", não se limitando o mento do imposto, mas atri- Estado a antecipar o paga- buindo-se a possibilidade de se financiar com o dinheiro dos trabalhadores independentes;*

O CONSELHO NACIONAL DE PROFISSÕES LIBERAIS – CNPL expressa a sua intensa preocupação pelo sistema posto em funcionamento pelo Dec.-Lei n.º 141/92, de 17 de Julho e, para expor estas e outras razões, vai solicitar uma audiência ao Senhor Ministro das Finanças.

REUNIÃO ESPECIAL DE SEVILHA

Realizou-se em Sevilha, entre 30 de Setembro e 3 de Outubro, uma Reunião Especial do Conselho dos Arquitectos da Europa (CAE). Esta reunião teve por objectivo fazer o ponto da situação sobre as condições do exercício da profissão do arquitecto na Europa, bem como o estabelecimento das prioridades para o futuro da profissão na perspectiva do Mercado Único Europeu.

Tratou-se da iniciativa mais importante do CAE durante a presidência portuguesa, uma vez que se proporcionou às Organizações de Arquitectos da Europa a possibilidade de, em conjunto, reflectirem sobre o presente e delinearem opções estratégicas para o futuro.

Nesta reunião estiveram também presentes destacados representantes dos órgãos decisórios das Comunidades, assim como do Conselho da Europa, que muito contribuiram para o sucesso deste evento.

Da reunião Especial resultou um Comunicado que será divulgado a par de mais informações no próximo número do JA.

PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA

José Augusto França

Embora com algum desfasamento no tempo, natural nos "Preservativos", mas sem que com isso perca a sua oportunidade e pertinência particular, não é possível no texto de hoje, deixar de referir a passagem da data em que pelo cumprimento de uma regra administrativa compreensível – mas cega e por isso mesmo um bocadinho burra, – José Augusto França dá a sua última aula.

Última aula?

Difícil senão impossível, em alguém que tenha tido, como França indiscutivelmente teve, influência directa e decisiva na formação de algumas gerações de investigadores e operadores estéticos genericamente considerados, determinar o conteúdo efectivo da expressão "última aula".

Claro que o testemunho do "Preservativo" corresponde a uma posição subjectiva, pessoal, e nem outra coisa seria sequer possível.

Mas de experiência própria pode afirmar, que sobretudo para todos aqueles que muito têm aprendido com JAF à margem da sua estrita função universitária, a expressão "última aula" não tem, não pode ter, recusamos que tenha, qualquer sentido intelectualmente útil.

É que a minha geração, antes do França ser o professor – professor que veio a ser, começou a aprender com ele, através das palestras, artigos, colóquios e conversas várias, ao sabor das circunstâncias e da possibilidade de subir os oito empinados lances de escada da Rua da Escola Politécnica.

Nesses vários encontros se escutava o definir de objectivos e horizontes possíveis culturais e cívicos, para gerações de gente mais nova e não só, aí só pesando as possibilidades (poucas) e as limitações (muitas) da nossa comprometida circunstância de então.

Mas principalmente com ele, aprendeu-se e eu julgo ter aprendido, a **olhar.**

Por minha parte, nunca vi em França um **mestre** no sentido estático do termo e ainda bem.

Mais do que me garantir caso a caso uma concordância natural, procurava satisfazer-me com a possibilidade de desencantar e escarafunchar uma discordância sempre possível. É que a **mestria** que JAF significava para mim, era a de representar o pensamento em relação ao qual valia a pena fazer o esforço de discordar. Na altura talvez com grande participação de uma necessidade íntima de afirmação que verdura cultural justificava, depois por "vício" e verificada vantagem própria.

É que também sempre pensei que se aprende **contra,** e que precisamente importa eleger correctamente o **contra quê** vale a pena aprender.

Mas disso precisamente se faz um **mestre** e nesse exacto sentido, França foi e tem-no sido para mim inteiramente.

Se no plano da arquitectura que ao "Preservativo" particularmente interessa, é importante não esquecer agora o contributo de JAF para a educação patrimonial de uma consciência urbana em prolongada crise, gostaria particularmente de citar hoje a exemplar lição do seu pequeno texto "O melhor quadro do mundo", que para mim constituiu nesse tempo uma dupla revelação: em primeiro lugar verifiquei que a concordância com JAF era talvez muito maior, estrutural e vasta, do que até aquele momento eu tinha sequer pressentido, e em segundo lugar confirmei por inteiro que a racionalidade e objectividade específicas que França vinha introduzindo na crítica, era tudo menos a manifestação de um pensamento desossado e esclerosantemente abstrato, antes correspondendo a uma deliberada e exigente disciplina mental da emoção.

Isso acho que foi lição maior naqueles anos 50, lição que na altura não terá sido genericamente entendida e que ainda hoje não parece ser pacífica.

Agora depois de passado o dia em que termina o seu desempenho oficial de professor-professor, vamos finalmente poder recuperar uma situação pedagógica antiga – situação que o sistema de alguma maneira tinha momentaneamente interrompido, reservando-a apenas para uns quantos privilegiados – e vamos continuar a aprender com Augusto França no regimen livre dos colóquios, conferências e conversas, como tínhamos feito antes.

E isto, até pelo que toca às conversas, posso dizer que já começou.

Senão, veja-se o "curso" alegremente tertuliado por França, nos soalheiros pequenos-almoços do Jardim da Estrela, "curso" no qual desde logo me inscrevi, com alargado gosto e proveito.

PS – Nisto, nada de homenagem JAF, mando-lhe é um grande abraço, como sempre.

Pela primeira vez desde que, em Abril das espingardas brotaram cravos, haverá este ano eleições não disputadas para os dirigentes da AAP. Se é importante encontrar mecanismos alternativos capazes de encorpar as diversidades de que se urde irremediavelmente o organismo associativo, e sabiamente transmutar unicidade em unidade, não é menos inadiável encarar com desassombro a urgência na invenção do antídoto para algum desencanto que transpira deste alheamento.

Em contexto de ferocidades previsíveis, alimentadas pelo constante agravamento de desproporção entre o crescimento do mercado de trabalho e a formação de novos arquitectos, em conjuntura de incontornável crise internacional forçoso será que na Associação se espelhe com equidade a contradição dos interesses que lhe dão fundamento.

Aqui se divulgam os princípios que hão de determinar as opções para os próximos anos. O JA abre-se necessariamente ao debate, propondo-se publicar, no próximo número, as contribuições com que os associados queiram concorrer para ele.

CONSELHO DIRECTIVO NACIONAL

PEDRO BRANDÃO
PRESIDENTE

JORGE FARELO PINTO

FERNANDO GONÇALVES

HELENA ROSETA

JORGE SILVA

VASCO CUNHA

CARLOS GUIMARÃES

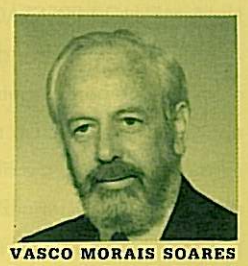
ISABEL MATIAS

HUGO HUGON

CONSELHO FISCAL NACIONAL

OLGA QUINTANILHA
PRESIDENTE

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL



VASCO MORAIS SOARES
PRESIDENTE

LUÍS VASSALO ROSA

DUARTE NUNO SIMÕES

DELEGADO À COMISSÃO ELEITORAL CDN/CDRS

JOSÉ MANUEL PINTO FERREIRA • R. do Penedinho, 34, Queijas – 2795 Linda-a-Velha • Tel.: 4181767

PROGRAMA COMUM CDN/CDR SUL
CONSTRUIR UMA OBRA ABERTA

A situação da profissão no próximo futuro envolve risco de crise e conflitualidade, com uma disputa mais acesa do mercado. Por isso a Acção Associativa nos próximos três anos exigirá mais coesão, eficácia e coerência.

A nossa profissão defronta-se já, e vai defrontar-se mais no futuro próximo, com várias adversidades. É já perceptível um exercício profissional marcado por uma forte competição, no quadro de uma sociedade e um mercado abertos, onde não são já determinantes os "pergaminhos corporativos", ou os sistemas de "protecção", mas sim os critérios de competência, capacidade, qualidade.

Para enfrentar o Mercado Único é preciso conquistar e dominar o Mercado Interno. Porque sabemos que o futuro será difícil, competitivo, agressivo, trabalharemos para que os arquitectos tenham mais responsabilidades e condições para as assumir com eficácia e profissionalismo.

Porque defendemos o princípio da igualdade de oportunidades e o consideramos uma base imprescindível para a profissão no Mercado Único, queremos promover maiores oportunidades de inserção profissional, a criação de incentivos à instalação e apetrechamento dos ateliers, a distribuição da encomenda segundo critérios de maior transparência e rigor, condições mais dignificantes para o exercício na Administração, em especial na periferia. Para isto vamos protagonizar uma actuação aberta ao exterior e congregadora de influências.

– Há necessidade de uma maior coesão da profissão, da profissão com a AAP, da AAP com as Escolas

– Exige-se um salto qualitativo da eficácia das estruturas e acção da AAP

– Teremos de desenvolver com coerência as linhas de actuação da AAP aprovadas no 6.º Congresso, em três principais domínios de actuação:

uma melhor "defesa da profissão",

uma melhor "prestação de serviços",

uma melhor "promoção da Arquitectura".

MELHOR DEFESA DA PROFISSÃO

Trata-se de promover a AAP para que ela promova os seus associados e seja ouvida como interlocutora e garante da utilidade social da profissão na sua especificidade cultural, técnica e funcional, condição para a reivindicação de um mais amplo estatuto de direitos e responsabilidades. Em especial interessa aperfeiçoar os instrumentos de regulação da profissão, nomeadamente quanto ao acesso à profissão, à concorrência, às responsabilidades, no quadro da transposição para o Direito português das Directivas comunitárias e da adopção de um adequado regime de seguros. As atribuições, estruturas e competências da AAP cinco anos após a conquista da Associação Pública, deverão ser postas à discussão de toda a classe: a competência regulamentar da AAP, o controlo do título profissional de arquitecto, o regime de estágios, a questão das qualificações e da definição dos "actos próprios da profissão", a constituição das sociedades, as garantias do exercício na Administração, são algumas das lacunas a suprir.

UMA MELHOR PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

A AAP deverão criar e difundir meios que apoiem o reforço das capacidades de resposta profissional, mantendo uma estreita colaboração e um diálogo com as outras instituições, nomeadamente do ensino da Arquitectura. Deverá também providenciar para que os associados em condições de exercício mais difíceis tenham acesso privilegiado a esses meios. Para enfrentar uma conjuntura de escassez de trabalho a curto/médio prazo e o aumento de exigências em termos de custos, prazos, qualidade, normativos a cumprir, há que promover uma superior diversificação, racionalização e profissionalização nos serviços que a AAP presta aos associados. Como instrumento fundamental da nossa política situamos o reforço da AAP como prestadora de serviços, nomeadamente de consultadoria legal, profissional, técnica, fiscal, de seguros. Destaca-se a preocupação prioritária a dar à melhoria da informação e a intensificação das acções de formação.

UMA MELHOR PROMOÇÃO DA ARQUITECTURA

A AAP grangeou nos últimos anos um peso e reconhecimento institucionais que constituem um capital a preservar e a desenvolver proporcionalmente às expectativas criadas. Para isso é necessário reforçar a capacidade interventora face à sociedade e aos problemas em que os arquitectos têm uma palavra a dizer: no garantir dos fundamentais direitos de cidadania e de humanização do quadro de vida, no ordenamento físico, na melhoria da qualidade do ambiente, na reabilitação das cidades e na valorização do Património Arquitectónico, na Habitação, etc. Esta abertura da AAP para o exterior, na Comunicação Social, no diálogo com as outras instituições e no ampliar da projecção das suas iniciativas, não existirá apenas para que os arquitectos se façam ouvir, mas também para que detectemos a evolução da sociedade em que nos inserimos, das suas necessidades e aspirações. Esta orientação exigirá uma preparação cuidada das iniciativas e a participação intensa dos associados, assim como um mais intenso diálogo interdisciplinar.

PRIORIDADES

1. Sedes – a base da nova coesão profissional, da nova força da Arquitectura e da AAP

2. Informação – melhorar os serviços da AAP aos associados e da imagem da AAP para o exterior
3. Organização – avaliação das estruturas e atribuições, recursos materiais e humanos da AAP para melhorar a prestação de serviços.

CAMPOS DE ACÇÃO

a) Legislação

Regulamentação da profissão,

Encomenda Pública,

Responsabilidades/qualificações,

Revisão do Estatuto

b) Serviços

Consultadoria profissional (linha aberta)

Rede de informações/base de dados/boletim

Seguros (prioridade para seguros de Responsabilidade, de Reforma e de Saúde)

Cursos (prioridade para assuntos relacionados com a qualidade de prestação profissional)

c) Actividade Cultural

Desdobramento do JA em Boletim e Revista

Relançamento dos Prémios Nacionais e reavaliação das Exposições Nacionais

Inclusão do vector técnico da actividade profissional

Intervenção pública, debates, colóquios, encontros

Papel activo nos acontecimentos "94 Capital da Cultura" e "Expo 98" e promoção da Arquitectura portuguesa no estrangeiro

Programa de edições não periódicas

d) Mercado, Concursos

Apoio ao "profissionalismo" adequado à qualidade de prestação dos serviços profissionais. "Marketing" da profissão.

Mais rigor e profissionalismo na gestão de Concursos

Divulgação do modelo de "Consulta" apresentado no Congresso para a encomenda corrente

e) Internacional

Comunidade Europeia (CAE) – definir prioridade no campo de regulamentação da concorrência e responsabilidades

Palops/Brasil (CIALP) – criar canais de comunicação e oportunidades de relação mais frequentes

UIA – criar um núcleo dinamizador da circulação da informação

f) Outras relações institucionais

ANMP – desenvolver o protocolo existente (regulamentação municipal, certificação)

Organizações de profissões afins, Ordens, Associações empresariais da Construção, Juristas

Escolas – estágios, ensino do Urbanismo, iniciativas conjuntas

g) Temas Regionais

Áreas Metropolitanas, temas urbanos

Apoio ao exercício na Periferia / estudo da acção dos núcleos e novas formas de descentralização

UMA LISTA DE CONSENSO, UMA LISTA DE PRINCÍPIOS

Uma equipa que ganha para a profissão um estatuto e um papel de interlocutor social antes inexistentes, e que é capaz de se renovar, está naturalmente perante esta eleições com confiança. Porque soubemos mudar a AAP saberemos aprofundar a mudança.

A nossa lista é uma lista de trabalho e de serviço. Temos uma política que dá resultados: em favor da Responsabilização, da Qualidade de Prestação Profissional e da viabilização dos sectores mais difíceis da inserção profissional.

Temos um ambicioso programa aprovado no 6.º Congresso para afirmação da AAP e da Profissão junto da opinião pública e dos órgãos de poder. Iniciámos um caminho que deu boas provas, mas que também teve deficiências: serviços ainda débeis, concursos polémicos, núcleos pouco apoiados, pouca informação, linha cultural aquém do possível. Para estas deficiências muito contribui a ausência de meios. Concluir a obra das Sedes já em construção é por isso a nossa primeira preocupação.

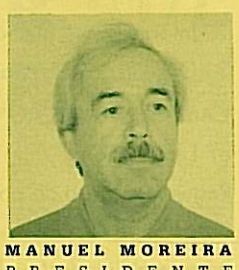
Mas a renovação tem de ser acentuada. Por isso renovámos e reforçámos a equipa, integrando nos Conselhos Directivos gerações mais novas e aproveitando o saber dos mais experientes nos Órgãos consultivos e de reflexão. Trouxemos para esta lista diferentes opiniões e vontades, sob a orientação de princípios comuns. Uma acção Associativa Coesa, Coerente e Eficaz só pode ser conduzida sob o primado de princípios fortes: Ética, Pluralismo, Independência.

Não nos candidatamos para privilegiar este ou aquele grupo profissional, mas para defender a qualidade do trabalho profissional do arquitecto, único caminho seguro para alcançar trabalho para todos os arquitectos e Arquitectura ao alcance de todos os cidadãos.

CONSTRUIR É OBRA COLECTIVA

CONSTRUIR A AAP É UMA OBRA ABERTA

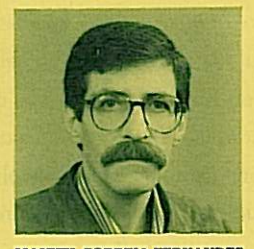
CONSELHO DE DELEGADOS



MANUEL MOREIRA
PRESIDENTE

NUNO TEOTÓNIO PEREIRA

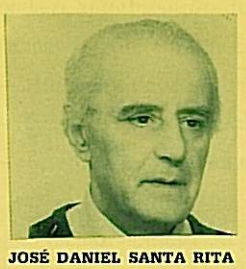
MANUEL TAÍNHA



MANUEL CORREIA FERNANDES

JOÃO SANTOS JORGE

WALDEMAR SÁ

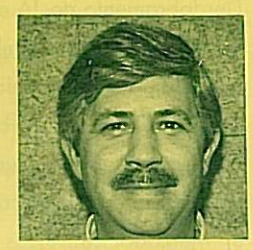


JOSÉ DANIEL SANTA RITA

ANTÓNIO REIS CABRITA

JOSÉ PEDRO MARTINS BARATA

MANUEL LACERDA



CARLOS PRATA

NUNO LEONIDAS

FERNANDO BAGULHO

JOSÉ MIGUEL FONSECA

CARLOS CRESPO

JOSÉ NORBERTO

JOSÉ SANTIAGO FARIA

ANA BENITEZ

MIGUEL LIMA

JOSÉ CALDEIRA

JOÃO RODEIA

PROGRAMA DO CONSELHO DE DELEGADOS

O Conselho de Delegados é o órgão jurisdicional supremo da AAP e exerce função consultiva a solicitação de todos os órgãos sociais nacionais e regionais.

A sua competência estatutária, de se pronunciar sobre a acção dos órgãos sociais nacionais e regionais e de obrigar à convocação da Assembleia Geral Nacional, confere-lhe uma clara acção fiscalizadora sobre a vida de toda a AAP.

A partir das competências estatutárias do Conselho de Delegados, a lista candidata sob o tema "CONSTRUIR – UMA OBRA ABERTA" propõe-se:

1. Contribuir, no seu âmbito de intervenção para o cumprimento da Moção de Estratégia e restantes deliberações do 6.º Congresso.
2. Acompanhar em permanência a actuação dos Órgãos Sociais Nacionais e Regionais da AAP colaborar com estes activamente mantendo uma posição crítica independente.
3. Intervir na revisão estatutária prevista para o próximo mandato, em especial na avaliação das atribuições e capacidades das estruturas da AAP e sua descentralização.
4. Contribuir para o estabelecimento de uma política da AAP sobre o exercício e o ensino da Arquitectura, sobre a atribuição e uso do título profissional, sobre aspectos relevantes para a vida do país como o Ordenamento do Território, a Habitação, o Ambiente, e sobre a acção do Estado e das instituições nacionais e comunitárias com incidência na profissão.
5. Contribuir, no âmbito das suas funções, para o aprofundamento, adequação e divulgação, dos princípios da Ética Profissional.

CONSELHO DIRECTIVO REGIONAL SUL

VASCO MASSAPINA
PRESIDENTE

MICHEL TOUSSAINT

LUÍS MANUEL PEREIRA

LUÍS BISSAU

SÉRGIO SOUSA

JOSÉ AGUIAR

FRANCISCO BERGER

FERNANDO SANTANA REGO

FERNANDO HIPÓLITO

CONSELHO FISCAL REGIONAL SUL

FÁTIMA CONCEIÇÃO SILVA
PRESIDENTE

RICARDO GASPAR

LEONOR FIGUEIRA

MESA DA ASSEMBLEIA REGIONAL SUL

JOSÉ SILVA CARVALHO
PRESIDENTE

MARIA DOS ANJOS STROMP

FILIPE JORGE SILVA

CÂNDIDO CHUVA GOMES

PROGRAMA DO CONSELHO DIRECTIVO REGIONAL DO NORTE

O Programa da Lista candidata ao Conselho Directivo Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, para o triénio de 93/ /95 encabeçado por José Gomes Fernandes, propõe-se, entre outras, a concretizar as seguintes acções:

1. SEDE

1.1 Concluir o processo de construção da nova sede da SRN, na Rua D. Hugo – Porto.

1.2 Proceder à reinstalação dos Serviços Administrativos na mesma e colocar em funcionamento o auditório e a biblioteca, no âmbito do programa cultural e de animação da vida associativa.

2. INICIATIVAS/ACTIVIDADES A PROMOVER

2.1 Reconversão das instalações da actual sede, na Rua da Restauração para iniciativas no âmbito do programa da formação e aperfeiçoamento técnico-profissional dos associados e de estudantes de arquitectura.

2.1.1 Promover ciclos de conferências sobre arquitectura nas vertentes do ensino e da formação da prática e intervenção profissional.

2.1.2 Elaborar cursos de informação, esclarecimento e formação sobre legislação e normativas regulamentares, nas áreas do projecto e da construção.

2.2 Reorganizar a biblioteca e iniciar a criação de um banco de dados técnico-científico informatizado.

2.3 Edição e venda de publicações nacionais e estrangeiras.

2.4 Incentivar a participação dos arquitectos mais jovens nas questões associativas.

2.5 Promover concursos de Arquitectura.

2.6 Incentivar a criação de Prémios Municipais de Arquitectura.

2.7 Fortalecer o apoio jurídico aos associados.

2.8 Organizar seguros de grupo englobando vários âmbitos de interesse para a classe.

2.9 Concretizar outras iniciativas como sejam:

2.9.1 Festa de recepção ao recém-formado.

2.9.2 Publicação de um Anuário dos Arquitectos da área da SRN, sua distribuição graciosa aos associados e divulgação ao exterior.

3. RELAÇÕES INTERNACIONAIS

3.1 Reforçar a articulação institucional com as Universidades, Comissões de Coordenação Regional (CCRN e CCRC), Autarquias Locais, Associações de Municípios, Departamentos Regionais da Administração Central, Fundações e Outras Instituições de carácter cultural, associativo e de classe.

3.2 Desenvolver as experiências de acções conjuntas iniciadas no mandato em curso, com:

CCRN – Comissão de Coordenação da Região Norte

Câmara Municipal do Porto

STCP – Serviços de Transportes Colectivos do Porto

Ordem dos Advogados

IGAP – Instituto de Gestão e Administração Pública

FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

ESAP – Escola Superior Artística do Porto

CEUL – Cooperativa de Ensino da Universidade Lusíada

4. RELAÇÕES EXTERNAS

4.1 Promoção de Encontros, no âmbito do Programa de Relações Exteriores do CDN, com colégios e associações de Arquitectos a nível regional, fronteiriços com os limites territoriais da SRN, com particular relevância para a Galiza.

4.2 Articular a colaboração com o CDN no que toca à participação em delegações ou grupos de trabalho no âmbito do CAE (Conselho de Arquitectos da Europa), FPAA (Federação Pan Americana de Arquitectos) CIALP (Conselho Internacional de Arquitectos de Língua Portuguesa) e no CIANA (Conselho Iberoamericano de Associações Nacionais de Arquitectos) do qual Portugal, detém actualmente a presidência na pessoa do Arq.º Vasco Morais Soares, desde sempre ligado ao movimento associativo em defesa da classe, incluído nesta lista.

5. CONSELHO CONSULTIVO

5.1 A criação do Conselho Directivo é uma proposta inovadora apresentada por esta lista, com funções de consulta e acompanhamento da Direcção.

Farão parte deste Conselho os arquitectos mencionados na lista anexa.

CONSELHO CONSULTIVO: Vasco Morais Soares • Alcino Soutinho • José Carlos Loureiro • Adalberto Dias • Agostinho Ricca • António Ginestal Machado • Carlos Macedo Prata • Domingos Pinto Faria • Domingos Tavares • Jorge Teixeira Sousa • Luís Álvares Ribeiro • Luís Pádua Ramos • Manuel Correia Fernandes • Manuel Fernandes Sá • Manuel Furtado Mendonça • Manuel Marques Aguiar • Manuel Nicolau Brandão • Manuel Nunes Ribeiro • Maria Rosário Rodrigues Almeida • Nuno Portas • Pedro Ramalho • Rui Louro • Valdemar Valente Sá • Zita Areal

DELEGADO À COMISSÃO ELEITORAL CDRN

PAULO JORGE DE R. ALZAMOSA RODRIGUES • Rua do Heroísmo, 6-2.º Dto. • 4300 PORTO

CONSELHO DIRECTIVO REGIONAL NORTE

JOSÉ GOMES FERNANDES
PRESIDENTE

ANTÓNIO CORTE REAL

CARLOS CASTANHEIRA SILVA

DULCE MARQUES DE ALMEIDA

JOÃO RAPAGÃO

JOÃO PEDRO GUIMARÃES

JOSÉ BERNARDO TÁVORA

JOSÉ MANUEL GIGANTE

RUI RAMOS LOSA

CONSELHO FISCAL REGIONAL NORTE

JOSÉ CARLOS LOUREIRO
PRESIDENTE

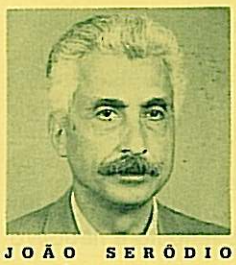
LUÍS MARIA BOTELHO DIAS

CARLOS FONSECA

JOSÉ MANUEL DINIZ MACHADO

MESA DA ASSEMBLEIA REGIONAL NORTE

ALCINO SOUTINHO
PRESIDENTE



JOÃO SERÔDIO

CELINA SÁ

JOSÉ MANUEL DINIZ MACHADO

CARTA ABERTA DE UM CANDIDATO A PRESIDENTE, SEM OPOSIÇÃO, AOS SEUS COLEGAS EM VÉSPERAS DE ELEIÇÕES

Caros Colegas,

Antes de pedir o vosso apoio para o próximo dia 17 de Dezembro, e para os três anos seguintes, venho solicitar a vossa atenção para algumas características das próximas eleições na AAP.

Não é a primeira vez que os Arquitectos vão eleger a Direcção do seu organismo representativo com apenas uma lista à sua escolha. Durante os tempos difíceis do regime anterior a 1974, era essa a situação habitual.

Dias difíceis reclamam maior coesão.

É sim pela primeira vez, desde que vivemos em Democracia, que temos eleições na AAP com listas únicas. Isto é, sem oposição. Desde que estou nos corpos directivos da AAP, há quase doze anos, já disputei e venci cinco eleições sempre com oposição, mas não penso que o facto de termos agora listas únicas seja desastroso. Desde que cada Arquitecto, cada membro da AAP, reflita sobre o que está em jogo e depois exprima uma atitude perante os candidatos e os programas que se apresentam: apoiamo-los? aceitamo-los criticamente? recusamo-los mesmo sem alternativa?

Pela minha parte, também exprimirei agora, como sempre fiz na AAP, aquilo que penso: asseguro-vos que a vossa atitude no dia das eleições influirá significativamente na gestão dos próximos anos da nossa Associação, pois clarificará a vontade colectiva que representamos a partir desse momento: e asseguro-vos que em qualquer caso iremos continuar um exercício associativo marcado pelo primado da ética, do pluralismo e do profissionalismo.

É natural, quando se avizinham eleições na AAP, que procuraremos distinguir afinidades na composição das listas. Procuramos no conjunto das pessoas que se candidatam, e nas ideias que exprimem a atitude predominante, a atitude que marcará a acção associativa no mandato. Estou certo que as listas para os Órgãos Sociais que se candidataram, exprimem claramente uma atitude positiva, que merece ser ajudada.

Porque é que temos uma eleição de lista única?

Penso que por duas razões principais.

Em primeiro lugar verificou-se o facto de que nenhuma oposição virtual se exprimiu, candidatando-se. Este facto é negativo

porque esconde do olhar dos associados quem é a oposição e o que defende. NA AAP também é preciso Governo e Oposição.

A Democracia em que acredito não é a da crença religiosa em dirigentes e doutrinas iluminadas, mas a da controvérsia permanente entre propostas diferentes.

A oposição que se exprime não é nunca uma oposição derrotada: ela continua a poder exprimir-se e a criticar os pontos fracos dos que saíram vencedores, o que é positivo para todos, já que os que ganham não podem instalar-se e os que perdem têm influência nos acontecimentos. Na AAP não poderemos nunca dispensar as opiniões que se exprimem.

Em segundo lugar penso que a ausência de alternativa não é estranha ao facto de termos tomado a opção, para o próximo mandato, de construir uma plataforma muito alargada, porque o considerámos necessário no período difícil que se avizinha. Adiante explicarei o porquê desta necessidade, mas retenhamos desde já que a coesão é nesta lista tão marcante como a diversidade. Isto significa que a coesão é necessária na medida em que uma reflexão e uma acção comuns são necessárias; mas essa reflexão e essa acção conterão no seu seio o maior grau de diversidade e dissonância praticamente compatíveis com a obtenção dos objectivos fixados.

A lista que encabeço tomou como divisa a ideia de "Construir uma Obra Aberta" porque aquilo que nos une é mais do que o que nos separa e, ao mesmo tempo, o que nos separa também é construtivo. A Obra Aberta da AAP nunca estará terminada, porque é uma construção colectiva dos Arquitectos.

O que caracteriza o nosso projecto?

Toda a gente sabe que as nossas prioridades serão a abertura da nova Sede, a informação e a prestação de serviços aos associados. Penso que qualquer lista o consideraria igualmente prioritário e dedicaria a esses instrumentos da acção associativa o melhor do seu esforço.

É conhecido de todos os associados que o projecto de construção das Sedes, e em particular da Sede Nacional – os Banhos de São Paulo, vem coroar uma estratégia de construção da AAP como órgão "triangular": representativo da profissão dos arquitectos; simultaneamente prestador de serviços úteis ao exercício profissional; e simultaneamente garante social da qualidade do produto do seu trabalho – a arquitectura.

Estes três vectores tornar-se-ão funcionalmente praticáveis com os serviços que a Sede faculta e serão representados simbolicamente na própria sede e no processo exemplar que lhe dá origem.

Construir as Sedes, prestar melhor informação e serviços aos associados, é criar instrumentos para a "Obra Aberta" que é a casa dos arquitectos.

Mas o que caracteriza o nosso projecto é a percepção de que aqueles instrumentos são imprescindíveis para a valorização do PROFISSIONALISMO e da RESPONSABILIDADE, como os valores centrais para a afirmação da Arquitectura e para a ampliação da acção do Arquitecto na nossa sociedade, hoje: porque é que colocamos a Responsabilidade e o Profissionalismo no centro da nossa estratégia?

- Porque a Responsabilidade e o Profissionalismo na Arquitectura são factores favoráveis à clarificação da Ética nas novas condições de exercício altamente competitivo e conflitual, no quadro de um mercado aberto e disputado por um número crescente de profissionais e empresas, nacionais ou estrangeiras;
- Porque a Responsabilidade e o Profissionalismo na Arquitectura são factores favoráveis ao aumento do controle pelos Arquitectos do resultado da sua actividade, pela sua influência no interesse do Consumidor, valorizando-o face aos outros intervenientes e ampliando o seu mercado, pelo alargamento das "missões profissionais";

– Porque a Responsabilidade e o Profissionalismo na Arquitectura são factores favoráveis à capacidade de organização, produtividade e investimento da profissão, na garantia de qualidade da sua prestação de serviço, reduzindo a sua vulnerabilidade às crises de redução da procura, que se avizinham.

Quais as questões que permanecem sem solução no nosso Estatuto?

Quatro anos após a publicação do Estatuto de Associação Pública da AAP, é inegável o progresso da profissão em termos de oportunidades de trabalho, enraizamento no país, clarificação do quadro normativo, influência social e cultural. Tinhamos razão quando há dez anos apontávamos este objectivo.

Mas ao mesmo tempo aumentou vertiginosamente o número de arquitectos e degradaram-se algumas condições de um exercício profissional responsável:

Afastou-se de nós o êxito no campo do desejado "monopólio" da profissão: "A Arquitectura por Arquitectos" através da revisão do Decreto-Lei 73/73. Como disse (já lá vai meia dúzia de anos) Manuel Taínha, "o pleno emprego não virá por decreto".

Instalou-se mais a opacidade dos procedimentos, a tecnocracia e a burocracia, o tráfego de influências e a competição económica mais primitiva, que só beneficiam os mais fortes e os que se entregam à "selva", sem valores nem regras, os que liquidam o prestígio da profissão e da Arquitectura.

Não temos hoje dúvidas que cada vez será mais difícil encontrar soluções "protegidas" para o exercício da profissão. Cada vez será menos eficaz uma postura "defensiva". Cada vez será mais inviável a colocação da profissão marginalmente ao mercado: teremos, cada vez mais de demonstrar a qualidade daquilo que fazemos, dia a dia, em todos os planos de análise e frente a todos os interlocutores.

O que quer dizer que o Interesse Público da Arquitectura não é um título honorífico ou um crédito de garantia para a profissão se resguardar, mas sim um argumento que temos de usar "dentro" do mercado, numa estratégia ofensiva para conseguir penetrar em novas áreas de trabalho e ampliar as nossas estruturas de influência.

É contudo preciso não esquecer que o nosso Estatuto não oferece ainda respostas para algumas questões decisivas. São questões que noutras profissões estão resolvidas, mas em relação às quais as competências e atribuições da AAP são inexistentes, ou insuficientes:

– O acesso à profissão, o controle da formação de estágio e a competência para o controle do uso do título profissional.
– A competência para uma interferência vinculativa nos Concursos, na contratação, no regime de constituição e exercício das "empresas de profissionais", na definição da extensão e diversidade das "missões profissionais".
– A função de arbitragem ou peritagem relativa à Responsabilidade Profissional, num plano de co-responsabilização que articula a credenciação profissional com o registo de autorias e a Certificação de Conformidade.
– A negociação de parâmetros de relacionamento da profissão fora e dentro da Administração Pública.

Um processo de revisão estutária é sem dúvida difícil. E reclama a maior coesão. Mas o estatuto é um instrumento que requer adaptações, para continuar a desempenhar um papel útil à criação das condições de exercício com responsabilidade e profissionalismo.

Como situar a AAP em relação à Qualidade da Arquitectura?

A valorização do vector qualitativo da Arquitectura, tanto no plano Teórico como no plano da Prática, é inadiável. A AAP não pode continuar a ter uma perspectiva demasiado igualitária, acrítica em relação à qualidade do exercício profissional

dos seus associados e menos ainda em relação ao resultado desse exercício – a Arquitectura construída.

É certo que à AAP é pedido em primeiro lugar que represente todos os arquitectos e crie as condições, económicas, legais, institucionais, isto é, políticas, para que o exercício profissional se desenvolva positivamente para todos os arquitectos. Mas isso não deve desmobilizar a AAP das suas funções culturais. Frequentemente acusa-se a AAP de privilegiar esta ou aquela tendência, geração ou sector, nas iniciativas culturais. Este "criticismo" tem inibido também a iniciativa da AAP. A AAP tem de fazer mais e melhor pela qualidade da Arquitectura.

Mas, por outro lado, a acção cultural da AAP não pode substituir aquela que é própria de outras instituições e pólos de Cultura: as Escolas, a Crítica, as Tendências, os centros de Investigação, as Revistas.

A nossa opinião é que nas "veias" da AAP tem de circular a paixão da Arquitectura. A da "elite" e a da "massa", a da grande obra e a da pequena, a que vem nas revistas e a que não vem, a que desbrava caminhos e a que depois os segue com valor, a "do norte" e a "do sul", a "dos velhos" e a "dos novos", a "artística" e a "técnica".

Como resolver então a contradição entre a força da AAP como Instituição representativa de todos os arquitectos e a necessidade de valorizar a qualidade, para permitir uma posição forte da AAP na sociedade, como garante do Interesse Público da Qualidade da Arquitectura?

No nosso entender a resolução desta contradição pressupõe que se caminhe, progressivamente, no sentido de assumir o papel específico da AAP como "forum" de discussão e aperfeiçoamento do exercício profissional. A actuação da AAP no plano cultural deverá pelo menos fazer convergir cinco objectivos:

- Privilegiar o debate do Profissionalismo e dos valores da Responsabilidade Social do Arquitecto, contribuindo para elevar a qualidade média da produção profissional.
- Articular a actividade cultural da AAP com as Escolas de Arquitectura e o exercício da Crítica Arquitectónica.
- Desenvolver acções vocacionadas para diferentes objectivos e interessando a diferentes sectores das actividades profissionais.
- Garantir o Pluralismo entre todas as gerações e tendências, privilegiando os temas e oportunidades congregadoras da profissão.
- Promover a abertura ao exterior do debate da Arquitectura, estabelecendo mais fortes laços interdisciplinares e com a opinião pública em geral.

Profissionalismo e Responsabilidade, também na AAP

O programa de acção de uma Direcção Associativa é hoje uma coisa muito complexa, pois a actividade da Associação desdobra-se por um sem número de tarefas a que é preciso dar resposta.

Quero-vos dizer honestamente que nas condições actuais não é possível esperar muito mais de uma Direcção da AAP. Isto não será um discurso eleitoral típico!

Mas como será possível ser eficaz com Órgãos Sociais compostos na base do voluntariado (ou amadorismo?) e sem um aparelho suficientemente qualificado, e sem dinheiro para o fazer?

A tendência para o tarefismo das Direcções Associativas, desdobrando-se na viabilização económica das suas iniciativas, ameaça afastar a AAP da sua obrigação de produzir e divulgar ideias, reflexão, saber.

Queremos reformular o nosso principal instrumento de reflexão e informação – o Jornal Arquitectos – tornando-o também

mais sério, criterioso, profissional. Simultaneamente queremos que o "pensamento" esteja tão presente na AAP como a "acção". Alargámos a composição do Conselho de Delegados com esse objectivo, integrando nele o nosso património de "Cultura Associativa".

Mas não nos poderemos dispersar, no próximo mandato, por inúmeras solicitações, mesmo se vindas de aspirações legítimas dos nossos associados, Edificar a "estrutura central" da nossa nova casa será a nossa linha de rumo.

Cinco áreas de trabalho não podem contudo ser desprezadas:

- Uma intervenção na preparação das Directivas Europeias e sua transposição para a lei portuguesa, em especial sobre as Responsabilidades, sobre a Encomenda Pública e sobre a Formação/Estágio.
- Um reforço da capacidade de prestação de serviços da AAP à profissão, nomeadamente no campo da Informação, da Consultadoria, dos Seguros e, das acções de Formação e ainda no campo da organização mais rigorosa dos Concursos.
- A discussão na classe de uma proposta de alteração dos Estatutos, reforçando as competências e atribuições da AAP nomeadamente no controle do uso do título, na interferência nos estágios, na capacidade de Regulamentação da Profissão, na clarificação das missões profissionais e formas do exercício da Profissão.
- Uma afirmação da Cultura Arquitectónica, estabelecendo laços mais fortes com a sociedade e com as disciplinas próximas, através de uma actividade cultural da AAP aberta, interventiva, de reflexão e de debate.
- O estabelecimento de laços de cooperaçao com instituições e intervenientes em áreas e temas que nos são próximos, procurando uma diversificação da nossa influência.

O nosso programa é ambicioso. Mas os meios da AAP são escassos. A conclusão evidente é que se não tivermos ajuda a participação de todos os arquitectos, ficaremos aquém do necessário.

Nestas eleições qual é o papel do arquitecto-eleitor?

Não se trata de nenhum papel simbólico nem de optar num referendo. Trata-se sim de participar numa clarificação urgente das ideias, estruturas e programas da AAP.

Terminou a idade da AAP fechada sobre si mesma, uma AAP repetindo lamentos defensivos e apelos à protecção. A AAP aberta e capaz de servir, a AAP impulsionadora dos valores, da Ética, do Pluralismo e do Profissionalismo, só pode acentar em novas ideias, novas estruturas e novos programas.

A AAP terá de dar um salto qualitativo para se situar ao nível do que a profissão e a Arquitectura reclamam no nosso país, no presente e no futuro próximo. Nos últimos anos trouxemos a AAP para um superior plano de afirmação na nossa sociedade. Agora temos de fazer dela uma casa de todos os Arquitectos e uma casa de Arquitectura.

Queremos começar esta clarificação no dia 17 de Dezembro, com a sua ajuda.

No dia 17 de Dezembro e nos três anos seguintes, a cada arquitecto, como a cada dirigente da AAP, será pedido um contributo de opinião, disponibilidade e responsabilidade. Nós aceitamos dar este contributo.

Agora peço-lhe a si o seu contributo, caro Colega, porque uma Obra Aberta é uma construção colectiva.

É por isto que vale a pena votar no dia 17, mesmo numa lista sem oposição, ou mesmo contra ela: muito simplesmente, para ajudar.

Cordiais Saudações

do Pedro Brandão

A lista candidata aos Órgãos Directivos da AAP/SRN tem como componentes estruturais:

- **Assegurar** condições para a conclusão da Nova Sede, em construção;
- **Rejuvenescer** o corpo dirigente, através da entrada de uma maioria de elementos do grupo abaixo dos 40 anos;
- **Reforçar** as ligações às diversas Escolas de Arquitectura onde, neste momento, se está a fazer a formação académica dos jovens e futuros profissionais de arquitectura;
- **Aprofundar** o diálogo e as formas de colaboração com Instituições do foro civil, académico e associativo da cidade do Porto e da Região;
- **Estabelecer** pontes de colaboração e intercâmbio institucional com os colegas da Galiza, no quadro de uma aproximação forte da Região Norte ao espaço Galego;
- **Estruturar-se** internamente para intervir mais na representação dos arquitectos e defesa da arquitectura;

Esta lista aposta num claro salto qualitativo que a Secção Regional do Norte tem de dar, concretizado na Sede Nova e suas potencialidades de funcionamento e no grau de exigências, que um rejuvenescimento profundo do corpo associativo vai trazer à Associação. Em síntese: vamos acabar a sede em construção, para a partir daí relançarmos uma nova imagem da AAP/SRN.

CUIDAR DA MEMÓRIA COM UM ESPÍRITO NOVO

Continuamos a ser uma "profissão de jovens" porque a constante vontade de mudança, que a criatividade exige é inerente à nossa actividade. Dizemos sempre algo mais, e com mais irreverência... Orgulhamo-nos da memória, mas construímos no presente a memória do futuro, numa época em que cada vez mais é reconhecida e exigida a responsabilidade pública da Arquitectura.

A Arquitectura não é um livro que só se lê quando se gosta, a Arquitectura é de fruição constante, pública; não sabemos, portanto, se deverão existir "limites" para o Desenho da Cidade, e se deveremos ser nós – Arquitectos – a impor as formas do usufruto da Arquitectura. O que sabemos é que deve ser consagrado o princípio do "primado do Arquitecto" no exercício da profissão, isto é, que seja qual for a forma em que o exercício se realize, ou o cargo que se ocupa, prevaleça sempre o "código da profissão". Na sobrevalorização do que nos une, reside a nossa coesão, enquanto classe profissional.

É com este espírito novo, que só marginaliza a ortodoxia e o fundamentalismo e que prefere os erros da democracia à imposição de ditaduras culturais, que encabeço a lista que se candidata ao Conselho Directivo Regional Sul, vinculado de forma muito clara e transparente à divisa do Conselho Directivo Nacional – "Construir uma Obra Aberta" – segundo os princípios do Pluralismo, do Profissionalismo e da Ética:

Do Pluralismo porque não somos os detentores únicos da Razão e da Cultura, não daremos guarida a "correntes", mas seremos um "forum" de debate aberto e permanente.

Do Profissionalismo, porque consideramos urgente a prestação de um serviço eficaz, modernos e operativo, e as prioridades da informação, da formação e da pós-formação.

Da Ética, porque a prestação do nosso serviço para os próximos três anos, será independente, para a melhor defesa da profissão e promoção da Arquitectura.

Durante o mandato que agora termina, assumi com gosto, ser o número dois do Pedro Brandão, na liderença do Conselho Directivo Regional Sul. Tomei contacto muito directo com a orgânica da AAP, constatei a existência de divergências, isolei o acessório, preocupei-me com o essencial, sem preconceitos.

Lógico seria, julgar esta candidatura, como um corolário do anterior mandato, contudo, ela é substancialmente diferente.

Michel Toussaint, não precisa de apresentação, vem trazer-nos a crítica permanente, é assistente da Faculdade de Arquitectura e profissional liberal.

Luís Manuel Pereira, para além do atrevimento da sua juventude, transporta consigo um conhecimento da actividade da AAP, praticamente em todos os domínios, é assistente na Universidade Lusíada e profissional liberal.

Luís Bissau, organizador nato, embora tendo pertencido ao anterior Conselho Fiscal do Sul, esteve sempre por dentro da actividade do Conselho Directivo Regional, é assistente na Faculdade de Arquitectura e profissional liberal.

Sérgio de Sousa, grande animador da descentralização, fez-nos oposição salutar e leal no anterior Conselho de Delegados, é profissional liberal.

José Aguiar, tem-se destacado em várias actividades da AAP, pertenceu à Comissão Organizadora do último Congresso, é arquitecto no LNEC, profissional liberal já premiado.

Francisco Berger, consagrado professor da Faculdade de Arquitectura, profissional liberal, conhecedor dos problemas da área metropolitana e do ensino.

Fernando Santana Rego, é arquitecto na DGOT e profissional liberal, também premiado, vem-nos trazer o "conflito" dos dois lados do "balcão".

Fernando Hipólito, assistente na Universidade Lusíada é com certeza um dos mais jovens e promissores arquitectos que recentemente tem visto o seu trabalho premiado em importantes concursos.

É com esta equipa que me candidato, para passar do "projecto de licenciamento" ao "projecto de execução da obra", neste tempo de redescoberta do papel do Arquitecto e de alargamento dos seus sectores de actividade.

Sabemos que existe oposição embora não se candidate. A AAP é sempre apetecível. Contudo, a nossa candidatura não reflecte apego ao poder, e é principalmente por esta via que desarmaremos qualquer oposição. Estamos sim preocupados em ser uma direcção definitivamente alinhada com o perfil etário da profissão, preocupada com o ensino, a obtenção do primeiro emprego e o mercado de trabalho.

Queremos ser uma direcção reflexo da classe profissional, daí que o acto eleitoral – apesar de uma só lista – será sempre demonstrativo da nossa coesão e da justeza dos princípios que defendemos. Na vida, nada está garantido, a obra está sempre aberta...

Faço apelo ao voto massivo e inequívoco para que cuidemos da memória sim, mas com um espírito novo.

VASCO MASSAPINA

RECUPERAR O TERREIRO DO PAÇO

A vontade de "restituir ao Terreiro do Paço a dignidade que merece, dentro dos pressupostos genéricos de animação urbana da zona central e das arcadas" foi o que levou a Câmara Municipal de Lisboa a instituir um concurso de "ideias" para o Terreiro do Paço. E a iniciativa, que faz parte de um plano mais amplo de actuação na cidade, do ponto de vista urbanístico, contou com o apoio da Associação dos Arquitectos Portugueses e outras entidades.

Entre 53 equipas inscritas e 19 concorrentes, a melhor classificada foi a dos arquitectos José Adrião Costa Martins/Pedro Pacheco. Aquela cuja proposta não logrou o 1.º prémio – que o Júri decidiu, por unanimidade, não atribuir –, mas é a que mais se aproxima dos objectivos da intervenção. Ou seja, recuperar o equilíbrio da cidade-rio mas também "a simbólica da praça como terreiro".

O 3.º prémio foi atribuído à equipa do arquitecto Ricardo Bak Gordon, tendo recebido Menções Honrosas as propostas coordenadas, respectivamente, pelos arquitectos Alberto Souza Oliveira e João Cabral. O Júri de Apreciação foi composto por três técnicos do Município (ambiente, trânsito e infra-estruturas e reabilitação urbanas) e representantes da Associação dos Arquitectos Portugueses, Arq.º Joaquim Braizinha, Instituto do Património Cultural, Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas, Sociedade Portuguesa de Urbanistas e da Faculdade de Arquitectura.

PASSO A PASSO

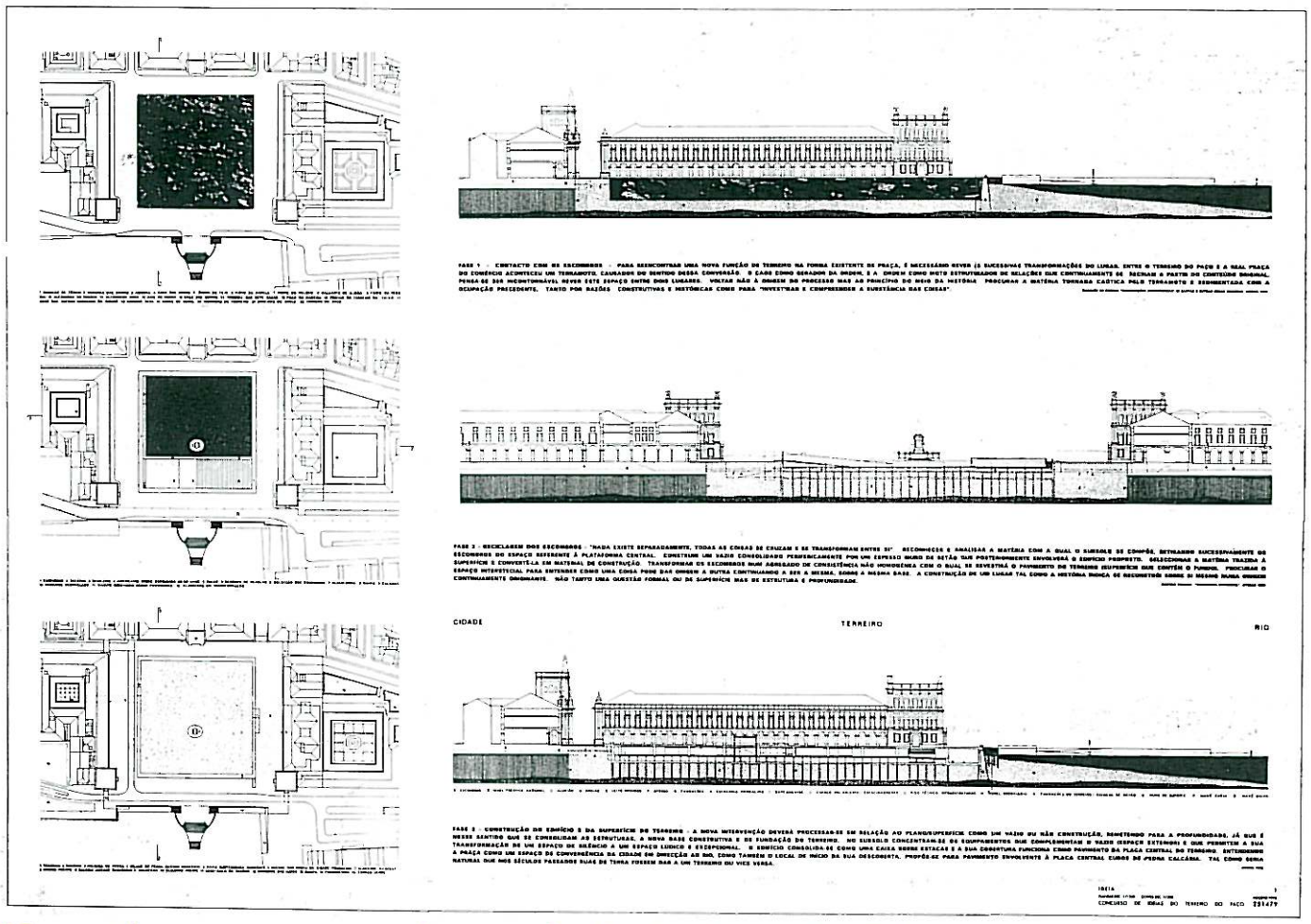
A ideia, é revalorizar o Terreiro do Paço – considerada uma área estratégica de intervenção –, libertando-o por fases, do estacionamento e do trânsito de atravessamento que o separa do Rio Tejo. E, por outro lado, em articulação com os Ministérios, promover a animação das arcadas com instalações de carácter cultural. Ou seja, bibliotecas, galerias, salas de exposição permanentes, feiras especializadas e um novo museu: Lisboa Pombalina. Tudo isso sem esquecer as zonas adjacentes (segundas zonas e zonas de transição). O plano prevê o reordenamento dos espaços destinados a transbordos entre transportes públicos (rodoviário e fluvial) através da optimização e aumento da segurança dos percursos e da qualificação das infra-estruturas de apoio. O terminal de Cacilhas, passará, no futuro, para o Cais do Sodré, mantendo-se, contudo, os do Barreiro e Montijo. Uma questão discutível, que consta das propostas apresentadas pelos arquitectos Alberto Oliveira e João Cabral, é a reimplantação de árvores, que já existiram outrora.

O projecto coordenado pelos arquitectos José Adrião/Pedro Pacheco, no entanto, oferece dúvidas, do ponto de vista técnico, quanto à realização das infra-estruturas enterradas, como o parque de estacionamento e piso técnico. Isso, aliado a alguns inconvenientes que apresenta em termos de circulação e transportes e tendo ainda em conta o forte peso económico desta operação, levou o júri a atribuir à proposta o 2.º prémio, com uma ressalva para o seu valor cultural. Os prémios serão entregues, mas fica ao critério do executivo a adjudicação do referido contrato.

"É difícil, é polémico, intervir no Terreiro do Paço, pois isso implica em mexer com o tráfego, transbordos entre transportes públicos, estacionamento, vendedores ambulantes, etc.", afirma o arquitecto Joaquim Passos Leite, membro do júri e responsável pela Direcção de Projecto de Planeamento Estratégico da CML, comparando o Terreiro do Paço "a um jogo de xadrez, onde a mudança de uma peça implica na alteração de todo o conjunto".

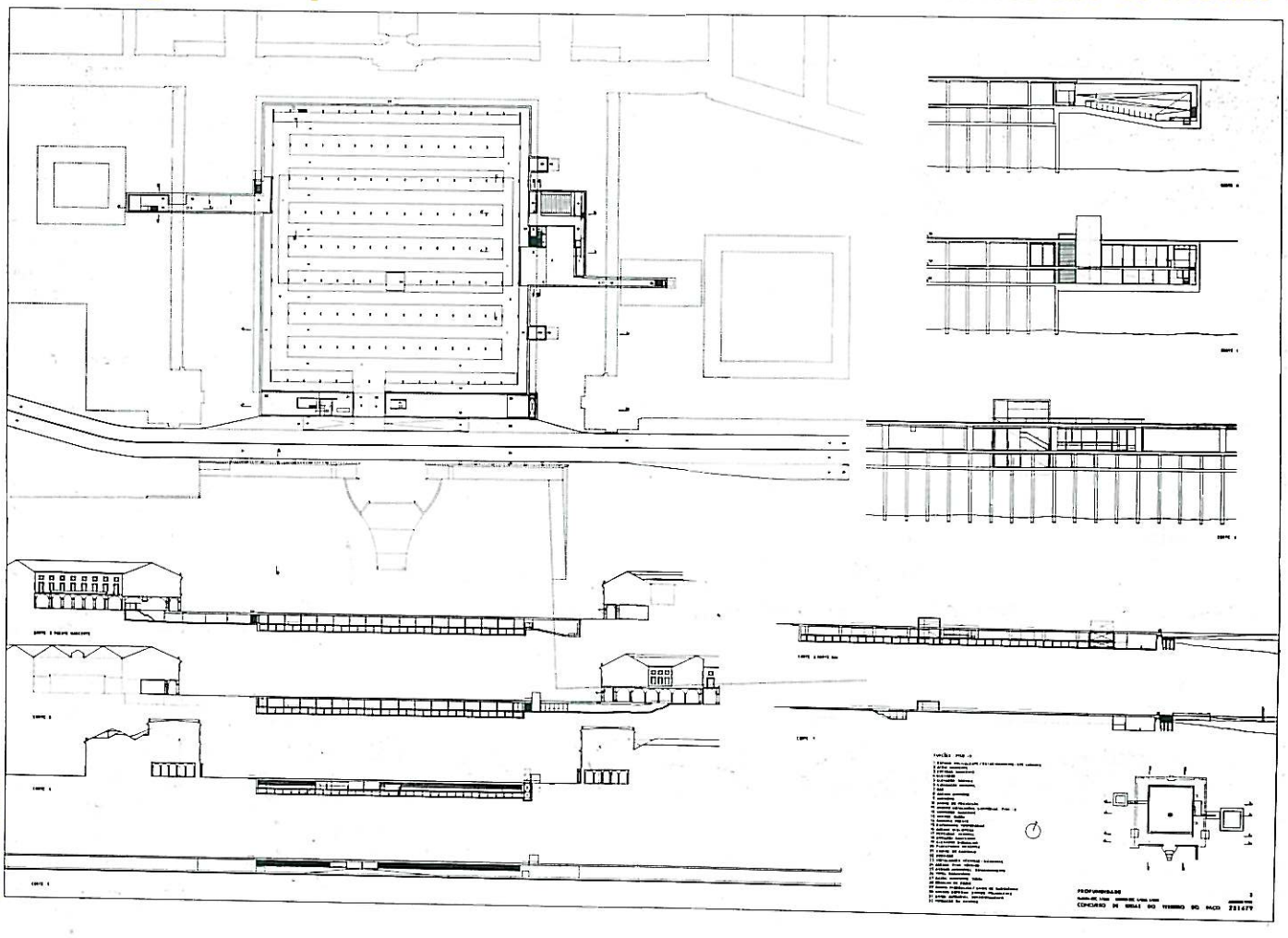
"Redescobrir o centro da cidade" são as palavras de ordem do Plano Director Municipal. E a Baixa/Chiado é o que se considera o centro tradicional de Lisboa, do Tejo aos Restauradores. Os objectivos são, por um lado, reforçar a centralidade política e cultural da Baixa/Chiado, e promover a salvaguarda dos valores patrimoniais – classificação da Baixa como património mundial – e a reabilitação dos edifícios, com introdução de melhorias nas condições de segurança, para prevenir inclusive os incêndios. E, por outro, recuperar e qualificar a estrutura comercial (a abertura do comércio aos sábados, até Dezembro, é já a primeira medida, embora em carácter experimental); promover e apoiar a animação cultural e lúdica; reabilitar e valorizar o espaço público com prioridade ao uso pelos peões; e, ainda, incentivar a instalação de equipamentos hoteleiros e serviços de restauração. Reequilibrando, inclusive, as relações entre serviços, residência e circulação.

Com o objectivo de produzir uma normativa para regular as intervenções na Baixa, a CML assinou, recentemente, um protocolo com a Faculdade de Arquitectura.

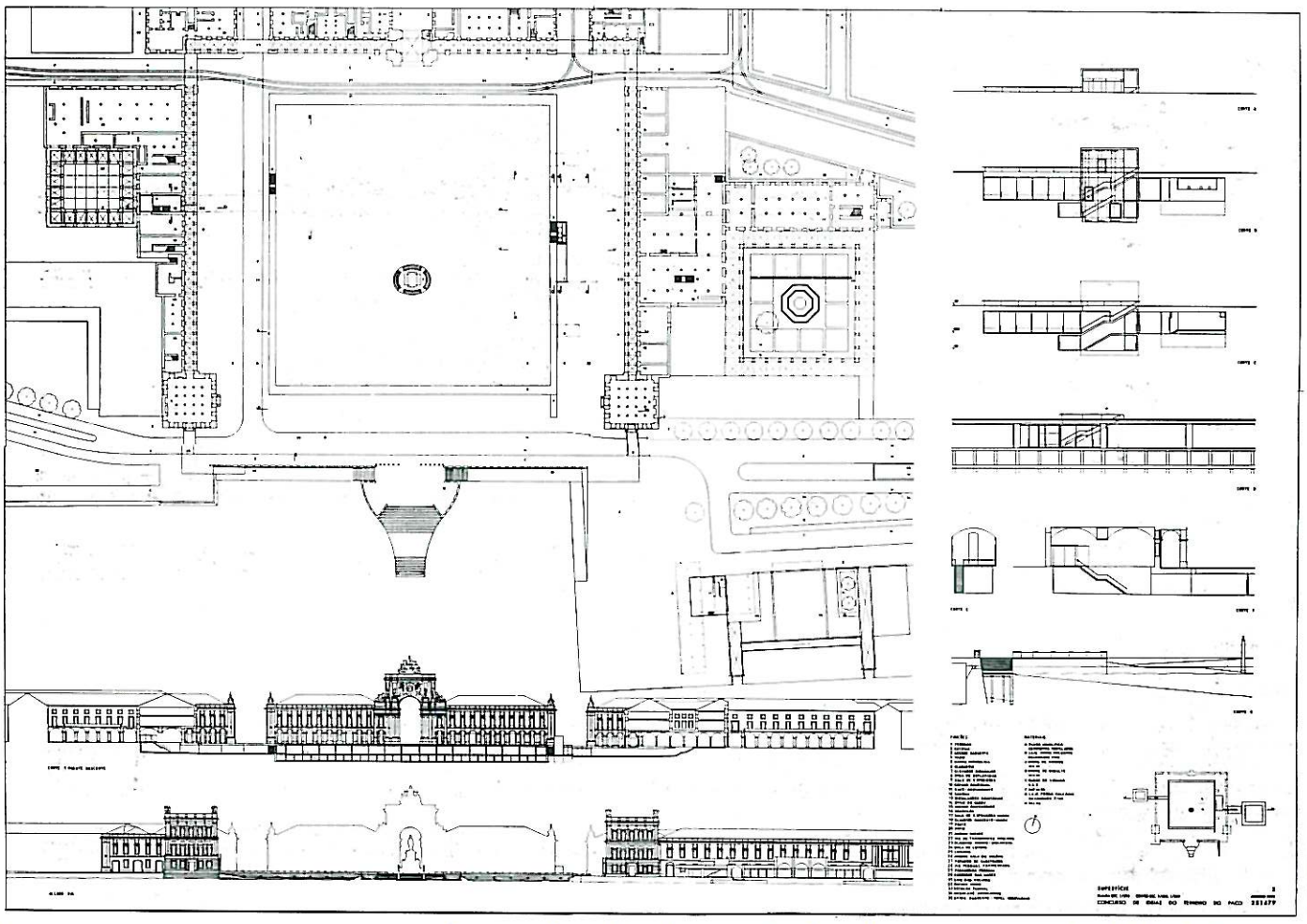


1. IDEIA

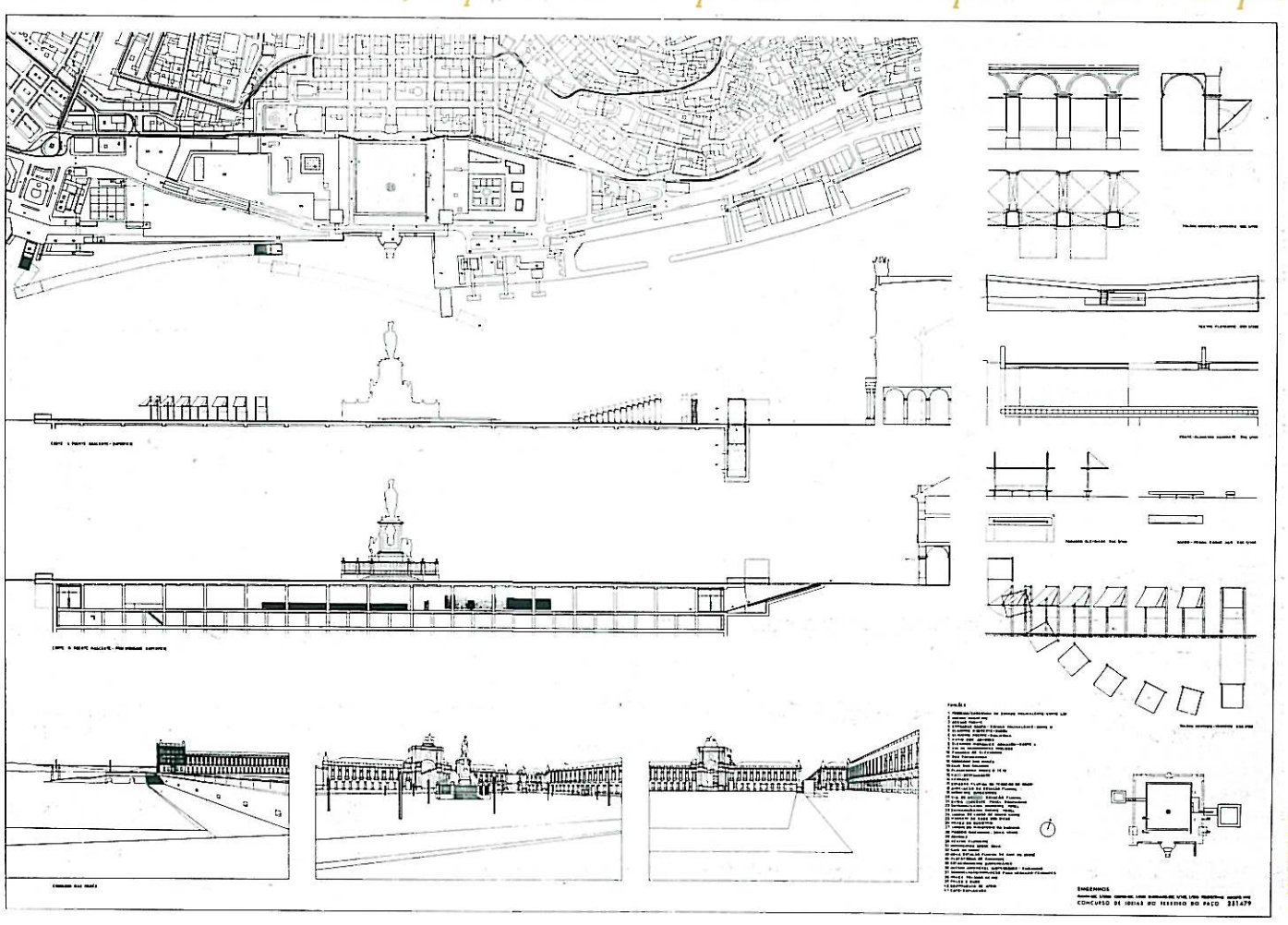
"Investigar e compreender a substância das coisas" [1] *– vários são os modos de intervir arquitec*



3. PROFUNDIDADE



arquitectonicamente num contexto, dependendo do período de tempo e de história que



2.º PRÉMIO

Projecto

José Adrião da Costa Martins
Pedro Pacheco

Equipa

Jorge Perloiro (eng.) • Maria Isabel Azevedo (arq. paisagista) • José Manuel das Neves (historiador) • João Louro (sistemas multimédia) • Fernando Rafael (orçamentista) • Cláudia Pinheiro (arq.) • Rogério Gonçalves (est. de arq.) • João Felino.

se vive. Igualmente na mesma circunstância temporal e histórica as análises de um contexto são diversas, tal como o foram nas décadas de reconstrução que se seguiram ao terramoto de 1755. Assim o demonstram os vários planos elaborados para a zona baixa de Lisboa.
Cataclismos, terramotos e maremotos, são **motos** consequentes de desenvolvimento e de súbita consciencialização da importância de um lugar. O caos como gerador de ordem, e a ordem como **moto** estruturador de relações que continuamente se recriam a partir do conteúdo original.
No processo de desenvolvimento de um lugar como a Praça do Comércio, revêem-se as mudanças que foram originando o seu estado actual. Põe-se em questão a toponímia do lugar. O tempo foi consolidando a memória do nome antigo de Terreiro do Paço, que não corresponde nem a uma forma nem tão pouco aos usos actuais da Praça do Comércio. O desenho dos edifícios e do espaço é forçosamente o de uma Praça Real absoluta na sua simetria e razão, símbolo de poder e de centralidade. Como símbolo de poder a praça já não funciona. Que poder e que instituição actual o desejaria deste modo centralizado e absoluto?
Ao pretender reencontrar um terreiro na Praça põe-se o princípio primordial da correspondência de forma e função, tal como se questiona o seu desenvolvimento histórico. Remetendo-nos à função, já que é nessa abordagem que esta proposta se procura fundamentalmente direccionar, pensa-se adequada a procura de um novo uso. Um correcto dimensionamento do grande espaço de relação entre a cidade e o rio.
Pensa-se que a escolha de um programa que compatibilize a nova função de terreiro com a forma existente de praça tem de ser feita não comprometendo a estrutura existente, mas de modo a lançar novos dados contemporâneos na leitura do lugar, permitindo uma transformação em continuidade. Não uma questão formal ou superficial mas de estrutura e profundidade.
Um terreiro é um espaço vazio – interpretando o vazio como silêncio – que se torna lúdico ou activo em períodos de tempo pontuais e esporádicos. Será por isso que se pensa que a nova intervenção deverá processar-se em relação ao plano-superfície como um vazio ou não construção. Remete-se para a profundidade – já que é nesse sentido que se consolidam as estruturas – a nova base construtiva e de fundação do terreiro. Aí concentram-se os equipamentos que complementam o vazio (espaço exterior) e que permitem a transformação de um espaço de silêncio a um espaço lúdico excepcional.
Por outro lado entende-se que a proposta aponta para uma análise do lugar e dos seus antecedentes históricos. Antes era um terreiro, depois foi uma praça. Entre estas funções específicas aconteceu um **terramoto**, causador do sentido destas transformações.
Parece então ser incontornável rever este espaço entre dois lugares. Voltar, não à origem do processo, mas ao princípio do meio da história. Procurar a matéria tornada caótica pelo **terramoto** e sedimentada com a ocupação precedente, tanto por razões construtivas como históricas e principalmente para "investigar e compreender a substância das coisas" [1].

SUPERFÍCIE QUE CONTÉM O FUNDO

Estratégia

É numa interpretação que se pretende global e aberta que definimos a estratégia de actuação. Entender que as fases necessárias à consolidação do projecto tenham uma importância real na execução do resultado final. Provocar o interesse específico de acontecimento ao retirar o pavimento da praça actual induzindo à sensação de **descoberta.** Promover na fase de escavação uma pesquisa arqueológica (inexistente), procurando interpretar o valor factual da matéria que for encontrada.
Tem-se a consciência que o próprio carácter do local induz a um tipo de abordagem necessariamente interrogativa, já que consoante os resultados das pesquisas levadas a cabo, haverá uma reavaliação do projecto, permitindo a sua consolidação e a redefinição a partir de novos dados.
Procura-se com a intervenção não um objecto fixo e cristalizado, mas a construção de um lugar que tal como a sua própria história indica, se reconstrói sobre si mesmo.
"Numa arquitectura onde o importante não é o substantivo mas o verbo". Idealmente um projecto "cuja forma não esteja nunca acabada nem apontada, cuja forma não exista senão como inesgotável capacidade de encarnar sentido, como origem continuamente originante da procura de sentido. Porque não tem consistência o desenho, mas sim o desenhar" [2].

FASE UM – CONTACTO COM OS ESCOMBROS

Tem-se como princípio que o pavimento actual da Praça do Comércio, assenta sobre um aterro composto essencialmente por **escombros** do terramoto de 1755.
O Terreiro do Paço apresentava uma configuração diferente da praça actual, um menor distanciamento entre a cidade e o rio. A área do terreno que lhe foi acrescentada para nova configuração de Praça, terá sido conseguida através da remoção do entulho resultante da destruição dos edifícios existentes. Será então parte dos **escombros** e fundações destes edifícios – e de outros removidos da cidade em direcção ao rio para provocar o aterro – que hipoteticamente se julga vir a encontrar se a placa central do pavimento existente for removida. A primeira fase do projecto proposto tem como base esse contacto. A procura em profundidade da história da cidade, pedaços de edifícios – **pedras** – que ao serem redescobertas podem revelar algo mais dos acontecimentos, pouco presentes a um nível real, que deram origem a uma nova concepção e consolidação do tecido urbano, história moderna da cidade de Lisboa. Tem-se presente que a **matéria** que provavelmente se descobrirá poderá ter um valor mais simbólico do que um valor real de investigação. Que as alvenarias mais ricas e incólumes terão sido reutilizadas para edificação das construções pombalinas.
Mas será principalmente o contacto com a **matéria** que nos interessa. Procurar, recuperar e transformar a essência matérica do lugar, mais do que a forma, já que essa continuará intacta à espera de motos de maior intensidade.

FASE DOIS – RECICLAGEM DOS ESCOMBROS

"Nada existe separadamente, todas as coisas se cruzam e se transformam entre si" [3]. Esta fase será a etapa em que se reconhece a **profundidade** e se analisa a matéria com a qual o subsolo se compõe.
Pensa-se retirar sucessivamente o entulho do espaço referente à plataforma central, a que corresponderá um lento abaixamento da cota do terreno. Com este processo de movimento de terras, pretende-se construir um vazio, consolidado perifericamente por um espesso muro de betão, que posteriormente envolverá o edifício proposto (3.ª fase). Será possível criar nesta progressiva construção do vazio, um estaleiro onde se proceda a um estudo rigoroso dos materiais trazidos à superfície, e simultaneamente um anfiteatro efémero, ao ar livre, sobre os escombros e virado a poente, onde acontecerão espectáculos e concertos durante toda a fase de peritagem – fase que de um certo modo se prevê prolongada.
Mas mais do que estas propostas de funcionamento efémero das estruturas, pretende-se com esta fase a selecção da matéria trazida à superfície, em lotes que serão convertidos através de reciclagem em material de construção do edifício proposto. Referimo-nos concretamente à **transformação** dos escombros num betuminoso de consistência não homogénea, com a qual se fará o pavimento do novo terreiro (que simultaneamente age como cobertura do edifício proposto). A intenção é, tal como já foi anunciado, criar a partir da matéria inerte, que esteve "submersa" durante mais de 2 séculos, uma superfície monolítica que a contenha.
A placa central monolítica – escombros reciclados – será o elemento principal da intervenção, já que mantém com o projecto uma relação de "contentor" da ideia que originou o processo, e que ao mesmo tempo, retém em si o sentido de **"origem continuamente originante"** de um lugar. Uma superfície reciclada que contém o fundo.

FASE TRÊS – CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO E DA SUPERFÍCIE DE TERREIRO

Propõe-se nesta fase, a construção de um edifício subterrâneo que contenha as funções de apoio, que se julgam necessárias para uma equilibrada ocupação do espaço à superfície do terreiro.
O edifício consolida-se como uma caixa sobre estacas e a sua **cobertura funciona como pavimento** da placa central da praça. A essa caixa maior acopolam-se outras duas caixas, nos lados nascente e poente, independentes estruturalmente e de menor dimensão. Estas permitem as ligações verticais entre a superfície e o espaço central subterrâneo, e ao mesmo tempo ganham autonomia prolongando-se em túnel até ao interior dos edifícios existentes (e respectivos claustros) que delimitam o terreiro. Estabelecer uma relação transversal tanto à superfície como subterrânea a partir do núcleo central do projecto com os claustros nascente e poente, tornou-se uma ideia essencial: a transposição espacial do terreiro em direcção às arcadas, a descoberta dos claustros e, a partir daí a reabilitação dos edifícios existentes, com um novo museu da cidade e uma biblioteca.
Previu-se desde o início resolver o problema do estacionamento actualmente feito à superfície, reforçando uma expressão pragmática do projecto. Não se pensa que o mal seja o parque de estacionamento em si – uma adaptação de uso a um espaço que não tem essa vocação – mas sim o modo forçado como este se faz. Julga-se por isto que, ao tornar esse estacionamento subterrâneo, existe uma procura de conciliar dois factores. Por um lado, a resolução de um problema que parece ser de uma vez por todas inadiável. Por outro, satisfazer uma ocupação do lugar que já se consolidou, servindo de um modo eficaz a área envolvente, e que se tornou, ao longo de décadas história do mesmo lugar, uma convivência contemporânea de objectos móveis, imóveis e automóveis.
A grande caixa central subterrânea tem dois pisos. O piso-2 funciona como **piso técnico.** O piso-1 será o espaço central e gerador do projecto. Pretende-se que este piso subterrâneo funcione como **espaço polivalente.** A estrutura, a própria extensão do espaço e o grande dimensionamento dos vãos, pretendem reforçar a sua polivalência. Poder receber o estacionamento de automóveis nos dias normais de funcionamento, ou transformar-se num local de acontecimentos lúdico-culturais, funcionando como complemento ao espaço exterior de superfície.

[1] Marquês de Pombal, "Observações Secretíssimas" *in Cartas e outras Obras Secretas*, Lisboa, 1822
[2] José Quetglas, *Monografia de M. Lapeña/Torres*, Ed. Gustavo Gili, SA – Barcelona, 1990, p. 18
[3] Dimitris Pikionis, *in Topografia Emocional* – Atenas, 1935

3.º PRÉMIO

Arquitecto coordenador:
Ricardo Bak Gordon

Projecto:
Ricardo Bak Gordon
Carlos Vilela Lúcio
Federico Tranfa
Joana Cintra Gomes
Vitor Coelho (Finalista Arq.)

Tratamento informático:
Centro de Computação Gráfica-Siii

Equipa:
Domitica • António Trindade (eng.) • Rui Cavaca Marcos (eng.) • Luís Cansado Carvalho (eng.) • João Martins (eng.) • Daniel Lúcio Pereira (eng.) • Paula Varatojo (eng.).

Recuperar a centralidade física e metafórica do Terreiro do Paço constitui ocasião para reflectir sobre algumas das dicotomias que povoam o pensamento arquitectónico contemporâneo. Passado/presente + futuro; o velho/o novo; cidade construída/espaços abertos; centralidade física/centralidade de informação. O conceito contemporâneo de centralidade encontra-se hoje afastado daquele que é o conceito de centralidade física. A centralidade actual é uma questão de informação, não de posição física no espaço. É porém angustiante a possibilidade da eliminação da "necessidade de lugar", da homogeneização e alienação aos meios electrónicos.

Reorganizar o interface de transportes, a circulação rodoviária e o estacionamento automóvel, libertando a praça para os peões, é condição *sine quanon* para a reconquista por parte da cidade de um dos seus espaços mais significativos. Parece-nos no entanto ingénuo pensar que o simples retorno da praça a um estado de imagem-fóssil da época pombalina seja suficiente para dar resposta a todas as vontades agora expressas pela CML (e para que Lisboa possa ser "capital atlântica da Europa") ainda que efemeramente animada de mais ou menos esplanadas, toldos, palcos amoviveis ou jogos de água.

Para nós, imaginar um novo terreiro significa integrar no seu desenho iluminista novas funções que enfatizem a actualidade no presente e por isso remetam para o futuro.

Ou seja, tornar possível, no presente, a cada instante, a sobreposição da memória e da imaginação.

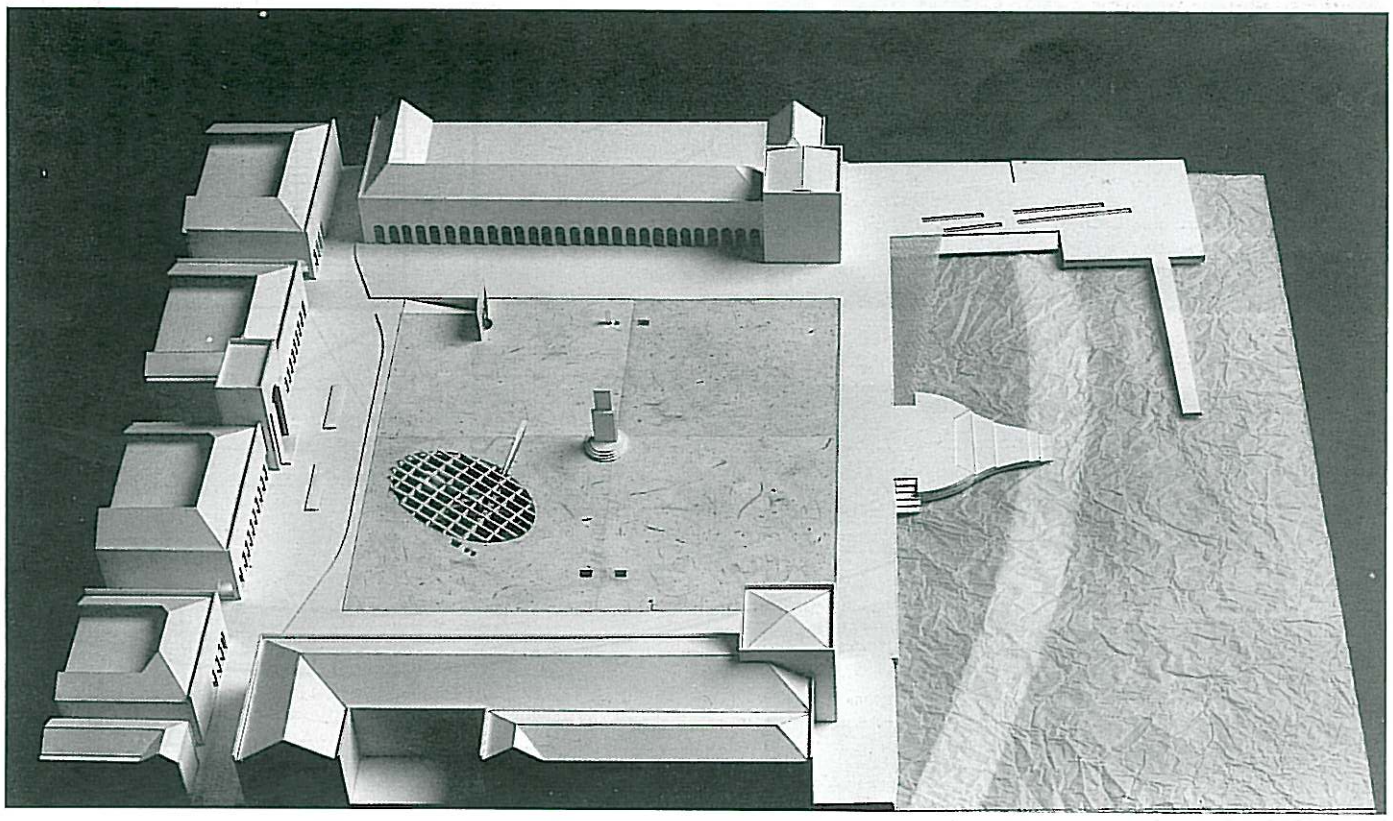
Permitir à cidade que exista um lugar onde imaginá-la; um lugar onde a vista se transforme em visão.

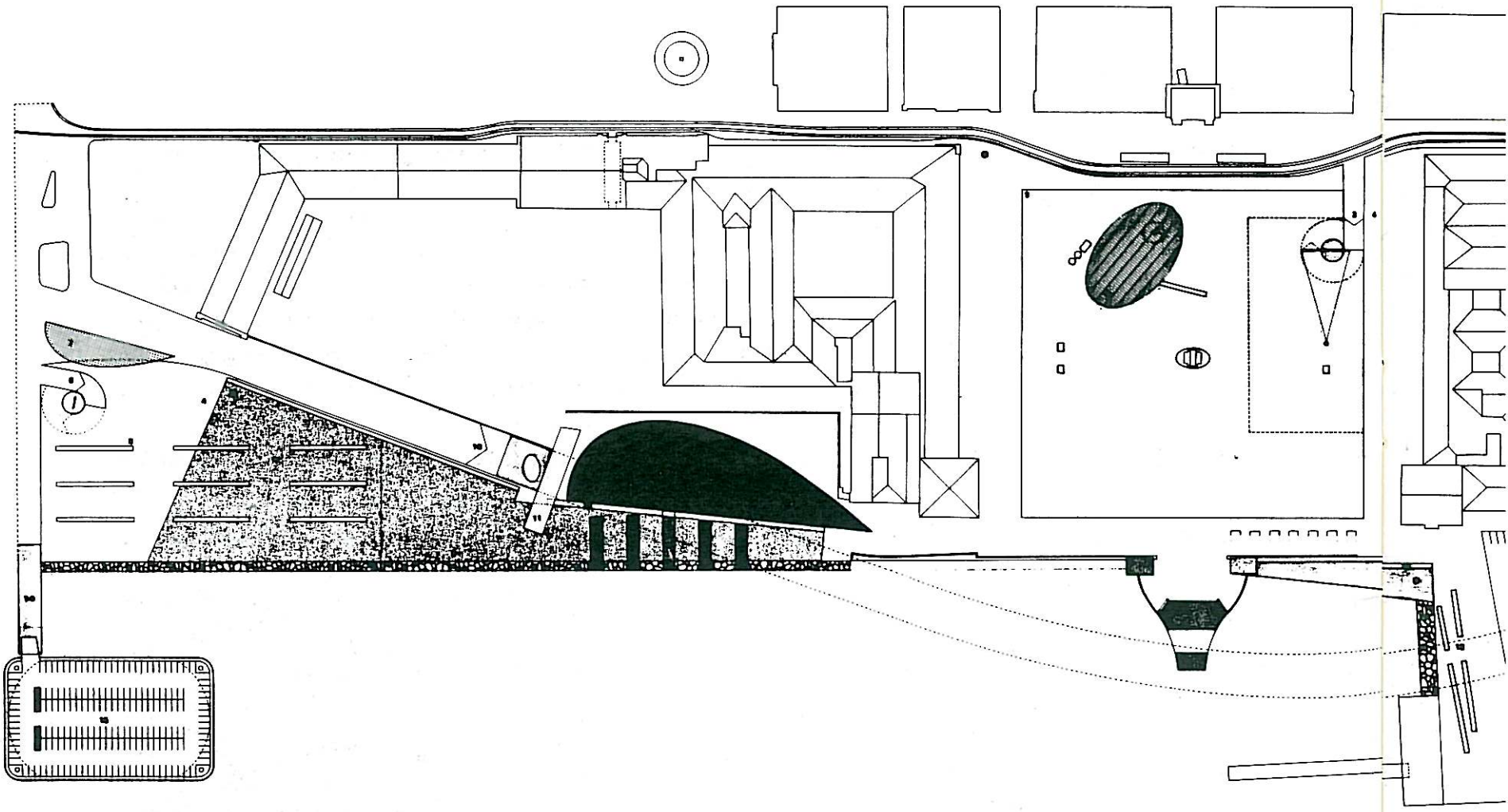
É importante assumir para o terreiro uma identidade cultural. Concentrar a atenção dos projectistas sobre a necessidade de actualizar e integrar tal vocação histórica com os recursos tecnológicos hoje à nossa disposição.

Para que o Terreiro do Paço possa renascer como um interface de culturas e não morrer como interface intermodal ou entre as faces de vidro de uma campânula cheia de formol.

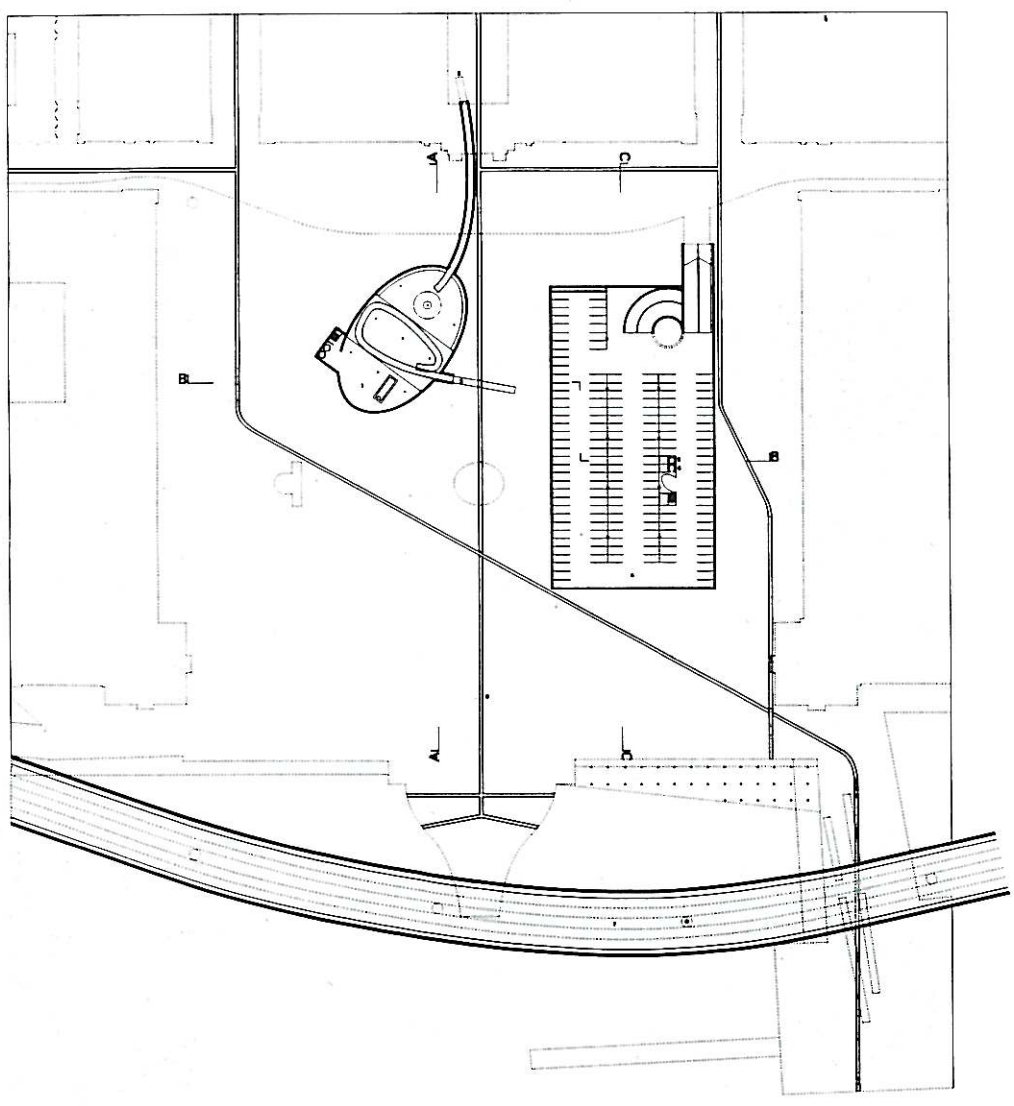
Materializar tais considerações num projecto arquitectónico pressupôs uma atitude mista de reverência, quase minimalista nas suas manifestações, e de uma sensação semelhante à que deve ter um cirurgião que implanta um pace-maker.

A nossa intervenção nega a confrontação directa com a arquitectura existente, porque simplesmente afirma a sua própria condição de "displacement".



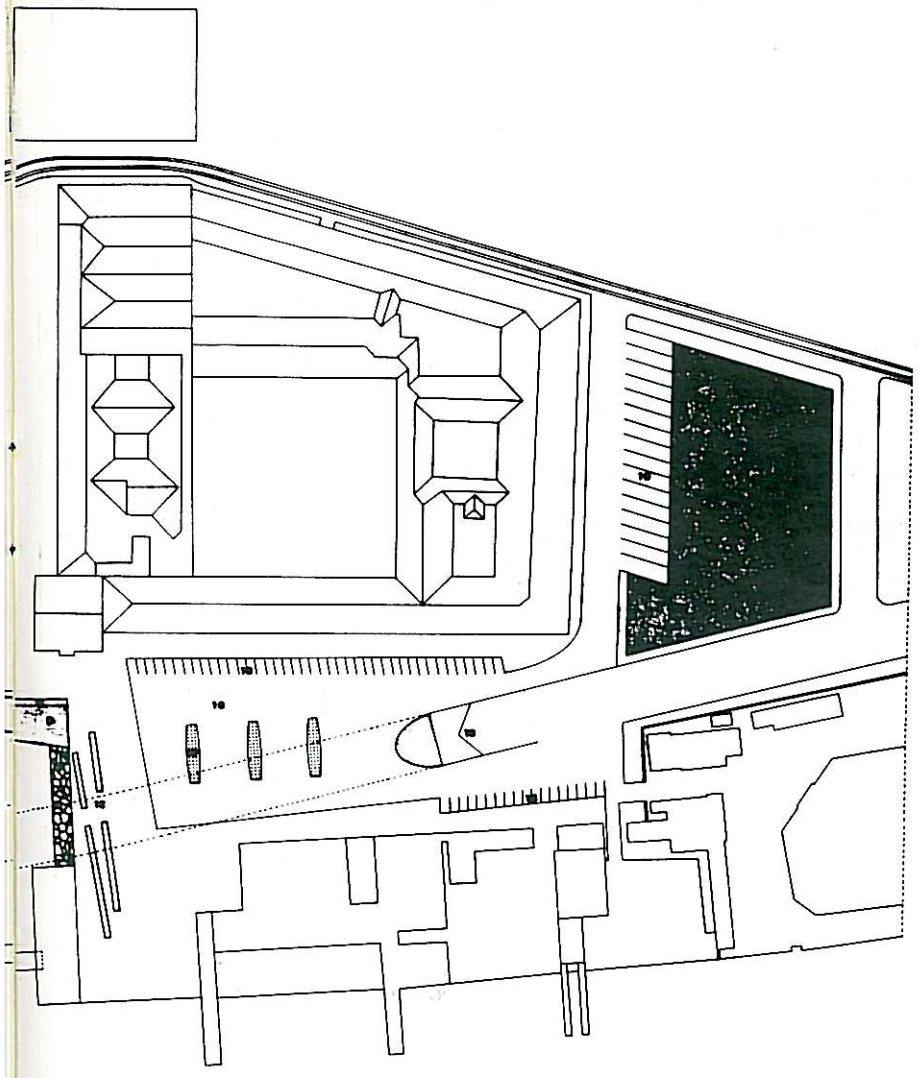


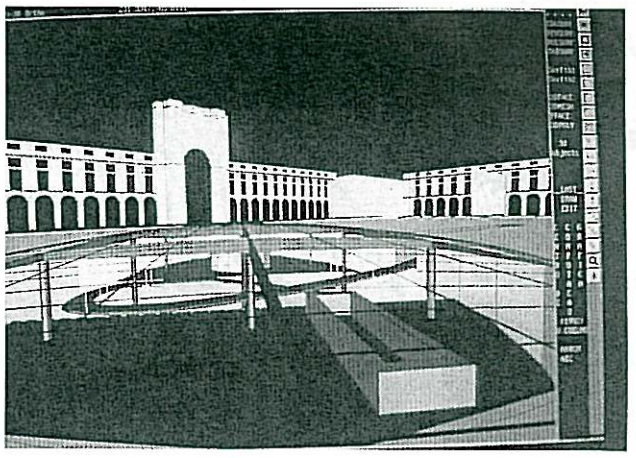
IMPLANTAÇÃO

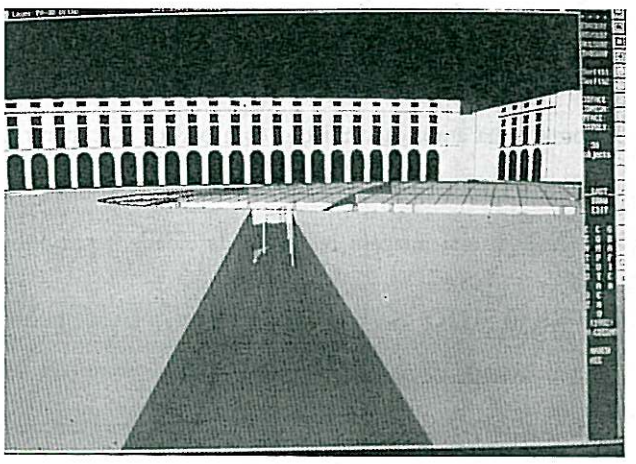


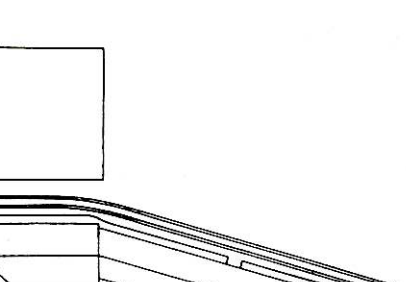
PLANTA NÍVEL 1 ESCALA 1:500

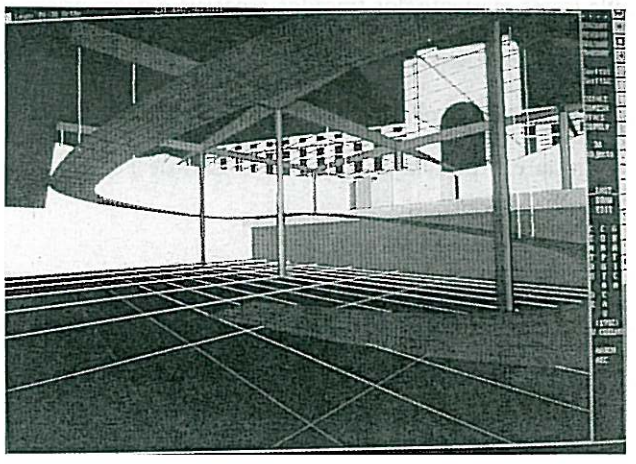
1. CENTRO DE INFORMAÇÃO CULTURAL (CIC)
2. TÚNEL DE ACESSO AO CIC
3. RAMPA DE ACESSO AO CIC
4. ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO EM 2 PISOS (300 LUGARES)
5. CABINE DE PROJECÇÃO/PERISCÓPIO
6. ASCENSORES
7. TÚNEL RODOVIÁRIO – 5 FAIXAS DE RODAGEM
8. VENTILADORES
9. COLECTOR

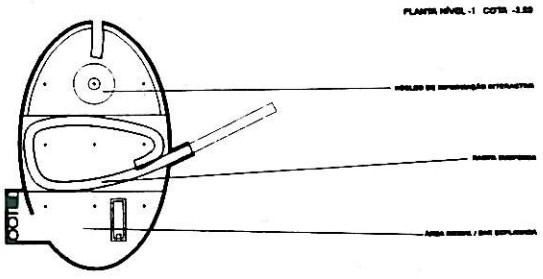


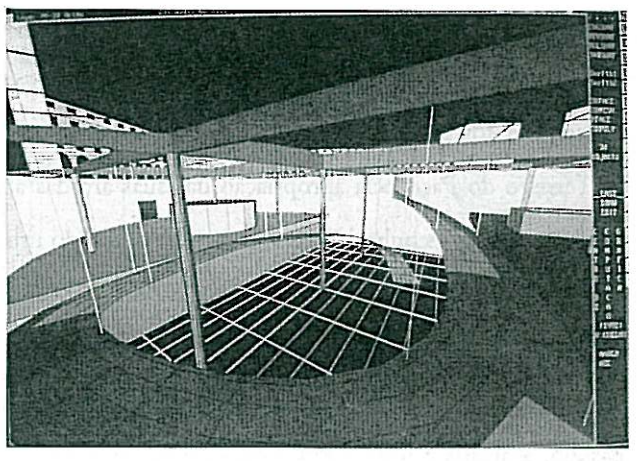


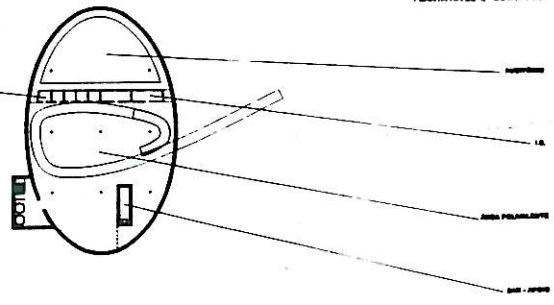












MENÇÃO HONROSA

Arquitectura:

Alberto de Souza Oliveira
João Paulo Vasconcelos Ferreira
João Paulo Camacho
João Santos

Paisagismo:

João Ferreira Nunes

Especialidades:

Álvaro Augusto Veiga de Oliveira (eng.) • Domingos Salvação Barreto (eng.) • Rui Mendonça (eng.)

SOBRE O CONCURSO DAS IDEIAS: Enunciaremos duas dificuldades encontradas durante o concurso:

1. Sobrepondo-se a Praça do Comércio ao "Terreiro do Paço" como evitar a destruição de um património com a construção de um parqueamento em cave?

Sabemos que uma escavação a 2m de profundidade irá encontrar o velho bastião de pedra, partido e derrotado pelo Terramoto. Comparando com o Campo das Cebolas, em idêntica situação, encontrámos ali dezasseis cais de pedra ou sucessivos muros fronteiros que distam do Rio uns bons 100m.

Como conciliar a existência de traçados sobrepostos? Preferimos aceitar a Praça do Comércio na sua integridade.

2. Pretendendo-se evitar uma forma de intervenção na cidade baseada no "aterro", qual a alternativa?

Retomar uma embricada relação com o Rio? Recuperar o património arqueológico do velho Arsenal, elegendo um programa de chegada à cidade pela água?

Escolhemos uma imagem renovada da cidade, restituindo a Lisboa a sua memória urbana.

SOBRE O SÍTIO: A Praça do Comércio, marcada pela sua arquitectura envolvente, é o resultado de um redesenhar de um outro espaço urbano: O Terreiro do Paço.

A estátua equestre ocupou o lugar vazio do terreiro, propondo-se como a configuração emblemática do poder.

D. José I, colocado ao centro da Praça, personifica a afirmação do Rei-Estado sobre a Nobreza derrotada.

Na trama existente dos traçados espaciais e geométricos, convergimos para a Praça e para o Rio e sentimos a cidade identificada como e nesse espaço, lugar das principais alterações políticas e da acumulação das memórias colectivas de um país.

As fachadas dos ministérios são as caras do poder, o Arco da Rua Augusta é o pórtico de Lisboa e o Cais de Pedra é o lugar das inesquecíveis partidas.

Acreditamos que a principal característica de uma renovação urbana é transformar aquele espaço no lugar de encontro da cidade, uma vez que é o seu principal facto urbano.

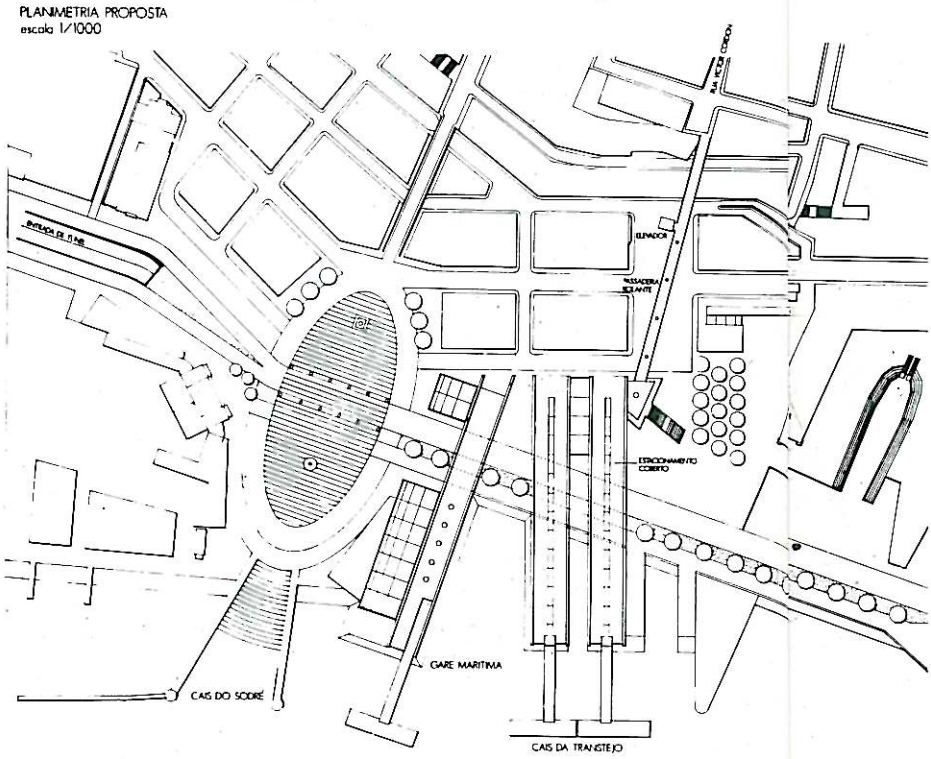
Ao intervir sabemos que a cidade se constrói ao longo da História, que ela própria reflecte a História.

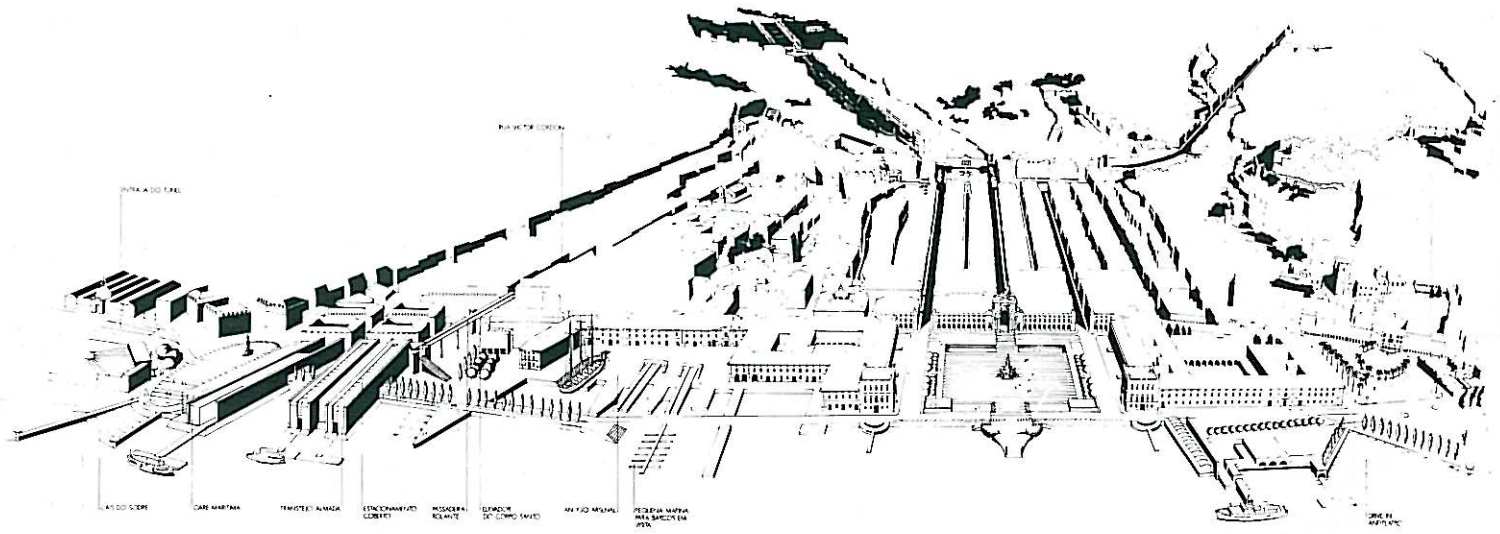
Pretendemos retomar o valor da cidade, o valor da Praça, como o lugar onde se festeja a vida, palco do quotidiano ou dos grandes acontecimentos urbanos.

O Terreiro do Paço pela apropriação das suas arcadas apresenta uma capacidade reconhecida de se renovar e o acordo urbano em causa está encontrado. É preciso retirar-lhe o estacionamento de superfície e a opressão do trânsito envolvente.

Para usar esse espaço público é necessário intervir privilegiando o passeio, a arcada e toda a Praça cujo cenário é o Rio.

PLANIMETRIA PROPOSTA
escala 1/1000





SOBRE OS OBJECTIVOS DA INTERVENÇÃO URBANA: A proposta que se apresenta integra-se num contexto mais vasto de alteração da frente de Rio entre o Cais-do-Sodré e o Cais da Marinha.

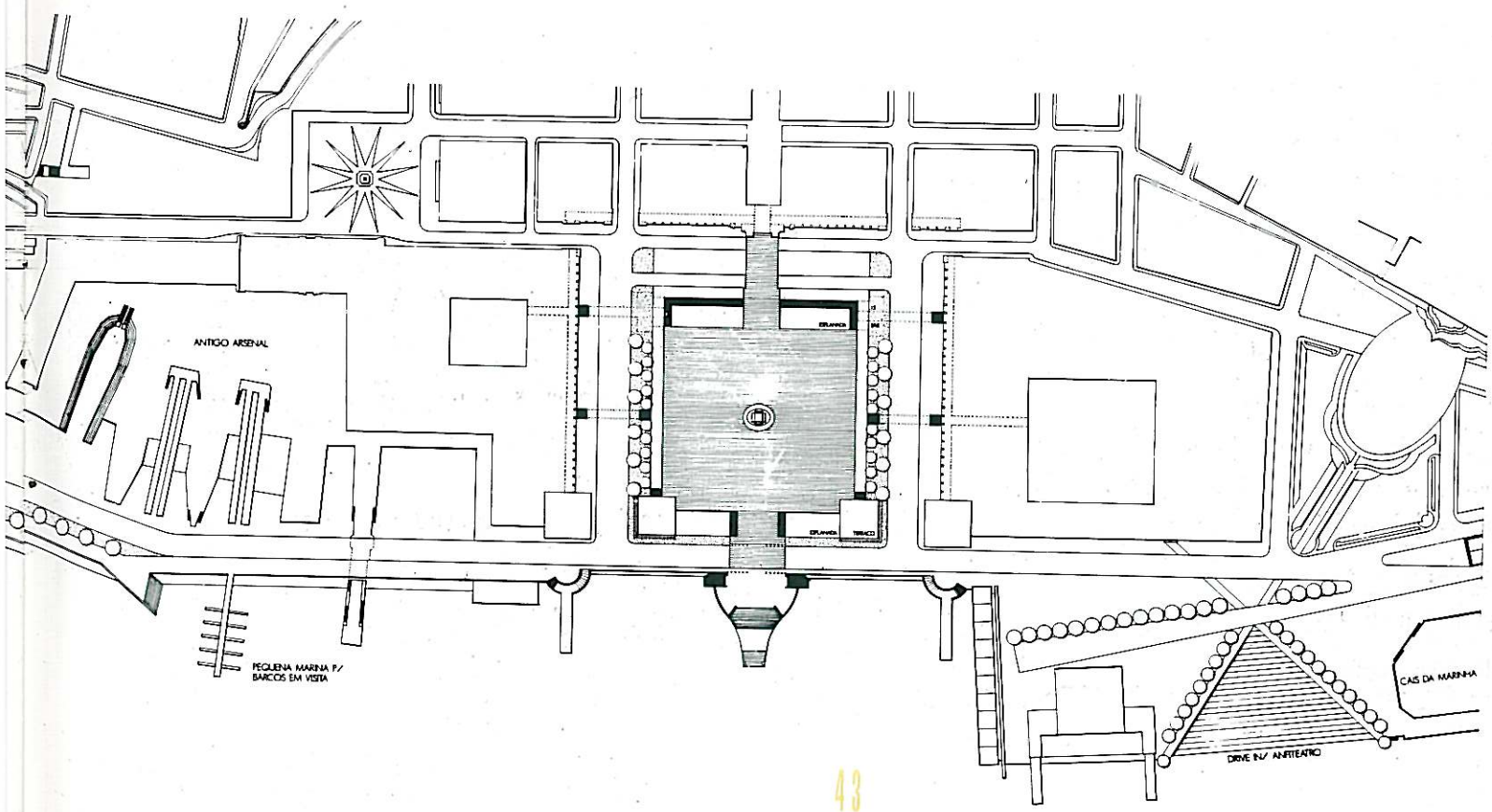
Os objectivos principais desta nossa proposta poderão descrever-se do seguinte modo:

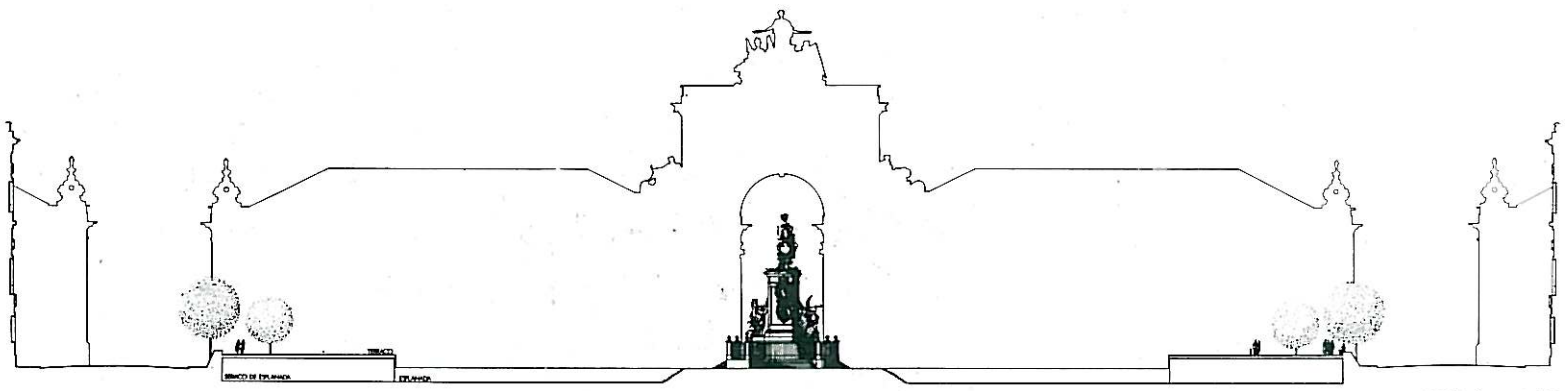
1. Recuperar o contacto da cidade com o rio, recusando o aterro como forma de intervenção.

2. Restaurar o antigo arsenal da Ribeira das Naus, restituindo a doca de pedra, diversos cais e antigos boqueirões.

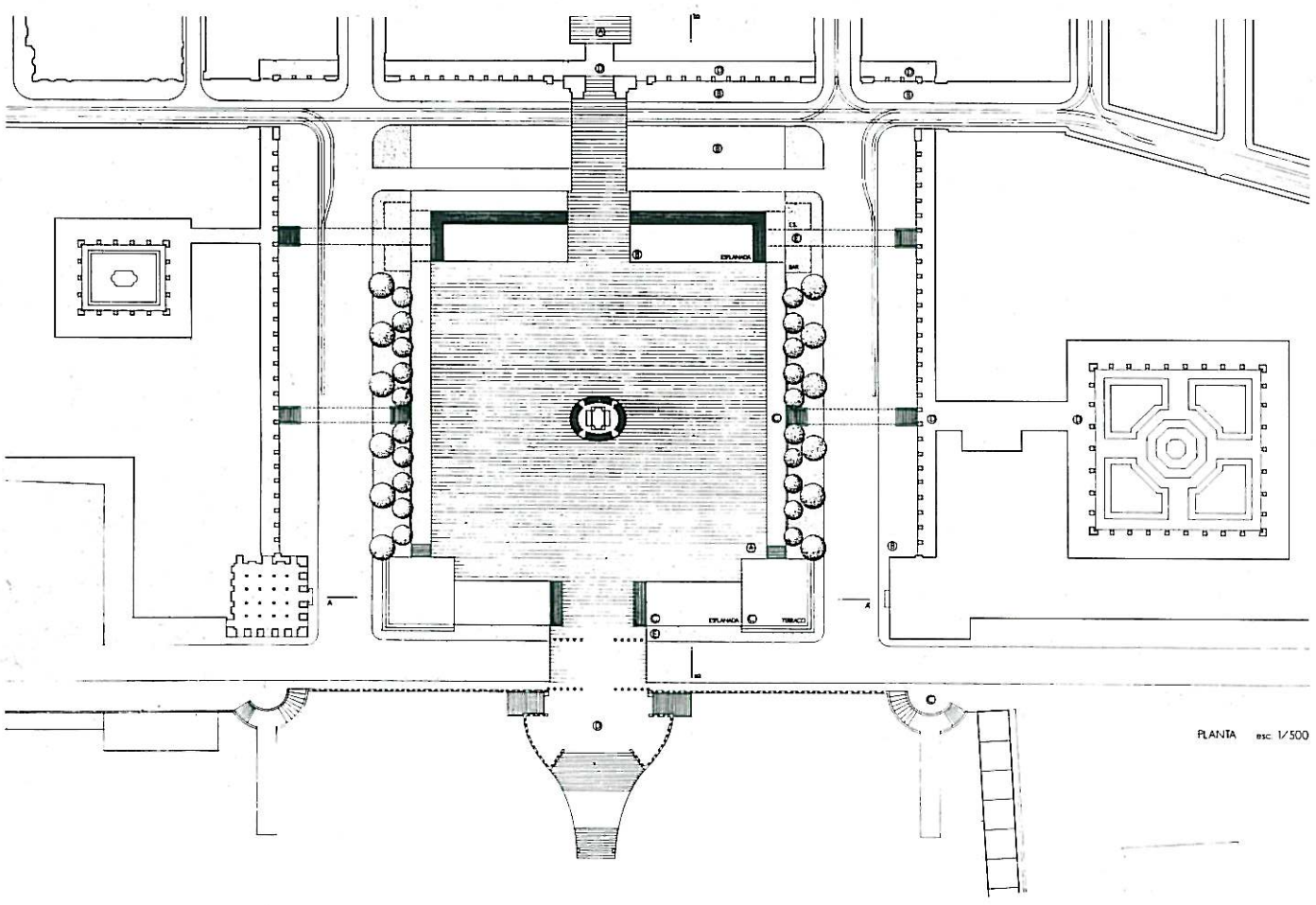
3. Estabelecer um percurso pedonal junto ao rio atravessando os pontões que ali de novo se irão estender.

4. Transferir da área de Sul e Sueste para a área do Cais do Sodré e Corpo Santo, todos os terminais de cacilheiros da Transtejo provenientes de Almada.





CORTE AÁ esc. 1/200



PLANTA esc. 1/500

5. Constituir na área do Cais-do-Sodré/Corpo Santo um grande interface de transportes através de três gares de passageiros com ligação à futura rede do metropolitano.

6. Apetrechar estas gares com acessos cobertos para táxis e autocarros permitindo melhor segurança e estadia na partida e chegada de passageiros.

7. Interligar estas gares com um elevador e uma passadeira rolante sobre-elevada em direcção à Rua Victor Cordon dando acesso à área da Baixa-Chiado.

8. Criar um estacionamento em altura que permita compensar o número de lugares hoje existentes no parqueamento de superfície da Praça do Comércio.

SOBRE A RENOVAÇÃO DA PRAÇA: Delineámos uma proposta de apropriação que, estabelecendo quatro esplanadas rebaixadas e dois terraços sobre o Rio, organiza um pavimento cujo desenho confere uma unidade a todo o conjunto.
O desenho da Praça pretende-se essencial no entendimento da cidade de pedra, com a dignidade exigível de ali poder cruzar de novo Fernando Pessoa.

MENÇÃO HONROSA

Coordenação:
João Cabral (arquitecto)

Concepção e Projecto:
Luis Cabral (arquitecto paisagista)
Catherine Harrington (arquitecta)

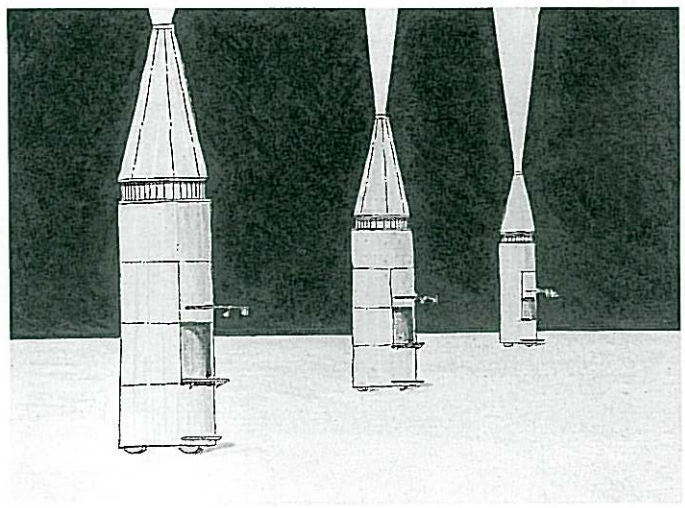
Consultores:
Victor Casimiro (arquitecto-tráfego)
Rui Pimentel (designer)
Carlos Correia Dias (arquitecto paisagista)

Colaboradores:
Victor Beiramar Diniz (arquitecto paisagista estagiário) • Cristina de Magalhes Coelho (est. arquitectura paisagista) • Pedro Milharadas (est. arquitectura) • Frederico Bravo Ferreira (desenhador) • José Patrão (engenheiro civil) • Álvaro Aleixo (engenheiro electrotécnico)

Fotografia aérea:
Luis Pavão

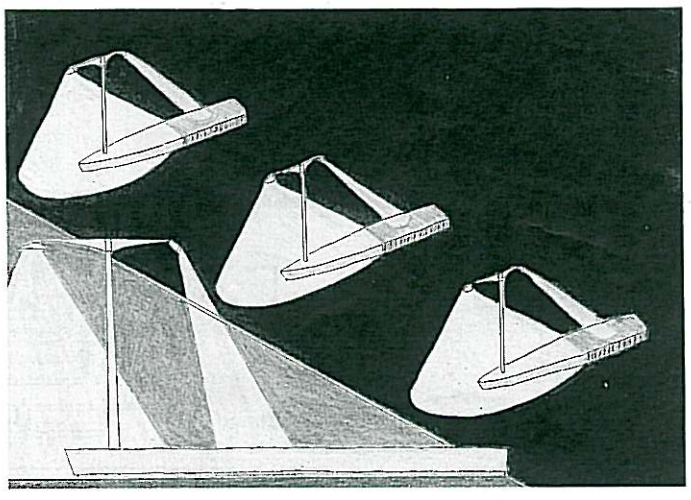
Na tradição e 'recriação' da imagem da cidade, este espaço deve manter a leitura uniforme e a utilização multifuncional, como o Terreiro dos grandes espectáculos populares.
A proposta prevê a concretização dos seguintes objectivos:

• Projectar a praça em continuidade e à escala da sua envolvente urbana, segundo os alinhamentos do desenho urbano contíguo, em detrimento da sua função viária, numa solução capaz de evoluir de modo a responder a diversas solicitações ou cenários previsíveis.

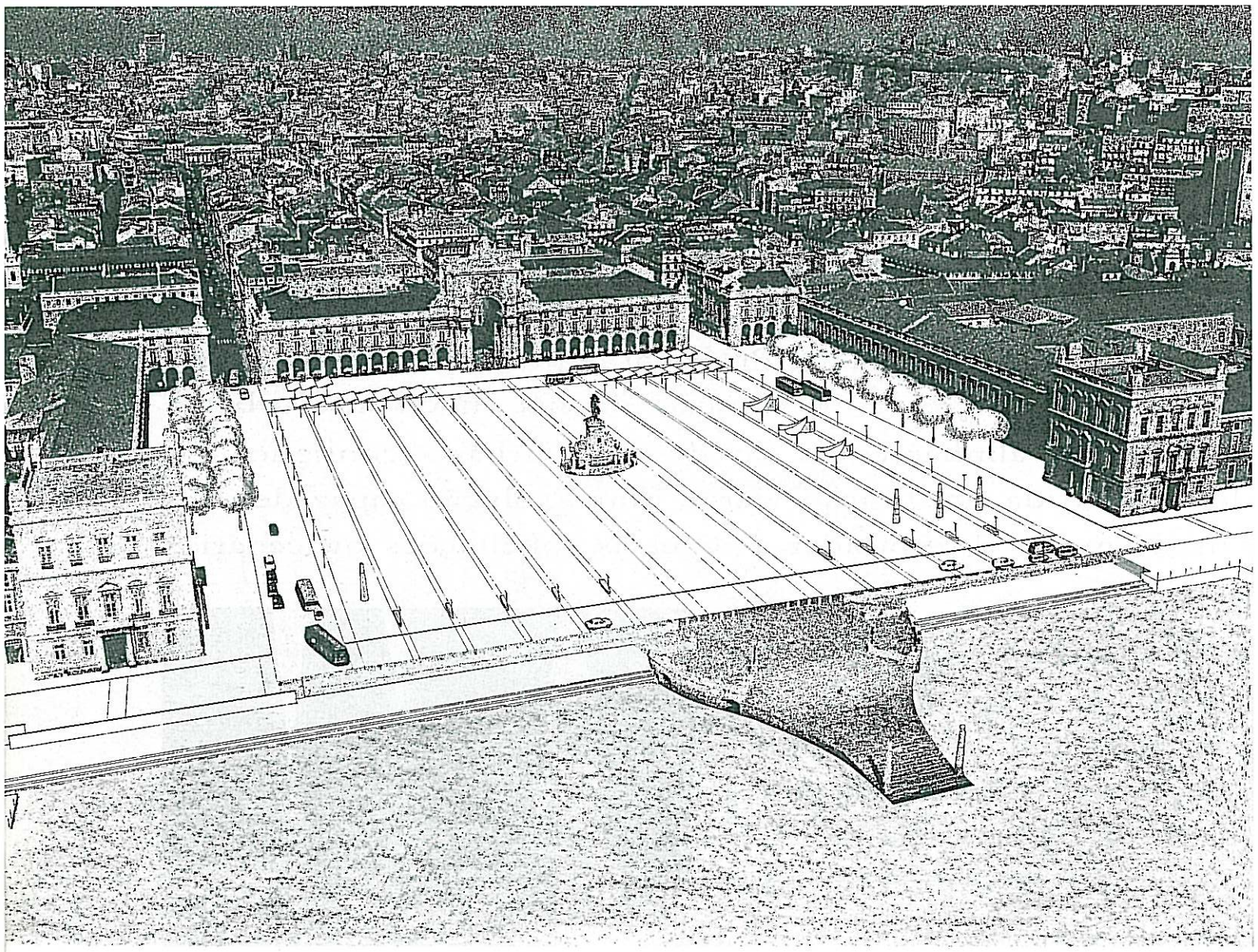


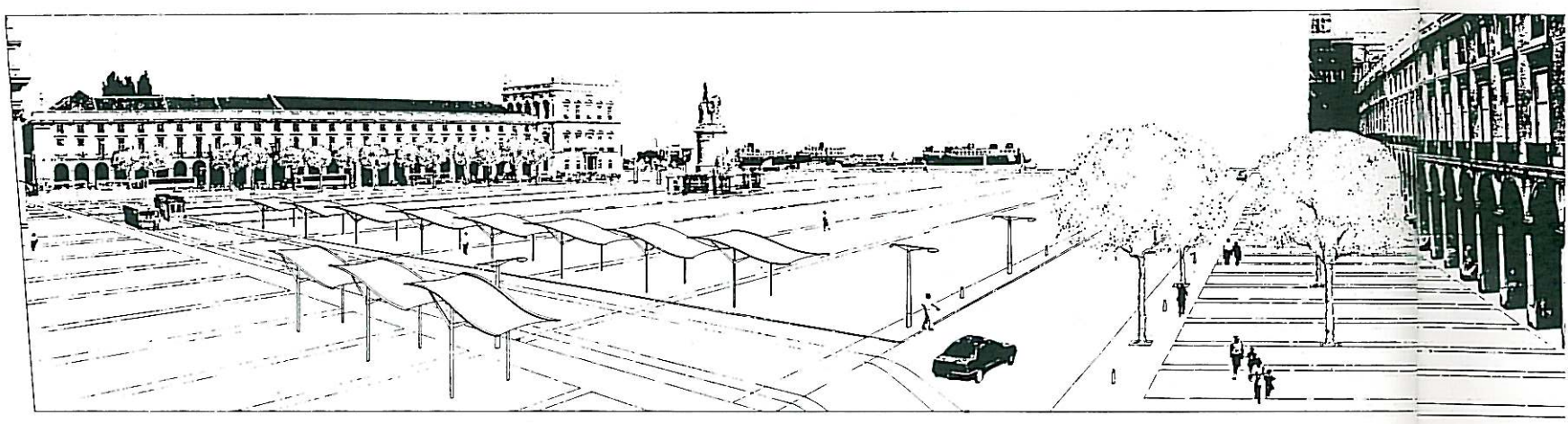
• Qualificar e ordenar o espaço da praça para a sua ocupação lúdica e cultural, através da reorganização dos fluxos de tráfego e da repavimentação do interior da praça à escala e imagem do terreiro, com pavimento de um tipo apenas, e com descaio uniforme, realçado pela moldura de calcário branco ao longo das arcadas.

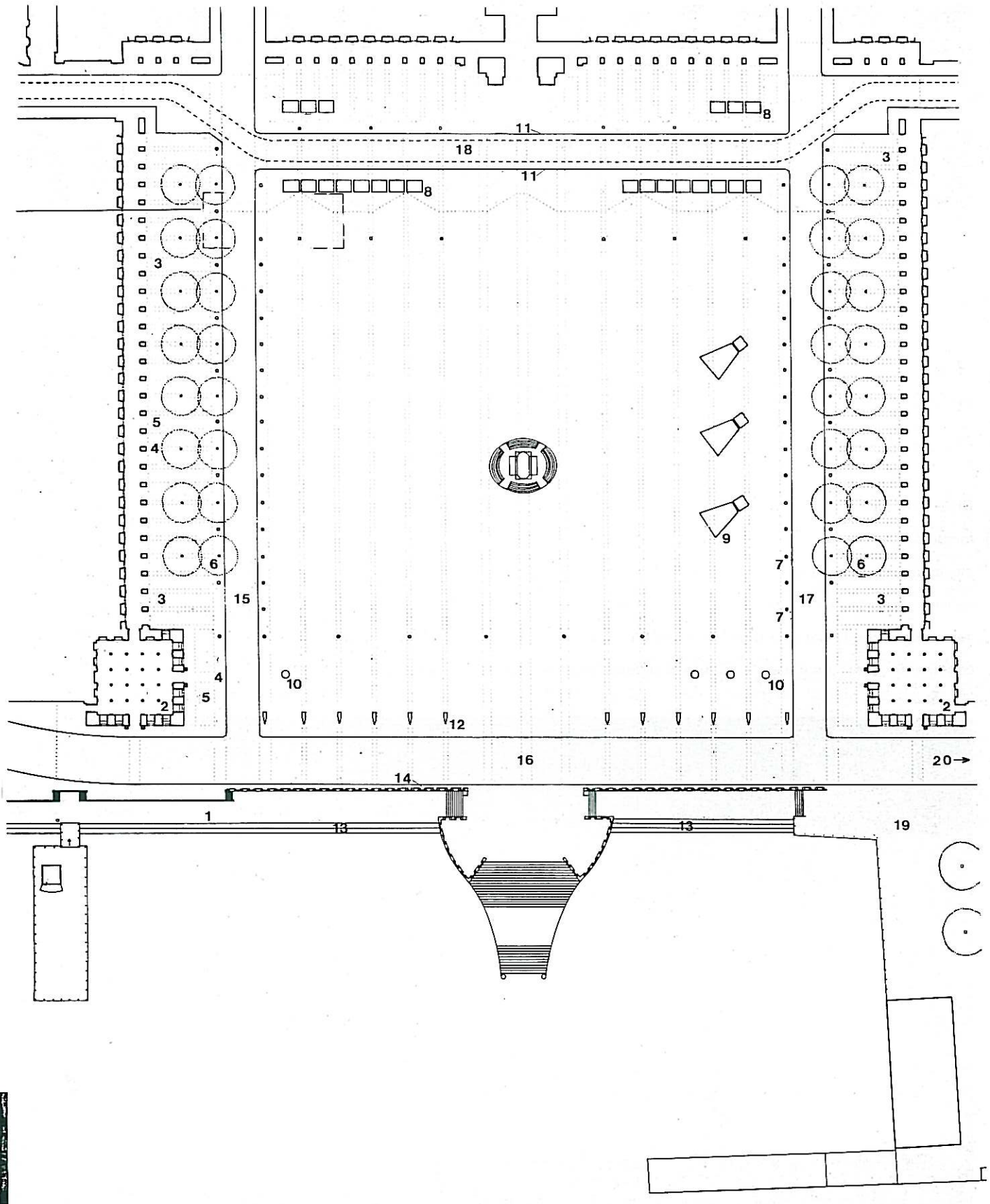
• Melhorar a relação visual e funcional da praça com o rio pela continuidade do pavimento de Azulino até junto ao Cais das Colunas, e a partir daí, pela ampliação, repavimentação e animação do passeio para nascente e poente até ao Cais do Sodré e estação Sul e Sueste.

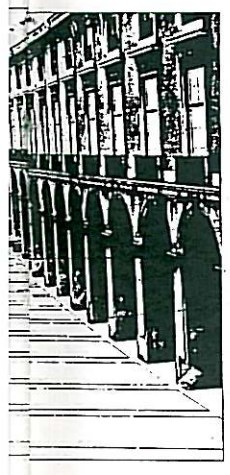


(Nota: texto baseado na memória descritiva)









1 – Percurso ribeirinho de ligação do Terreiro do Paço ao Cais do Sodré, ampliado para 7 metros de largura e revestido com lajetas de pedra. Remodelação do revestimento do talude marginal em rampa de pedra. Animação deste percurso com plataformas flutuantes no rio equipadas com cafés/restaurantes. 2 – Piso térreo vazado para atravessamento de peões, em continuação das arcadas. 3 – Área para esplanadas e passeio de peões à sombra (25 metros de largura). 4 – Lajetas de vidraço de grande dimensão. 5 – Calçada de paralelepípedos de vidraço com 0,10 × 0,20m ou 0,10 × 0,30m dispostos paralelamente à fachada. 6 – Dupla fiada de Lódãos. 7 – Pilotis metálicos do tipo usualmente utilizado pela CML. 8 – Estruturas metálicas com cobertura de tela, enfiados no pavimento em fixes metálicos apropriados e de localização fixa. 9 – Quiosques metálicos móveis com cobertura de tela suspensa por estrutura metálica amovível, capaz de servir refeições à mesa. 10 – Quiosques pequenos para venda de jornais, revistas, cafés sem lugar sentado. 11 – Lancil com desnível de 12cm. 12 – Bancos em granito com candeeiros. 13 – Margem do rio diante do Terreiro do Paço em escadaria de degraus com 0,45m de espelho e 1,20m de cobertor. 14 – Passeio estreito para realinhamento do pavimento do Terreiro do Paço. 15 – Via a manter com o tráfego existente, sem paragem de transportes públicos. 16 – Via com 4 faixas sem viragem no sentido Av. Ribeira das Naus – Rua da Prata. 17 – Via a manter com redução de cerca de 40% do tráfego, e sem paragens. 18 – Via de transportes públicos a manter, sem paragens. 19 – Plataforma ampliada para facilitar o acesso pedonal ao cais de embarque. 20 – Viragem do trânsito proveniente da Av. Ribeira das Naus para a Baixa a nascente do Terreiro do Paço.

PRÉMIO SECIL DE ARQUITECTURA

"Espero que a instituição deste prémio sirva de motivo para clarificar o trabalho dos arquitectos e a produção da arquitectura em Portugal".

Arq.º Eduardo Souto de Moura, *Prémio Secil de Arquitectura 1992*

Diz o regulamento do Concurso Nacional Prémio Secil de Arquitectura 1992 que "é o talento do homem que dá unidade e harmonia às formas". E que "a arquitectura constitui um nobre complexo e estimulante desafio à capacidade humana de conciliação do Belo com o Funcional". Mais: "da interacção entre o espaço real e a habitabilidade humana nasce a evolução da arquitectura. Através dos conceitos de espaço, descoberta de novos materiais, redescoberta dos antigos, reencontros inesperados com a tradição. O betão é uma das componentes essenciais dessa evolução. Utilizando o betão, os arquitectos portugueses constroem obras admiráveis e adquirem notável reconhecimento no estrangeiro".

Foi no espaço admirável da Estufa Fria, na noite do dia 29 de Setembro – com a presença de Mário Soares e do Secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes –, que se realizou a sessão solene de entrega do primeiro Prémio Secil de Arquitectura 1992 (5000 contos e troféu) à obra Casa das Artes no Porto, de autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Tratou-se de uma noite memorável, enriquecida por um concerto de música clássica que iniciou e concluiu com arranjos para valsas de Johann Straüss, seguido de ceia volante, que teve como pano de fundo a apresentação de um quarteto de jazz a interpretar música americana dos anos 50.

A iniciativa da Secil, empresa cimenteira com grande tradição em Portugal, e da Associação dos Arquitectos Portugueses, com o alto patrocínio da Presidência da República, destina-se a premiar os edifícios que usem o betão como material dominante na sua estrutura.

"Quando a Secil e a AAP apontam como exemplar e premeiam uma obra, quebrando o esquecimento para o qual parecia resvalar", afirmou o Presidente da Associação dos Arquitectos, Francisco Silva Dias, "estão enriquecendo o nosso património edificado, ou seja, contribuem para fazer recair sobre esse edifício um sentimento de posse colectiva com carácter intelectual. Cumpre a Associação um dos seus deveres estatutários; excede a Secil a sua função social, inserindo-a no campo da cultura".

O discurso do Presidente do Conselho de Administração da Secil, Eng.º Gonçalves Viana, constituiu a afirmação de um compromisso com os arquitectos portugueses. "A entrega deste primeiro Prémio Secil de Arquitectura representa, na verdade, a consagração de uma ideia que mereceu apoio empenhado, sustentado e generalizado dos responsáveis da empresa, a vários níveis. Enquadrado por uma política coerente de mecenato, que se desenvolve sistematicamente em torno dos produtos que fabrica, conheceu adesão incondicional e mobilizou esforço notável. Daí que seja com muita satisfação que a Secil regista o momento da sua entrega e assume o empenhamento necessário a assegurar a continuidade deste que fica sendo o único concurso de âmbito nacional que contempla a actividade criativa da arquitectura portuguesa".

A Casa das Artes, no Porto, da Secretaria do Estado da Cultura, foi projectada pelo arquitecto Souto de Moura com a colaboração dos arquitectos Luísa Penha e João Carreira. Estruturas: engenheiro João Maria Araújo Sobreira. Instalações eléctricas: engenheiro José Souza Guedes. Instalações mecânicas: engenheiro Constantino Matos Campos. Instalações de segurança: arquitecto Humberto Vieira. Águas e Esgotos: engenheira Inês Sobreira. Construção: Soares da Costa, Lda.

As obras nomeadas a concurso, que receberam diplomas, foram as seguintes: Ampliação da Central Telefónica de Rio Tinto, Gondomar, (José Gigante); Casa César Ferreira, Alcanena (Gonçalo Byrne); Casa da Cultura de Mora (Manuel Tainha); Casa José Avelar, Verdizela, Seixal (Luís Patrício Costa); Casa de Miramar (Eduardo Souto de Moura); Casa Sobre a Duna, São Pedro de Moel, Marinha Grande (José Charters Monteiro); Casa Tomás Gervell, Foz do Douro, Porto (Magalhães Carneiro); Centro de Informação, Bar e Balneários, Mata de Vale de Canas, Coimbra (Raúl Veríssimo); Centro de Reabilitação Profissional da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, Lisboa (Palma de Melo); Centro Regional de Segurança Social, Portalegre (Carrilho da Graça); Conjunto Habitacional na Costa da Caparica (Duarte Cabral de Melo); Cooperativa das 7 Bicas, Matosinhos (Pedro Ramalho); Edifício da Assembleia Regional dos Açores (Manuel Correia Pinto e Luís Pinho Miranda); Edifício Filial da Caixa Geral de Depósitos (Nuno Teotónio Pereira); Edifício da Secretaria de Estado da Cultura, Porto (Eduardo Souto de Moura); Edifício S. Paulo, Chaves (Manuel Graça Dias); Edifício dos TLP, Boavista, Porto (Joaquim Bento Lousan).

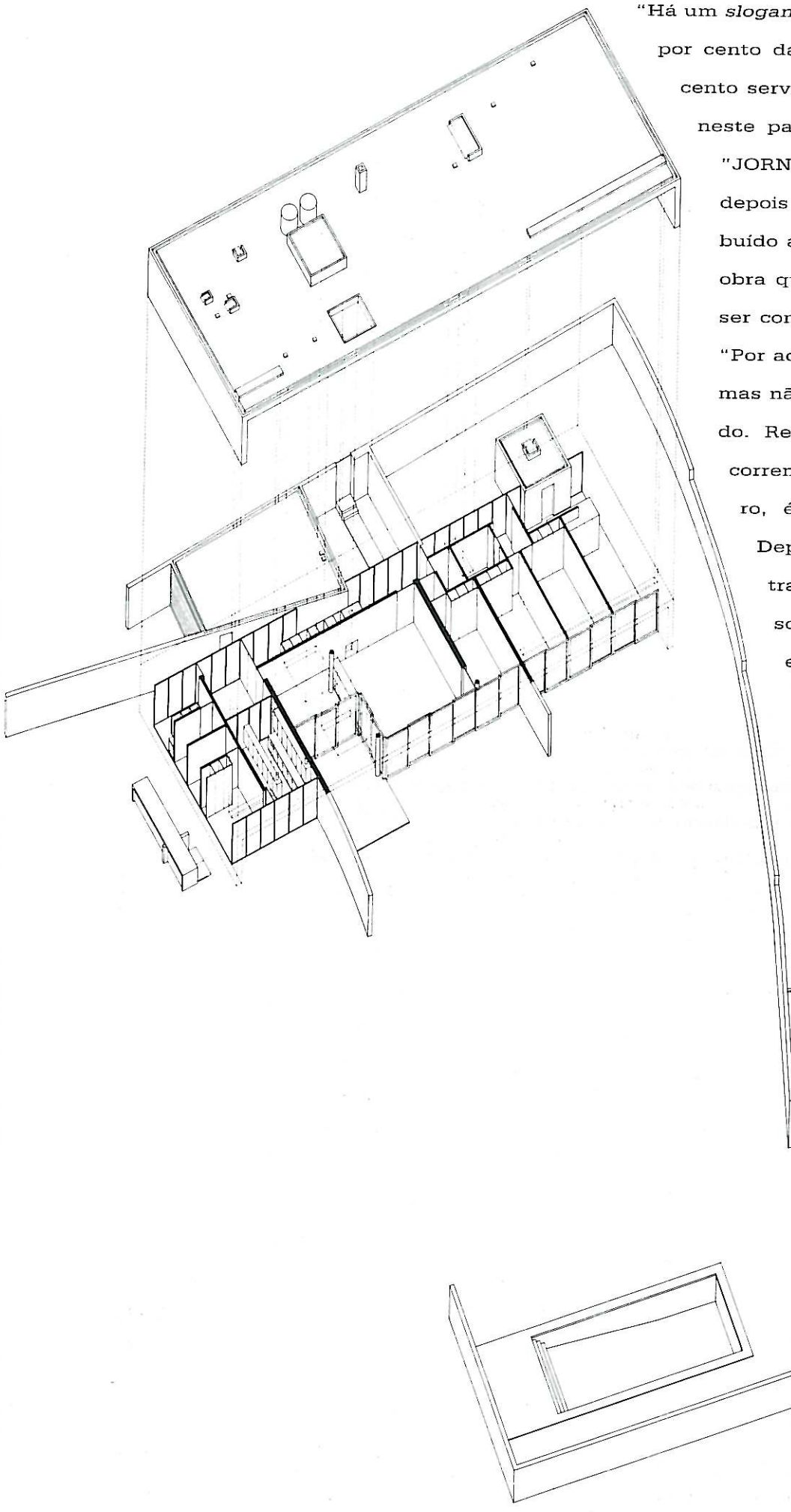
E ainda: Edifício da Universidade de Aveiro (Alcino Soutinho); Escola em Ponte de Lima (Fernando Távora); Escola Pré-Primária de Arronches (José Rebolo); Estação dos Correios de Lixa (Alcino Soutinho); Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa (Manuel Tainha); Forum Cidade da Maia (Carlos Loureiro, Pádua Ramos e Manuel Loureiro); Hotel do Buçaco – renovação – (José Paulo Santos); Instituto Nacional de Investigação Científica, Complexo 2, Lisboa (Nuno Maria Leónidas, Alexandre Duarte Silva e Vasco Maria Leónidas); Piscina em Campo Maior (Carrilho da Graça) e Residencial da Somincor, Castro Verde (Camilo Cortesão, Mercês Vieira, José Luís Janes e consultor Nuno Portas).

Foram membros do Júri os arquitectos: Álvaro Siza Vieira (presidente), Margarida Veiga (Secretaria de Estado da Cultura), Pedro Vieira de Almeida (Associação Internacional dos Críticos de Arte), Manuel Soares Mendes (Faculdade de Arquitectura do Porto), José Troufa Real (Faculdade de Arquitectura de Lisboa), Maria Helena Roseta (Associação Nacional de Municípios Portugueses), Vasco Morais Soares (Associação dos Arquitectos Portugueses) e José Croft de Moura (Secil).

SOUTO
DE
MOURA:

"DEBATE, PRECISA-SE"

CASA DAS ARTES • EDUARDO SOUTO DE MOURA • PREMIO SECIL 1992



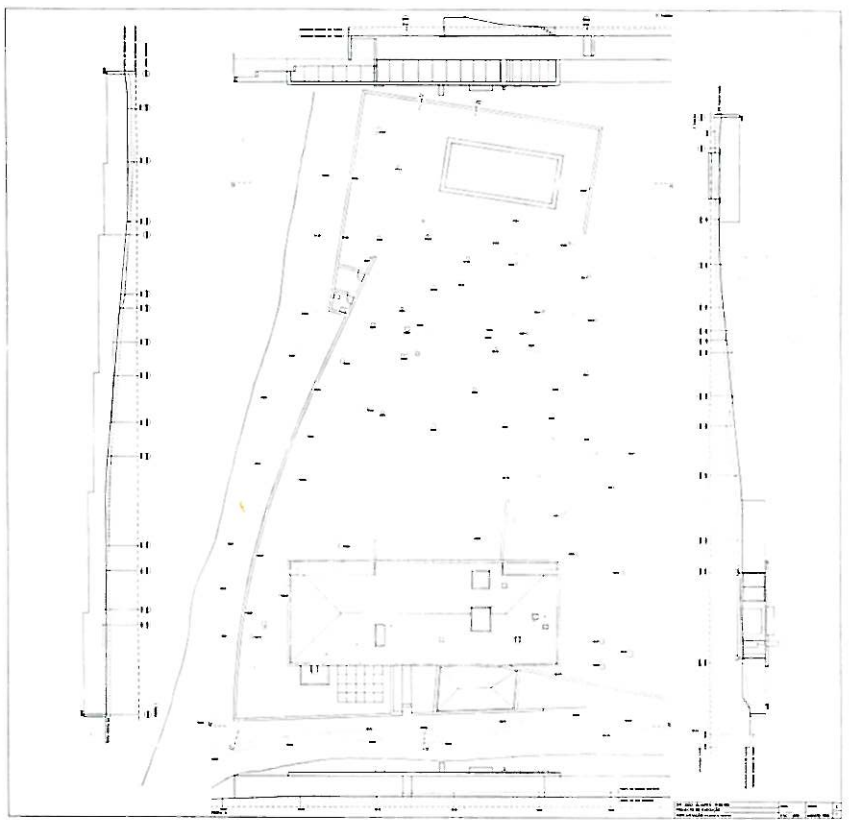
SET 1990
AXONOMETRIA - ESC. 1:100

"Há um *slogan* de que os arquitectos só fazem 5 por cento das construções, os outros 95 por cento servem para justificar o que se passa neste país", afirmou Souto de Moura ao "JORNAL ARQUITECTOS", minutos depois de receber o Prémio Secil, atribuído ao Centro de Artes do Porto, uma obra que levou 11 anos para começar a ser construída.

"Por acaso falei nos 11 anos dessa obra, mas não se trata de um fenómeno isolado. Realmente as coisas em Portugal correm desta maneira. Porque, primeiro, é a organização dos concursos. Depois, as vocações políticas e as transformações políticas das pessoas que trabalharam para fazer estes concursos. Há todo um percurso a seguir até à concretização da obra, que passa pelo financiamento e pela gestão".

Para Souto de Moura, é mais fácil fazer passar um camelo camelo pelo buraco de uma agulha do que fazer um projecto em Portugal.

"Entre nós arquitectos, quando se faz um projecto, o facto da obra existir já é um motivo de parabéns – "Vais construir? Então, mas vai mesmo para a frente? Então, os parabéns!" –, independentemente da qualidade". Segundo ele, isso significa



"que é preciso fazer quase a travessia do deserto".

Outro problema são as condições de pagamento dos projectos. "Neste momento – isto não posso estar de acordo –, são as próprias entidades estatais que promovem concursos de honorários – leva quem faz mais barato –, quando há uma tabela, do Estado, do Ministério das Obras Públicas, que regula os honorários dos arquitectos. Isto não é cumprido, praticamente em nenhum projecto estatal. Pedem sempre descontos".

Depois, há as dificuldades decorrentes dos regulamentos que estão a sair – de incêndio, de segurança, etc. "Muitas vezes, como são regulamentos novos, estão em contradição. O caso, por exemplo, das Delegações de Saúde – este é o caso de um projecto meu, no Porto – que entendem que os vãos de escada devem ser abertos por questões de ventilação, e os bombeiros mandam fechar por questões de segurança dos fogos... A alternativa é fazer uma reunião entre os dois, mas isso é um desgaste constante".

Segundo Souto de Moura, não existe no nosso país, nesse momento, uma definição de sistemas construtivos. "Enquanto que lá fora, já se pôs de parte a construção artesanal – e há uma tabela, um inventário de materiais e sistemas, proporcionada em relação aos preços, e quando o cliente ou dono da obra determina um "plafond" para a obra, está, implicitamente, a dizer o tipo de edifício que quer –, em Portugal, começa-se do zero. Porque ninguém sabe se o edifício vai ser em barro, granito, ferro, betão ou vidro. Há reuniões, discussões, os preços oscilam, pode custar metade, pode custar o dobro. Isto é para justificar um bocado o desgaste com que se chega ao fim da obra". Mas não se trata de defender que a arquitectura deve ser uma actividade fácil. "O que me parece é que há um desgaste do ponto de vista dos arquitectos – burocrático –, que podiam estar a responder melhor no seu campo específico que é a disciplina da arquitectura, se as coisas estivessem mais organizadas".

Souto de Moura concorda com Siza Vieira quando este diz que iniciativas como o Prémio Secil aumentam o debate sobre a arquitectura. "E é urgente fazer um debate em Portugal. Porque não basta fazer um discurso "de má-língua", isto é, dizer que está tudo mal, que as casas são feias. Acho que é um discurso unânime, sob todos os quadrantes políticos, sob todos os quadrantes do Jornalismo, não havendo programa de nenhum Partido, nem da Câmara, do Governo ou da Presidência da República que não fale em "ecologia, património, restaurar, não estragar a paisagem". Portanto, sobre esses assuntos, estamos todos de acordo. O problema é quais são os regulamentos, quem faz, e como se faz. Isto é que ninguém está interessado ou isto é o que não se discute".

SIZA:

"FALTA QUALIDADE À ARQUITECTURA PORTUGUESA"

É um dos mais conceituados arquitectos portugueses, reconhecido e premiado internacionalmente. Faz, todas as semanas, a ponte Porto-Lisboa para acompanhar de perto as obras de recuperação e revitalização do Chiado, de cujo projecto é responsável. Está a ultimar o seu plano para a Praça de Espanha, por solicitação da Câmara Municipal de Lisboa, e vai construir um novo edifício no lugar do Cinema Condes. Tem obras em Évora e no estrangeiro. O Jornal dos Arquitectos ouviu Siza Vieira falar, em exclusivo, sobre a arquitectura e os profissionais portugueses.

JA – Qual a importância do Prémio Secil para a arquitectura portuguesa?

Siza – Primeiro, o Prémio é periódico. Está nos objectivos da Secil organizar uma exposição e publicar um catálogo. Portanto, é uma forma de fixar os prémios ao melhor da produção portuguesa, de dois em dois anos, num catálogo. Depois, é um prémio atractivo. Deve haver sempre a adesão dos empreiteiros e a participação dos arquitectos, porque é materialmente bom. É um dos melhores prémios da Europa. Para além disso, essa possibilidade de expor e publicar em catálogo vai, naturalmente, animar o debate crítico da arquitectura que se vai produzir em Portugal. É um complemento ao Jornal dos Arquitectos e ao que a Imprensa traz, de uma forma bastante representativa. E tem uma divulgação grande, permitindo que haja para o público uma versão do que de melhor se produz em Portugal.

Qual a visão de Siza Vieira sobre a arquitectura que se produz no Sul da Europa? Acredita numa arquitectura mediterrânica?

Os contactos e as influências são menos limitados. Hoje, o que se faz nos Estados Unidos ou na Finlândia tem tanta importância, é praticamente tão conhecido, quanto o que se faz em Espanha. Embora não deixe de haver uma arquitectura mediterrânica, considerando que há condições de equivalência mais fortes, pelo clima, pela cultura, pela história. Mas eu creio que o mais importante é que se assiste a um alargamento muito grande. Se formos ver dois centros de cultura, ambos podem seguir mais ou menos as mesmas pisadas, mas a tendência é a de que não se copiem.

Como é que vê a arquitectura portuguesa, hoje?

Com um certo pessimismo. Não podemos dizer que haja uma produção média de qualidade. Uma coisa importante que falta são exigências. Os arquitectos não podem viver trancados no seu mundo, no seu debate cultural. Se não há exigências, o caminho está aberto para que a qualidade não exista. Um arquitecto que luta muito pela integridade da arquitectura arrisca-se muito, em 90 por cento dos casos, a ser considerado uma pessoa insuportável, radical, intratável. De um modo geral, não existem exigências de qualidade. E eu creio que isso é muito importante no panorama actual da arquitectura no nosso país.

Tem sido uma luta dos arquitectos o reconhecimento da sua competência específica. Mas devo dizer que a realidade noutros países, onde a arquitectura média tem muito mais elevada qualidade, o problema não é esse. Na Holanda, por exemplo, qualquer cidadão pode assinar projectos. Simplesmente, o que há, depois, é bastante exigência, rigor, na apreciação desses projectos. De modo que quem não o souber fazer de forma conveniente, em todos os aspectos, também no aspecto estético, não consegue exercer a actividade. Eu não creio que seja o diploma, por si só, que garanta a qualidade da produção em geral. Nem acredito que a obrigatoriedade da assinatura do arquitecto seja, por si só, condição de se atingir uma qualidade elevada. Agora, é uma luta dos arquitectos que tem razão de ser, porque significa, em termos gerais, o não-reconhecimento da responsabilidade que é construir, não só em relação aos interesses próprios de cada dono de obra, mas em relação à cidade, ao território. Portanto, eu compreendo essa luta. O que eu não acredito é que se um dia, por hipótese, todos os projectos tiverem que levar a assinatura de um arquitecto, que se sinta de imediato uma elevação significativa da qualidade. Não acho que esteja aí a questão mais importante do problema. A mais importante é a falta de exigências, o que abre o caminho à leviandade.

Que caminhos poderão levar a essas exigências?

É inevitável que esta distorção, esta situação, vá desaparecer. Penso que começam a existir regulamentos e normas que há dez anos atrás não existam, que por si só garantem, imediatamente, um aumento de qualidade. A questão do conforto, por exemplo. Neste momento, já existe regulamentação em Portugal para isolamentos térmicos, acústicos e segurança contra incêndios. E a tendência será para, tal como noutros países, haver uma estrutura de normas e de exigências que garantam um enquadramento diferente para os projectos. A verdade é esta: se há menos de 10 anos atrás não existiam normas quanto ao isolamento térmico, os arquitectos – 90 por cento dos casos – que lutassem por melhoria de situação de conforto, sobretudo se se tratasse de habitação económica, não conseguia levar esse propósito por diante, visto que isso implicava um aumento de custo. Portanto, era, à partida, eliminado. De modo que esse enquadramento normativo da actividade do arquitecto é importantíssimo para que a qualidade se eleve.

Acredita que a abertura do Mercado Comum vai favorecer essa qualidade?

Essa abertura do MC é muito complicada, não só em relação à arquitectura mas de um modo geral. No entanto, pelo menos num plano abstracto, há uma vantagem que se sente, que é um muito maior intercâmbio cultural, uma troca de experiências. Sente-se, por exemplo, no campo do ensino: hoje, é normal estudantes estrangeiros frequentarem a Faculdade e fazerem estágios em Portugal, e o contrário também. Este intercâmbio é, a meu ver, sempre fecundo. Agora, levando mais longe as consequências, é um assunto que se está a tornar polémico, pondo em discussão as vantagens ou não do Mercado Comum, de modo que é difícil emitir uma opinião. Mas eu creio que, para já, um efeito importante é o do alargamento da informação e do intercâmbio. Portanto, já não é o que se faz em Paris, em Londres ou em Nova Iorque. Há um interesse por culturas diferentes, o que leva a associações de selecção e de interesses muito mais ricas do que as que se passavam há uns tempos atrás.

Os arquitectos portugueses temem muito a concorrência. Há alguma razão de ser para esse temor?

Não acho que temam muito. Se virmos as dificuldades que se criam a um arquitecto português em Espanha, estas são terríveis... Enquanto que em Portugal há muitos estrangeiros a trabalhar. E não me parece que haja problemas desde que tenham os cursos que são reconhecidos... Portanto, não creio que haja em Portugal uma posição xenófoba. O temor de que Portugal seja "invadido" não é propriamente da profissão. O que há muito mais é a instalação de empresas estrangeiras ou de sociedades imobiliárias de grandes dimensões, que normalmente trazem os seus arquitectos.

Poderia situar a arquitectura que se faz em Portugal, no contexto europeu, do ponto de vista qualitativo?

Eu diria que há uma minoria de obra produzida que é reconhecida como de qualidade, mas que a média da construção – por causa de uma certa desordem e indisciplina, mais do que pelas qualidades dos arquitectos – é muito fraca. É das mais fracas da Europa, não tenho dúvida disso. Embora haja, como digo, uma produção minoritária de qualidade igual à de qualquer outro país.

Isso é consequência do ensino ou há alguma outra razão?

É, sobretudo, consequência dessa falta de exigências normativas. E é também um problema cultural mas não limitado ao meio profissional, embora também exista neste meio.

Há alguma perspectiva, vê alguma coisa no fim do túnel?

Há, sim (risos), umas coisinhas no fim do túnel. Não vamos ficar desesperados!

CASSIANO BRANCO – UMA OBRA PARA O FUTURO

MARIA DO ROSÁRIO BONEVILLE, ELÍSIO SUMMAVILLE, HENRIQUE CAYATTE
EDIÇÕES ASA / CML

No decorrer da longa história da arquitectura, a constituição formal e aceitação da diversa codificação linguística com que se formalizam os edifícios, assinala a chegada à maturidade política de uma qualquer sociedade. O modo institucionalizado de comunicação, com que as diversas artes conseguem comunicar, formando uma linguagem formalizada, pressupõe a constituição de um âmbito especializado, um quadro disciplinar, que efective uma linguagem política de suporte.

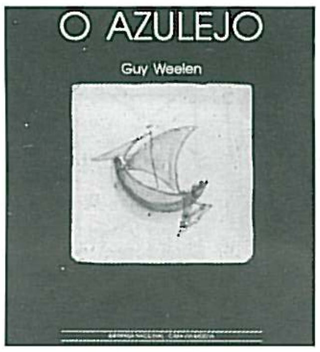
Há muitos arquitectos que na sua época temporal e estilística, não recearam a fase adulta de produção, ultrapassando o estado de fascinação do infantilismo e constituindo-se como marca efectiva na consolidação da sociedade pelo diálogo com a realidade exterior. Ao contrário, da facilidade da afirmação, a arquitectura de Cassiano Branco, não possui o dom paternalista e dominador da sociedade salazarista, antes uma perspectiva democrática de divulgação da arquitectura. Na idade conturbada que foi o Estado Novo, Cassiano conseguiu afirmar-se numa poética individual da linguagem antónoma pela sua transbordante personalidade. Órfão de referências, entre o último passado de formas burguesas inconsequentes e o confrontante cenário perigoso e sedutor da Casa Portuguesa e do Barroquismo depurado, o único e legítimo caminho consistiu num novo Maneirismo. Humanizou as matrizes da dinâmica da forma arquitectónica na vontade de as tornar populares e despojando-as da carga messiânica e do doutrinarismo com que se constumam conotar os pais da atribulada história da Arquitectura Moderna.

Cassiano tratou de ser o mais prolífero e diversificado criador da primeira geração moderna. A sua obra impôs um nível profissional, navegou por um pioneirismo de formas e intenções e um experimentalismo de valores, remetendo-se para uma vontade férrea de vencer no explendor da construção. **Uma obra para o futuro,** é rigorosamente o melhor nome para um livro significativo, que revela toda a pujança e força de viver de Cassiano. Esta obra vale por um todo vigoroso percurso de vida, nas suas 240 páginas repletas de bom texto, fotografias e desenhos. Livro admirável e imprescindível no estudo e sedução por um dos melhores arquitectos que este século viu nascer. Com este livro ouçam o delicado "Babe Rainbow" dos *House of Love.*

O AZULEJO

GUY WEELEM
INCM – 1992

O AZULEJO centra-se histórica e temporalmente nessa idade



fabulosa do Barroco, onde a ambição da sociedade (ocidental) humana pareceu não ter limite, após um milénio inteiro castrante de domínio católico romano. O alvorecer iniciado pelo Renascimento conduz a uma ânsia de vida, terreno, horizontal, temporal, plena. Não mais o mundo virá a ser o que foi. A sociedade ávida de descobertas, invenções e sensações, vem agora mais do que nunca exigir da arquitectura uma vontade e rigor de expressão do seu idealismo externo, extremo e voluntarioso que a si própria se impõe.

O espaço arquitectónico não deve ser fisicamente dominador nem tanscendente de sentido, antes consistir no cenário da trágica humana vida. Este objectivo proeminente, de encarnar o sentido da vida, confere-lhe forma e sentido, em antítese ao domínio vertical e distanciador da Igreja, passando a arquitectura Barroca a suprimir os atributos míticos, atemporais, simbólicos, eternos e imutáveis. Para bem deste nosso presente, iniciou-se o vínculo mecanicista da Ars et Scinatio e as implicações dos factores técnicos determinantes que emanam do génio que preside à Arquitectura.

Os cenários arquitectónicos são próprios de receber então os azulejos, depurados e avançados que estão em relação à sua origem suméria e arábica. Aos azulejos, por meio da renúncia a um valor figurativo de independência e negação de uma autonomia figurativa e espacial, pode-se conferir tamanha e extraordinária potência expressiva que vieram a transmitir. O AZULEJO consegue revelar uma luta titânica dos artistas pela conquista do espaço pictórico, o domínio da geometria, da figuração e da sugestão. A vibração e a rutilância da policromia e do azul e branco, conduzem à criação de um fabuloso mundo visual, de composição, bestiário fantástico e iconografia mundana e naturalista, só própria de existência no Barroco.

Muitas vezes, naquela sociedade, mutante, assumem um carácter de irreverência, de hibrida figuração de formas cúmplices e imagens oníricas. Num mundo novo a conhecer e conquistar novos mundos, os azulejos (eles próprios já de universal expansão) afirmam convictamente a liderança do novo tempo. É neste sentido que se deve conhecer O AZULEJO, afirmação forte do carácter poético dos ladrilhos cerâmicos pintados e vidrados que personalizaram o nosso passado Barroco. Pelas imagens que Guy Weelem propõe como ilustração, soube-se reconhecer essa importância, pois os azulejos espelharam o melhor imaginário que a sociedade seiscentista e setecentista soube criar. E esta obra possui toda a qualidade e rigor gráfico que a INCM soube adquirir e transpor para as obras. A conhecer com o novo disco dos *Throwing Muses*, "Red Heaven".

MÁRIO CHAVES

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA SETEMBRO/OUTUBRO DE 1992

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS PORTUGUESAS

A PEDRA Revista Técnica de Mármores, Granitos e Ramos Afins (órgão oficial da Associação Portuguesa dos Industriais de Mármores, Granitos e Ramos Afins) n.º 44
ARQUITECTURA E URBANISMO (S. Paulo)
n.º 44 Oswald Bratke. Felix Guattari: entrevista exclusiva. Miguel Juliano: shoppings no interior de S. Paulo. Alain Sarfati: projecto em Paris: especial Luz & Cor)
ARTE & CONSTRUÇÃO Revista Especializada da Construção Moderna e dos Novos Materiais
n.º 23 Rossio – Estação da CP vai ser remodelada. Complexo de piscinas no concelho de Loures. Barcelona: capital olímpica. Domotica 92: divulgação de espaços inteligentes
n.º 24 Edifício em construção na Praça do Saldanha. Etar na Quinta da Bomba. SILICON: a tecnologia dos edifícios inteligentes
n.º 25 Aqueduto na Portela de Sintra. Edifício B da Universidade Nova. Projecto VALIS para recuperar Lisboa
BOLETIM DE INFORMAÇÕES n.º 5401 a 5420
BOLETIM MUNICIPAL
Odivelas n.º 79
Loures n.º 93
Oeiras n.º 28 a 29
Sesimbra n.º 161 a 163
HUMBOLDT
n.º 64 Em favor de uma construção épica: retrato do historiador de arquitectura Julius Posener. O som dos objectos. Da correlação entre a acústica e o design
IMOBILIARIA Negócios. Arquitectura. Habitação
n.º 14 Construção – Governo vai acabar com a burguesia. Alvarás: atenção à lei. Piscinas. Empreendimentos e casas novas (Lisboa. Porto. Algarve). Lisboa ano 2000: arteresio dos projectos – 1. Conclusões optimistas do Congresso dos Arquitectos: nem tudo está mal. Frederico Valsassina: um arquitecto nos tops
n.º 15 Empreendimentos (Lisboa. Porto. Coimbra). Senhorios e inquilinos: as obras e as leis. Licenciamentos e loteamentos em debate. As principais linhas de desenvolvimento futuro: uma estratégia para Lisboa – Ano 2000. Ainda o Congresso dos Arquitectos: haverá concursos e concursos
INDUSTRIA DA CONSTRUÇÃO Revista Técnica de Construção Civil e Obras Públicas n.º 119 e 121
INGENIUM Revista da Ordem dos Engenheiros n.º 61 e 62
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO Associação Portuguesa dos Comerciantes de Materiais de Construção n.º 41
PODER LOCAL Revista de Administração Democrática n.º 118
ROCHAS & EQUIPAMENTOS Revista de Informação Técnica n.º 27
URBANISMO E CONSTRUÇÃO n.º 302 a 306

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ESTRANGEIRAS

ARCH & LIFE n.º 43
ARCHITECTURAL DESIGN (Londres)
n.º 9-10 Japanese architecture
ARCHITECTURE TODAY The Independent Architectural Magazine (Londres)
n.º 31 Ship-shape in Bristol: marketing the docklands. Yves Lion in Nantes. Tchuk Chassar's civic symbol. ARP: community as model. Jan Begg's Kyle of Lochalsh. Product: Energy & green issues. CAD & Computers
BYGGKUNST The Norwegian Review of Architecture (Oslo) n.º 6
CASABELLA Rivista Internazionale di Architettura
n.º 592 Obras de Henri Ciriani. Mario Botta. Gregotti Associati
n.º 593 Projectos de Siza. Garcés e Sòria em Barcelona
D'ARCHITECTURES Le Magazine Professionnel de la Création Architecturale
n.º 28 Canal – un parcours d'une agence. Où va l'école de Porto?. Pouillon trente ans après. Marchés de l'architecture: récession confirmé. Gilles de Rouen: maître d'ouvrage
n.º 29 Le paysages en question. Glacho sur le stade Charléty. Le prix de l'Aga Khan
DER ARCHITEKT (Bonn) n.º 7, 8 e 9
DETAIL Review of architecture (Munique)
n.º 4 Streets, squares, bridges
L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI (Paris)
n.º 280 Dossier Henri Ciriani – musées, pédagogie, logement, débat critique
LE MAUSOLEE Arts & Techniques des Roches de Qualité n.º 670
OBRADOIRO Revista de Arquitectura (Santiago de Compostela) n.º 20
QUADERNS Colegio de Arquitectos da Cataluña
n.º 193 (Tema: imagenes enlazadas)
REVISTA INTERNACIONAL DE LUMINOTECNIA
n.º 1.92 Luz e agua
RIBA Journal of the Royal Institute of British Architects (Londres)
n.º 8 Royal Gold Medal address: Peter Rice. Richard Rogers. Renzo Piano. YRM: a modernist continuum
SCHOTT INFORMATION n.º 62
SITES COMMERCIAUX
n.º 21 Montpellier: entre centre-ville et centre commercial. Les loyers envolés de grand quartier. Le temps qu'il fait sur les meticuleuses fonds de commerce
TECHNIQUES ET ARCHITECTURE Revue International d'Architecture et de Design
n.º 403 Le paysage en questions
TEKCHOS International Review of Architecture, Art and Design (Atenas)
n.º 5 Middle-class domesticity: FPC buildings in Athens
THE ARCHITECTS JOURNAL
n.º 6 Reforming church architecture. Hospitable tent. Photo CD in focus
n.º 7 Glasgow builds for useless. Architect at sea, visit
n.º 8 Immersed in history in Bath. AJ Index 1991. FPG update
n.º 9 The new face of British prisons. School for users. IT in the 90's
n.º 10 Building for the firefighters. Timber for ever. Disability design
URBANISME (Paris) n.º 256 e 257

MONOGRAFIAS

FERNANDES, E. de Oliveira – Características do comportamento térmico dos edifícios: manual de apoio. Lisboa: Dir. Geral de Energia, 1990 (cota 2929)
PEEL, Lucy – An introduction to 20th century architecture. Hong Kong: Chartwell Books, 1989 (cota 2931)
PFEIFFER, Bruce Brooks – Frank Lloyd Wright selected houses. Tokyo: ADA Edita, 1991. Col. Selected Houses n.º 8 (cota 2932)
RIBEIRO, Manuel João Moraes – Alfama: caracterização sociológica da população. Lisboa: CML, 1991. Col. Cadernos de Reabilitação Urbana (cotas 2926 e 2927)

1. OBJECTIVO

Esta informação tem por objectivo dar a conhecer aos associados o mecanismo dos pagamentos por conta, relativo aos rendimentos das categorias B, C e D.

2. DESENVOLVIMENTO

Por insuficiência da máquina administrativa do Estado, em calcular atempadamente o valor da colecta do ano anterior não foi exigido aos contribuintes em 1990 e 1991 o pagamento do respectivo "pagamento por conta". Com a recente publicação do Decreto-Lei n.º 141/92 de 17 de Julho, a base de cálculo dos pagamentos por conta foi alterada, passando a tomar como referência os valores do penúltimo ano e não os do ano anterior como até aqui acontecia.

Como este diploma só foi publicado em 17 de Julho, este ano apenas serão cobrados os pagamentos por conta referentes a Outubro e Dezembro.

Nos termos do n.º 1 do artigo 95º do Código do IRS os titulares de rendimentos das categorias B, C e D estão obrigados a efectuar três pagamentos por conta do imposto devido no final do próprio ano, respeitantes aos rendimentos desse ano e a efectuar até ao dia 20 dos meses de Julho, Outubro e Dezembro.

Cada um destes pagamentos é igual a 25 por cento do montante calculado com base na seguinte fórmula:

$$C + \frac{(RLB + RLC + RLD)}{RLT} - R - D$$

em que:

C = Colecta do penúltimo ano, antes das deduções a que se refere o artigo 80º;

R = Total das rentenções efectuadas no penúltimo ano sobre os rendimentos das categorias B, C e D;

D = Dedução a que se refere o n.º 1 do artigo 80º, referente ao ano anterior àquele a que os rendimentos respeitam;

RLB, RLC, RLD, = Rendimento líquido positivo do penúltimo ano de cada uma das categorias B, C e D;

RLT = Rendimento líquido total do penúltimo ano.

A obrigatoriedade deste pagamento cessa quando:

a) Se verificar que o montante de cada um dos pagamentos por conta seja inferior a 10 000$00;

b) O contribuinte verifique que o montante das retenções que lhe foram efectuadas, acrescido dos pagamentos por conta já efectuados relativos ao próprio ano é igual ou superior ao imposto total que será devido;

c) Deixem de ser auferidos rendimentos de todas as categorias que os tornam obrigatórias. Quando deixem de ser auferidos apenas rendimentos de algumas destas categorias, os pagamentos por conta podem ser proporcionalmente reduzidos.

No caso do contribuinte desejar cessar ou reduzir os pagamentos por conta de acordo com o acima referido nas alíneas b) e c), deverá remeter à respectiva Direcção Distrital de Finanças uma declaração com 15 dias de antecedência relativamente ao prazo de pagamento, da qual constará os motivos da cessação ou redução dos pagamentos por conta.

Note-se que, apresentada a declaração anual de rendimentos e verificando-se que por motivo da cessação ou redução dos pagamentos por conta, deixou de pagar-se uma importância superior a 20 por cento daquela que em circunstâncias normais se pagaria, o contribuinte fica sujeito ao pagamento de juros compensatórios.

3. PRÓXIMAS OBRIGAÇÕES FISCAIS E DATAS LIMITES

a) **20 de Novembro** – Entrega de retenções na fonte (art.º 91, n.º 3) que se verifica quando os contribuintes possuam, contabilidade organizada e tenham efectuado retenções na fonte do pagamento de rendimentos prediais ou de capitais processados no mês anterior;

b) **30 de Novembro** – Entrega da declaração periódica e respectivo pagamento do IVA se estiver em regime mensal (n.º 1 do art.º 26 e n.º 1 do art.º 40 do CIVA);

c) **15 de Novembro** – Entrega da declaração periódica e respectivo pagamento do IVA se se estiver em regime trimestral (n.º 1 do artigo 26 e n.º 2 do artigo 40 do CIVA);

d) **5 de Dezembro** – Remessa à Direcção de Finanças da declaração de limitação do terceiro pagamento por conta referente às categorias B, C e D;

e) **30 de Novembro** – Remessa à Direcção de Finanças da declaração de limitação do terceiro pagamento por conta dos contribuintes sujeito a IRC.

CONSULTÓRIO FISCAL: funciona todas as sextas-feiras das 17 às 19 horas na Av. 24 de Julho, 52, 1.º andar, devendo os associados efectuar marcação prévia por telefone.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO

Materiais e serviços para a construção civil

Continuamos a publicação das fichas técnicas das empresas que estão a aderir ao nosso sistema de informação sobre materiaisi e/ou elementos para a construção civil. A informação técnica está sempre à disposição para consulta dos associados na Av. 24 de Julho.

No próximo "Jornal Arquitectos" publicaremos a lista das cerca de 80 empresas que já pertencem à base de dados e a respectiva classificação no sistema CI/SFB.

●

Nome da Empresa
CHAFFOTEAUX ET MAURY PORTUGAL – EQUIP. TERM. LDA
Sede
EST. NACIONAL 247 – KM 65 – TERRUGEM – SINTRA
Morada da Produção
IDEM
Morada da Comercialização
IDEM
Tipo de actividade
REPRESENTAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO
Ramo ou Sector
AQUECIMENTO CENTRAL E ÁGUAS QUENTES SANITÁRIAS ESQUENTADORES, TERMOACUMULADORES E CALDEIRAS MURAIS E INDUSTRIAIS A GÁS PARA AQUECIMENTO E/OU ÁGUAS SANITÁRIAS
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou Serviços
Marcas que a Empresa representa/comercializa ou fabrica
CHAFFOTEAUX E MAURY

Nome da Empresa
INTERGRAPH CORPORATION – EUA – ALABAMA
Sede
HOOFDDORP – HOLANDA
Morada da Produção
INTERGRAPH EUROPA – NIJMEGEN – HOLANDA
Morada da Comercialização
INTERGRAPH EUROPA – LISBOA – PORTUGAL
Tipo de actividade
COMÉRCIO / SERVIÇOS
Ramo ou Sector
INFORMÁTICA CAD/CAE/CAM
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou Serviços
HARDWARE, SOFTWARE, FORMAÇÃO, SERVIÇOS, CONSULTORIA
Marcas que a Empresa representa/comercializa ou fabrica
INTERGRAPH MICROSTATION, ANATECH, OPTRONICS DAZIX

●

Nome da Empresa
METALÚRGICA LUSO-ITALIANA, SA
Sede
AV. MARECHAL GOMES DA COSTA, 15 – 1899 LISBOA CODEX
Morada da Produção
IDEM
Morada da Comercialização
IDEM
Tipo de actividade
PRODUÇÃO
Ramo ou Sector
TORNEIRAS
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou Serviços
FABRICANTE DE TORNEIRAS
Marcas que a Empresa representa/comercializa ou fabrica
ZENITE

Nome da Empresa
MUNDIPORTA – INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PORTAS, SA
Sede
RUA JORGE COLAÇO, 21-A/B – 1700 LISBOA
Morada da Produção
CABRA FIGA – TRAJOUCE
Morada da Comercialização
A MESMA DA SEDE
Tipo de actividade
PRODUÇÃO, COMÉRCIO E SERVIÇOS
Ramo ou Sector
AUTOMATISMOS, PORTAS ESPECIAIS CORTA-FOGO, CONTROLE DE ACESSOS, CONTROLE DE PARQUES DE ESTACIONAMENTO, DIVISÓRIAS ACUSTICAS
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou Serviços
Marcas que a Empresa representa/comercializa ou fabrica
MUNDIPORTA

●

Nome da Empresa
PERFILTUBO
Sede
TRAVASSO – 3750 ÁGUEDA
Morada da Produção
IDEM
Morada da Comercialização
IDEM
Tipo de actividade
PRODUÇÃO
Ramo ou Sector
METALÚRGICO
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou Serviços
TUBOS SANITÁRIOS INOX, ISOLANTE POLIETILENO, ESTORES ALUMÍNIO LACADO RECHEADOS A POLIORETANO
Marcas que a Empresa representa/comercializa ou fabrica
PERFILTUBO, ISOTUBO, COMPOESTOR

Nome da Empresa
ROCA PORTUGAL, LDA
Sede
RUA JOSÉ DUARTE LEXIM, LOTE 6 – 2676 ODIVELAS
Morada da Produção
LEIRIA
Morada da Comercialização
A MESMA DA SEDE
Tipo de actividade
PRODUÇÃO E COMÉRCIO
Ramo ou Sector
QUARTOS DE BANHO, AQUECIMENTO CENTRAL AR CONDICIONADO, CERÂMICA
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou Serviços
QUARTO DE BANHO, AQUECIMENTO CENTRAL AR CONDICIONADO, CERÂMICA
Marcas que a Empresa representa/comercializa ou fabrica
ROCA, MADALENA

●

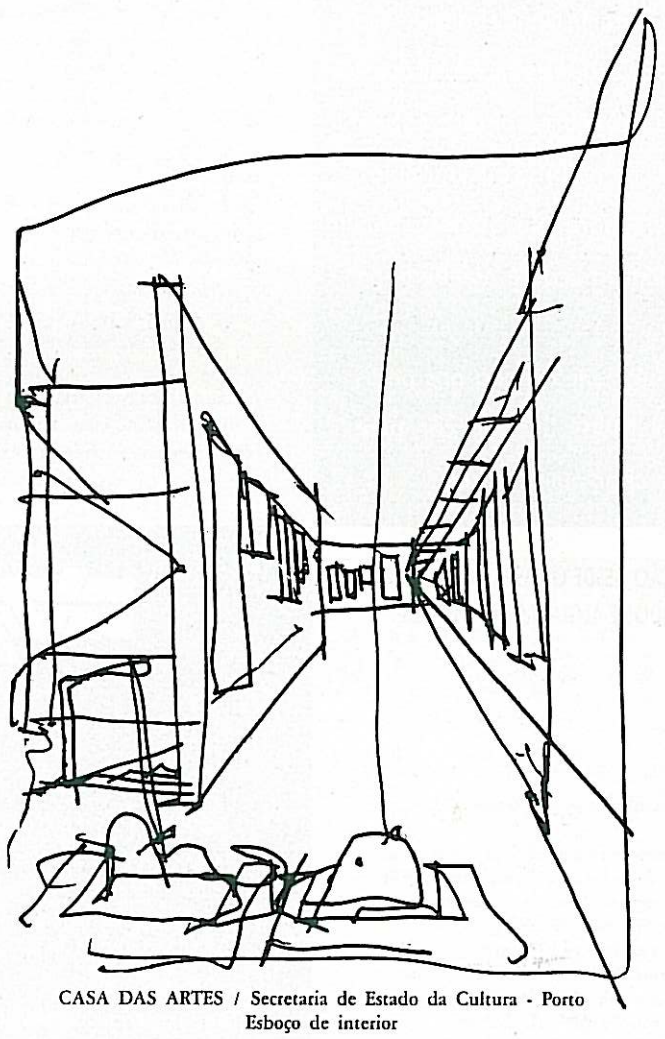
Nome da Empresa
SOLADRILHO – SOC. CERÂMICA DE LADRILHOS, LDA
Sede
ESTRADA DA BARROCA – 2330 ENTRONCAMENTO
Morada da Produção
IDEM
Morada da Comercialização
APARTADO 54 – 2331 ENTRONCAMENTO CODEX
Tipo de actividade
PRODUÇÃO
Ramo ou Sector
CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou Serviços
PAVIMENTOS E REVESTIMENTOS EXTRUDIDOS, GRESIFICADOS E NÃO VIDRADOS NAS CORES VERMELHA, BRANCA E CASTANHA CERA PARA TRATAMENTO DE PAVIMENTOS CERÂMICOS
Marcas que a Empresa representa/comercializa ou fabrica
SOLADRILHO, SOLCERA

ISBN Portugal

Prémio Secil de Arquitectura

Concurso Nacional 1992

CASA DAS ARTES
Arquitecto Eduardo Souto de Moura



CASA DAS ARTES / Secretaria de Estado da Cultura - Porto
Esboço de interior

OBRAS NOMEADAS A CONCURSO

OBRA: Ampliação da Central Telefónica de Rio Tinto, Gondomar — AUTOR: Arq.º José Gigante • OBRA: Casa César Ferreira, Alcanena — AUTOR: Arq.º Gonçalo Byrne • OBRA: Casa da Cultura de Mora — AUTOR: Arq.º Manuel Taínha • OBRA: Casa José Avelar, Verdizela, Seixal — AUTOR: Arq.º Luís Patrício Costa • OBRA: Casa de Miramar — AUTOR: Arq.º Eduardo Souto de Moura • OBRA: Casa Sobre a Duna, São Pedro de Moel, Marinha Grande — AUTOR: Arq.º José Charters Monteiro • OBRA: Casa Tomás Gervell, Foz do Douro, Porto — AUTOR: Arq.º Magalhães Carneiro • OBRA: Centro de Informação, Bar e Balneários, Mata de Vale de Canas, Coimbra — AUTOR: Arq.º Raúl Veríssimo • OBRA: Centro de Reabilitação Profissional da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, Lisboa — AUTOR: Arq.º Palma de Melo • OBRA: Centro Regional de Segurança Social, Portalegre — AUTOR: Arq.º Carrilho da Graça • OBRA: Conjunto Habitacional na Costa da Caparica — AUTOR: Arq.º Duarte Cabral de Melo • OBRA: Cooperativa das 7 Bicas, Matosinhos — AUTOR: Arq.º Pedro Ramalho • OBRA: Edifício da Assembleia Regional dos Açores — AUTORES: Arq.os Manuel Correia Fernandes e Luís Pinho Miranda • OBRA: Edifício Filial da Caixa Geral de Depósitos, Horta, Ilha do Faial — AUTOR: Arq.º Nuno Teotónio Pereira • OBRA: Edifício da Secretaria de Estado da Cultura, Porto — AUTOR: Arq.º Eduardo Souto de Moura • OBRA: Edifício S. Paulo, Chaves — AUTOR: Arq.º Manuel Graça Dias • OBRA: Edifício dos TLP, Boavista, Porto — AUTOR: Arq.º Joaquim Bento Lousan • OBRA: Edifício da Universidade de Aveiro — AUTOR: Arq.º Alcino Soutinho • OBRA: Escola em Ponte de Lima — AUTOR: Arq.º Fernando Távora • OBRA: Escola Pré-Primária de Arronches — AUTOR: Arq.º João Rebolo • OBRA: Estação dos Correios de Lixa — AUTOR: Arq.º Alcino Soutinho • OBRA: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa — AUTOR: Arq.º Manuel Taínha • OBRA: Forum Cidade da Maia — AUTORES: Arq.os Carlos Loureiro, Pádua Ramos e Manuel Loureiro • OBRA: Hotel do Buçaco (Renovação) — AUTOR: Arq.º José Paulo Santos • OBRA: Instituto Nacional de Investigação Científica, Complexo 2, Lisboa — AUTORES: Arq.os Nuno Maria Leónidas, Alexandre Duarte Silva e Vasco Maria Leónidas • OBRA: Piscina em Campo Maior — AUTOR: Arq.º Carrilho da Graça • OBRA: Residencial da Somincor, Castro Verde — AUTORES: Arq.os Camilo Cortesão, Mercês Vieira, José Luís Janes e Consultor Nuno Portas

Com o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Senhor Presidente da República Dr. Mário Soares

ASSOCIAÇÃO ARQUITECTOS PORTUGUESES

SECIL
Cimento de Qualidade
Produtos de Prestígio

Cimianto
SOCIEDADE TÉCNICA DE HIDRÁULICA, S.A.

FIBROCOR é uma nova chapa colorida que a Cimianto lançou no mercado português.

Este novo produto, de fabrico nacional, tem todas as vantagens da chapa em fibrocimento tradicional, e, graças à sua coloração, permite uma harmoniosa integração na paisagem. Por isso, este material constitui uma opção atractiva e económica para a cobertura de construções urbanas, fabris ou agrícolas, podendo ainda ser utilizado para efeitos de impermeabilização e isolamento térmico, e também na recuperação de edifícios.

A FIBROCOR é fabricada por encomenda nos perfis "ondulado" P177 e "nervurado" SC, em cor ocre rosa, com possibilidade de criar outras cores.

TECHNAL®

A TECHNAL Portuguesa foi a escolhida para representar no mercado nacional os produtos da Croisées Inter, empresa líder no mercado francês de madeiras.

Os novos produtos Croisées/Technal, destinam-se a um público exigente e de gosto apurado, sendo de destacar que em toda a gama predomina a combinação de dois materiais até agora aparentemente impossíveis de conjugar, a madeira e o alumínio.

Tal como todas as gamas, também a Croisées Inter/Technal será distinguida por uma estrela, a Janela Croisal, onde a conjugação da madeira com o alumínio consegue resultados surpreendentes, aliando a tecnologia à beleza e tradição.

Às linhas puras, sóbrias e suaves, a janela Croisal acrescenta a estética e a funcionalidade. A aliança madeira/alumínio Croisées Inter/Technal tem cinco cores diferentes para o exterior e 15 variantes para o interior. No exterior, ainda que respeitando as condicionantes ambientais, as "nuances" variam em função do estilo arquitectónico da habitação, sendo também possível optar por uma cor que vá ao encontro do estilo adoptado no interior.

JANELA À PROVA...

A janela Croisal proporciona um excelente conforto na vida quotidiana, existindo em três versões no mercado, para responder aos vários tipos de exigências. A versão standard, com 56 mm de espessura em madeira, está equipada com um vidro duplo de 20 mm, o que lhe proporciona elevados níveis de isolamento. Para zonas de muito ruído, a gama Croisal criou a janela Contrasonor, de 35 db, que permite um perfeito isolamento acústico. O modelo EKO, concebido para isolamentos térmicos acima da média, satisfaz os clientes mais exigentes.

A fixação dos perfis de alumínio através de um clip de alta resistência evita o contacto entre a madeira e o alumínio, o que facilita a ventilação dos espaços onde esta está enquadrada. O sistema de fixação adoptado tem a grande vantagem de minimizar os efeitos de dilatação da madeira, tão frequentes em condições climatéricas adversas.

OS BETUMES NA IMPERMEABILIZAÇÃO DESDE OS ASFALTOS NATURAIS ATÉ AOS BETUMES MODIFICADOS E ALGUMAS CONFUSÕES

O betume, na forma de asfalto natural, foi utilizado desde os tempos mais remotos como material de impermeabilização na construção civil.

Com o advento da refinação do petróleo, o betume, como resíduo da destilação, espalhou-se por todos os continentes. A sua aplicação generaliza-se à impermeabilização com a constatação de que o insuflamento de ar, a temperatura elevada na massa betuminosa, provocava uma subida do seu ponto de amolecimento e correspondente abaixamento da penetração. Isto é, através dum fenómeno de oxidação melhorava-se o comportamento às altas temperaturas e permitia-se uma melhor trabalhabilidade dos betumes.

Assim, nasceram os betumes insuflados (oxidados), que apresentam à partida um inconveniente, um mal necessário, a oxidação.

Havia, pois, que evitar a oxidação (que provoca o encurtamento de durabilidade) e utilizar os betumes de destilação com transformações que não por insuflação de ar. O desenvolvimento da indústria petroquímica veio solucionar o problema, permitindo a modificação dos betumes, primeiro com a mistura de APP (Polipropileno Atáctico) e mais tarde de SBS (Estireno Butadieno Estireno).

Mas não há bela sem senão. O excesso de capacidade de produção de membranas betuminosas em Espanha, e por arrastamento a maior concorrência entre as Empresas, lançou no mercado um "novo" material, o betume insuflado (oxidado) melhorado, que em Portugal se veio a designar por "elastomérico SBS", chamando-se à verdadeira mistura de betume de destilação directa com SBS "elastómero SBS".

As massas betuminosas elastoméricas SBS (não nos estamos a referir às elastómeras SBS) são constituídas fundamentalmente por betume insuflado (oxidado), complementado com ligeira quantidade de betume modificado SBS.

Com este sistema deu-se uma regressão qualitativa, como que a negar a razão da substituição da utilização dos betumes insuflados (oxidados) por betumes modificados com polímeros (APP ou SBS).

Até ao momento têm existido lacunas de informação e de regras que permitam ao projectista adoptar as melhores soluções para cada caso. Assim, enquanto para o isolamento térmico existe um regulamento a seguir, o Regulamento do Comportamento Térmico dos Edifícios, para as impermeabilizações há que optar entre:

- materiais tradicionais, as membranas betuminosas à base de betumes insuflados (oxidados) e dever-se-á seguir os Projectos de Normas existentes e,
- materiais novos, as membranas betuminosas à base de betumes destilação directa modificados e respeitar as homologações do LNEC (Laboratório Nacional de Engenharia Civil).

RECOMENDAÇÕES FINAIS

AOS PROJECTISTAS – Introduzir nos seus projectos é contribuir para a qualidade do produto final.

AOS CONSTRUTORES – Aplicar e exigir rigor nas soluções projectadas para uma satisfação de garantias e responsabilidades.

AOS UTENTES – O isolamento térmico e a impermeabilização são determinantes na qualidade dos edifícios. A constatação de que foram cumpridas as regulamentações dão-lhes garantia de qualidade de vida.

VELPOR®
VELUDO PORTUGUÊS, S.A.

Dos possíveis riscos a que uma casa, hotel, restaurante, discoteca ou fábrica podem estar sujeitos, é sem dúvida o incêndio o que maiores problemas origina.

A sensibilização para a problemática da segurança, a supressão das causas de incêndio, evitando a sua eclosão e dificultando a sua propagação, são cruciais.

A entrada de Portugal no Mercado Comum, motivou uma alteração directa das leis vigentes sobre utilização de tecidos em edifícios públicos, apostando na componente ignífuga (antichama).

Pela primeira vez neste país, surge uma nova empresa vocacionada para o fabrico de tecidos que incorporam na sua composição fibras "flame retardant" de acordo com as mais exigentes normas internacionais.

Com o nome da marca "VELRETARD FR", a VELPOR – VELUDO PORTUGUÊS, SA, sediada em Água Longa – Santo Tirso, lançou padrões diversificados de veludos, com elevada resistência ao fogo e ao uso.

Recorrendo a um investimento de capital intensivo e desenvolvendo novas tecnologias, a VELPOR, mantém um rigoroso e permanente controlo de qualidade, conquistando um lugar destacável a nível europeu.

LUMINOTÉCNICA

Um "show-room" de Luminotécnica acaba de ser montado na loja SIMETRIA – Rua Luiza Todi, 12-14, 1200 Lisboa, pela Light Design, empresa brasileira de iluminação.

A partir de peças com desenho funcional e discreto, sem função especificamente decorativa, a Light Design simula naquele espaço a iluminação dos diversos ambientes que podem ser encontrados no interior e exterior de residências, estabelecimentos comerciais, bancos, hotéis, lojas, museus, etc.

Todas as peças da empresa brasileira possuem UL – Underlights Laboratories – certificado fornecido pelo prestigiado organismo norteamericano que controla a qualidade dos produtos do sector eléctrico nos EUA.

Os aparelhos são fabricados em alumínio, com fios de silicone, resistentes a altas temperaturas, conectores de segurança e vidros temperados.

Além de possuir peças que solucionam a iluminação de qualquer ambiente, a Light Design elabora os estudos luminotécnicos como cortesia.

Os interessados podem consultar sem compromisso a SIMETRIA apresentando as suas plantas de arquitectura.

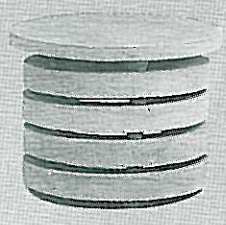
NÓNIO HIROSS

"Espaço flexível" é um conceito inovador no âmbito dos projectos de arquitectura e engenharia, para edifícios de escritórios, visando, de uma forma simples, optimizar a sua flexibilidade de concepção e exploração e assegurar a qualidade ambiental dos espaços de trabalho.

Este conceito foi desenvolvido para dar solução a problemas cada vez mais importantes na concepção e realização de investimentos imobiliários, nomeadamente:

- tornar independentes os projectos técnicos das futuras necessidades de compartimentação e ocupação dos espaços;
- a integração flexível de todas as redes de telecomunicações e dados;
- possibilitar, em qualquer momento, a redistribuição de todas as infra-estruturas técnicas (ar condicinado, instalação eléctrica, água, esgotos, segurança);
- reduzir o tempo de construção permitindo uma coordenação simplificada de todas as infra-estruturas técnicas;
- reduzir a volumetria de construção.

A VENTILAÇÃO TÉRMICA "FÉRIA" também é Prémio Valmor!



Em Dezembro de 90 o Júri de Apreciação deliberou atribuir em Mérito Absoluto o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura a um conjunto urbano de 27 edifícios em Telheiras. Féria & Féria também contribuiu para a distinção. O sistema é nosso.

FÉRIA & FÉRIA, LDA. – Rua Dr. Gama Barros, 27-B • 1700 LISBOA • Telefs.: 89 47 34 - 80 55 10 • Fax: 80 48 15

Empresa de Informática especializada em Software e Hardware, para desenho de Arquitectura

Importadora exclusiva de:

Arq 3D

- Aplicação para Autocad
- Corre sobre qualquer versão de Autocad
- Baixo custo
- Utilização imediata
- Maior produção de Projecto

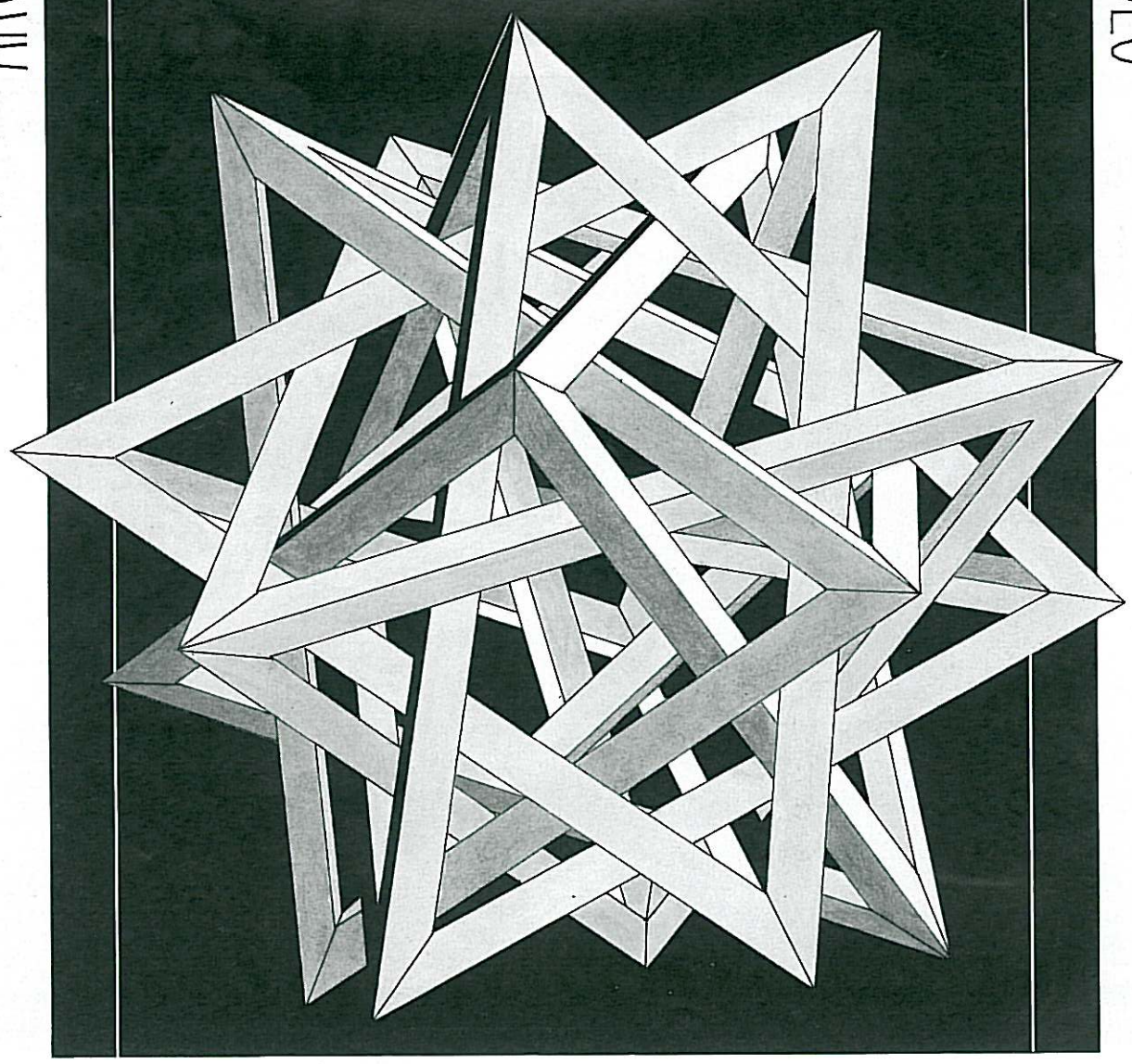
RenderStar

- O Programa mais rápido no gerar de imagens Fotorealistas e de Simulação
- Nova forma de apresentação do Projecto

ArqMED

- Medição e Orçamento
- Ligação automática com Arq3D

AUTOCAD é uma marca registada de Autodesk Arq3D, ArqMED - marca registada Arquing Soft RenderStar - marca registada Modern Medium



ARQUITECTURA 3 DIMENSÕES

TEL. 044.27070 - FAX. 044.27372

ARQUITECTURA 3 DIMENSÕES

Aplicações e Técnicas de Programação, Lda.
Rua Cap. Mouzinho de Albuquerque, 68, 1.º - 2400 LEIRIA

A 6 *"Uma Cultura, Uma Responsabilidade". É o lema sob o qual decorreu o VI Congresso dos Arquitectos Portugueses.*

A Cortal na Construção do Futuro.

Ao patrocinar este congresso, a Cortal demonstra, uma vez mais, o seu empenho na pesquisa permanente das melhores soluções em mobiliário de escritório, que acompanham o importante papel desempenhado pela arquitectura na construção da sociedade actual e futura.

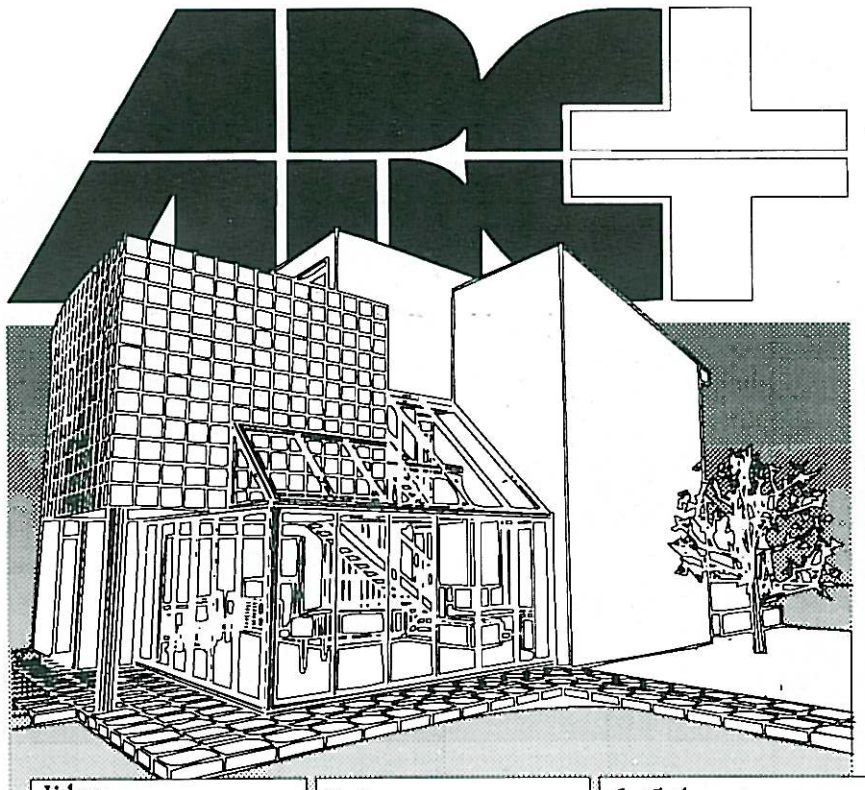
Assisa Operativa • Design: Paolo Favaretto

CORTAL

QUANDO O DESIGN TEM ALMA.

Cortal — Mobiliário de Escritório
Avenida de Berna, 11-A — 1000 Lisboa
Telefone (01) 0 500 1091 (Linha Azul)
Rua da Constituição, 863 — 4200 Porto
Telefone (02) 49 84 28/18

ARQUITECTURA ASSISTIDA POR COMPUTADOR



Concepção
Urbanismo
Escritórios
Residências
Design de Interiores
Parametrização

3D

APLISOFT

Av. São João de Deus, 23, 6º B, Dto.
1000 LISBOA
Telefones: 847.34.68 até 73
FacSimile: 848.99.47

Lisboa
FERNANDES Técnica
Tlf. (01) 682137,692068
Fax. (01) 686326

Porto
CEA CONSULTORES ECONOMISTAS ASSOCIADOS
Tlf. (02) 6066322-6067530
694208 Fax.(02) 6068564

Setubal
QUADRIPLANO
-ARQUITECTURA E PLAN.URBANO-
Tlf. (065) 34579-37162
Fax.(065) 37162

RICHARD ELLIS – LISBOA

PORTGEST – SETÚBAL

Eurodivisal

Colaboramos na arquitectura de interiores, com a montagem de:

- DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
- TECTOS FALSOS
- PORTAS DE FOLE
- BIOMBOS ACÚSTICOS
- MÓVEIS DE ESCRITÓRIO

– ACABAMENTOS DE INTERIORES

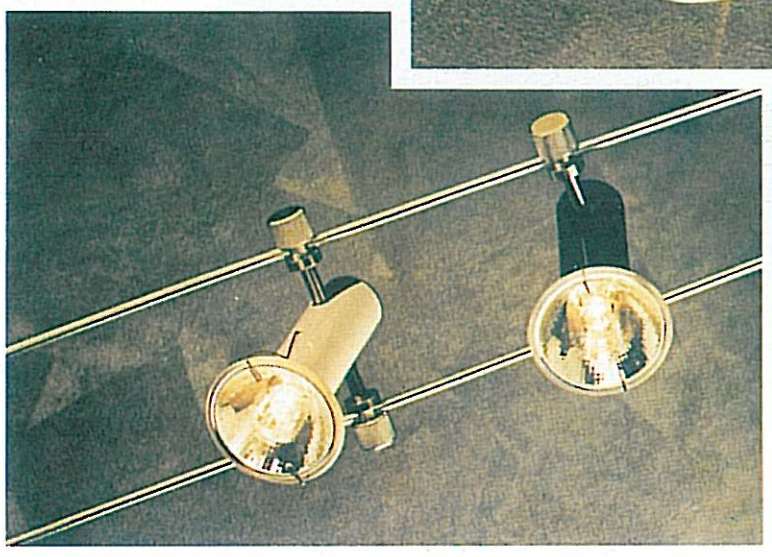
Representantes: Tectos falsos **PARALUM**

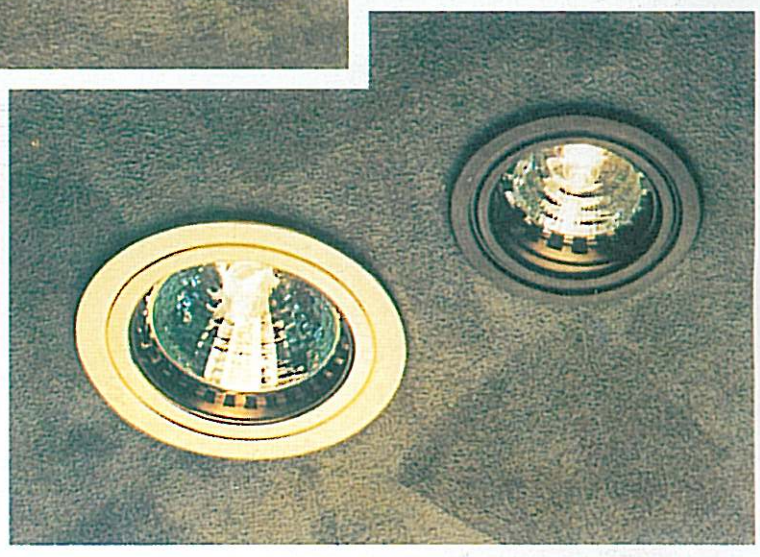
Representantes exclusivos: Tectos falsos **DAMPA**
Painéis rebatíveis hüppe form

Rua Maestro Pedro de Freitas Branco, 25 – 1200 Lisboa
Tels.: 396 92 65 - 60 91 30 Fax: 397 71 51

PROMOTECNICA

PROMOÇÃO TÉCNICA DE VENDAS LDA.

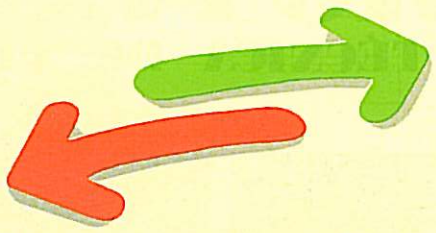




TRAVESSA DA FÁBRICA DOS PENTES, Nº 8 - 1200 LISBOA (ao Jardim das Amoreiras) TEL.: 65 41 65 - FAX: 657837

Senhor Arquitecto; Engenheiro civil

Nós sabemos que para si a arte é fundamental. Mas o conforto também o é!
Da arte você é criador, mas do conforto somos nós.
Juntos seríamos a combinação perfeita.



Silmarque, Lda.

A resposta a todas as suas questões térmicas

Executamos projectos de climatização passiva, bem como projectamos e efectuamos instalações de climatização activa, segundo os regulamentos vigentes.

Silmarque, arte com conforto

Ar condicionado Panasonic

ESTRADA NACIONAL 9 (JUNTO AO SHOPPING CASCAIS) — ALCABIDECHE
2765 ESTORIL — TELS.: 469 13 98 / 469 21 08 — FAX: 469 03 36

Isole-se na sua concha com Shell.

Quando você está na paz do seu lar, talvez não se lembre da Shell. Mas muitas vezes,é graças aos nossos produtos ISOLKOTE que você se sente numa verdadeira concha de conforto. As construções que utllizam estes produtos Shell, têm menos infiltrações de água e humidade, são menos permeáveis ao frio e ao calor e aumentam a sua durablidade. Quer aplicando-os você mesmo ou recorrendo aos serviços de um profissional. Por isso, sempre que quiser fugir do barulho e da agitação, isole-se na sua concha com Shell.

Shell

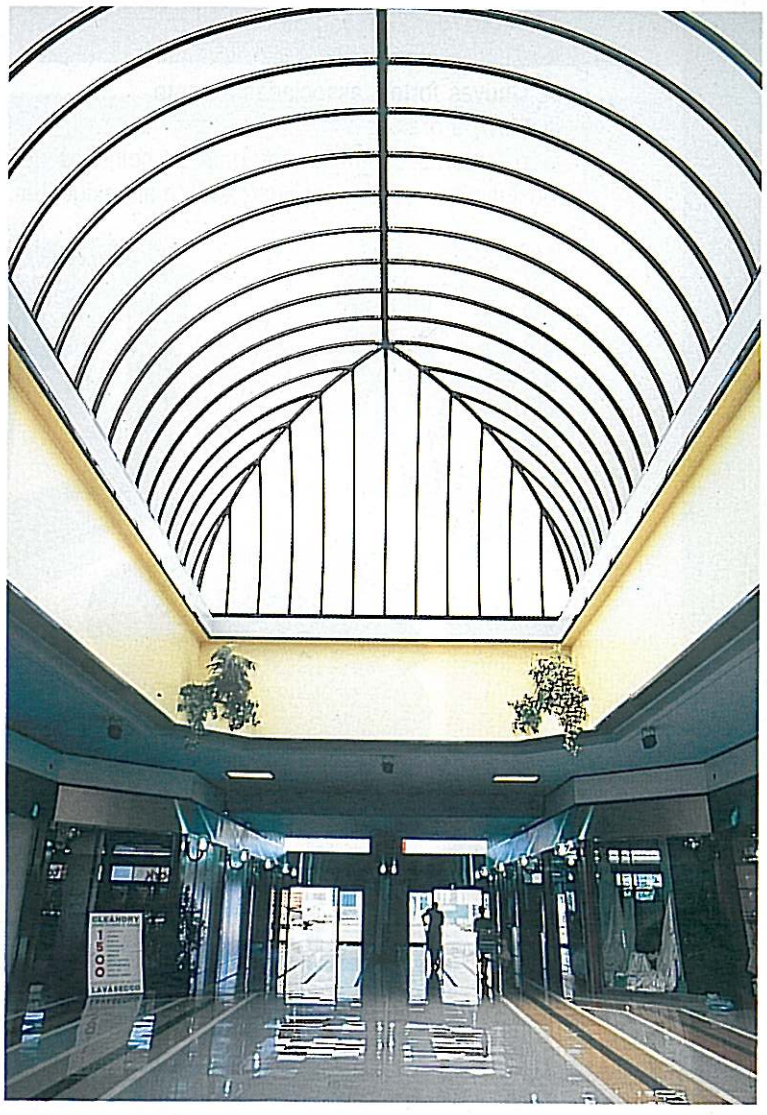
Para uma vida melhor.

AUGUSTO GUIMARÃES & IRMÃO, LDA.

LEXAN® THERMOCLEAR® SHEET

LEXAN® EXELL®

SUPORTES DE NOVAS IDEIAS



Grande parte da arquitectura de hoje emprega grandes superfícies envidraçadas, dando a sensação de amplitude ao captar e dirigir a luz solar.

Infelizmente esta época também se distingue pelo aumento de vandalismo, perante o qual os materiais tradicionais mostram-se inadequados.

Os policarbonatos Lexan resolvem este problema, pois são:

- **Altamente resistentes**
- **Mais ligeiros**
- **Curvam em frio**
- **Maior isolamento térmico**

CONTACTE-NOS

Além de poder colaborar no seu projecto, oferecemos o serviço de corte à medida e vários acessórios para a sua montagem.

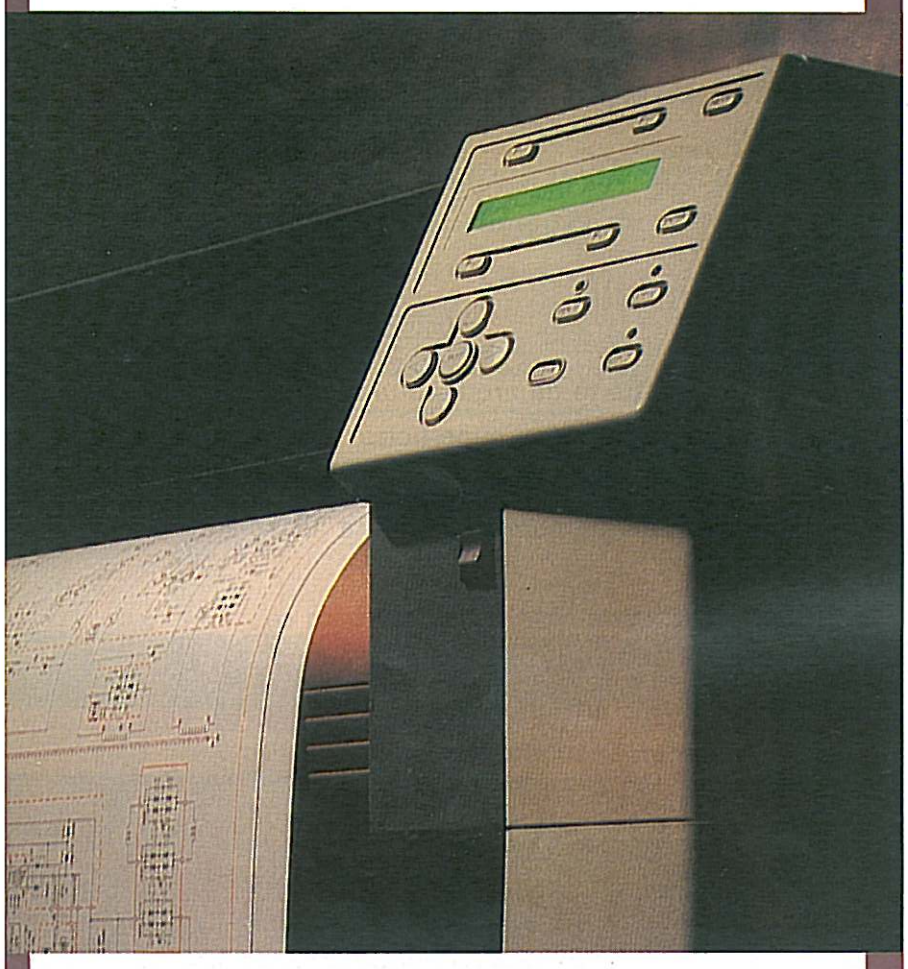
AUGUSTO GUIMARÃES & IRMÃO, LDA.

APARTADO 100
4408 VALADARES CODEX
PORTUGAL

E. N. 109 Nº 4201
GULPILHARES
VILA NOVA DE GAIA

TELEF. 7623064
TELEX 22534 AGI P
FAX (02) 7623088

PONTO
LINHA
PLANO (*)



8 CANETAS

GSX 4000 - A_0 GSX 3000 - A_1

DESENHO A LÁPIS

Roland
DIGITAL GROUP

(*) Imagine, KANDINSKY com uma Roland GSX a desenhar a lápis

portus
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO S.A.

Distribuidor para Portugal
Av. Infante Santo, 61 – 3º Esq.
1300 Lisboa • PORTUGAL
Tel.: 60 43 94 • Fax: 397 58 24

FREZITE®

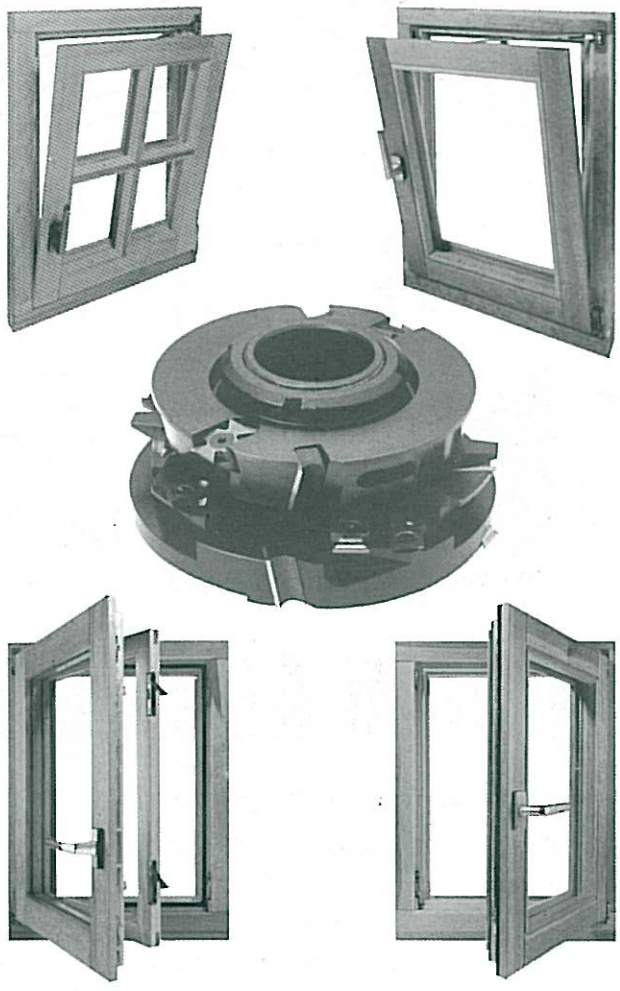
Apresenta a nova geração de ferramentas de corte para a construção de novos

SISTEMAS EUROPEUS DE JANELAS

Variáveis de projecto como:

- Gradiente térmico
- Humidade
- Ruído
- Vento, deslocações de massa de ar
- Chuvas fracas
- Chuvas fortes, associadas a vento
- Neve e granizo

São factores determinantes para as soluções que desenvolvemos para os mercados mais exigentes.



Para mais informações, contacte-nos:

FREZITE

Fáb.: Lugar do Padrão – P.O.Box 134 – 4785 Trofa – Portugal
Telef. (052) 4 70 73 – Telex 27 675 – Fax (052) 4 72 54

Suc.: R. Prof. Victor Fontes, 8-A – Telheiras Sul – 1600 Lisboa
Telef. (01) 758 34 21 – Fax (01) 759 96 45

Radio Marconi, Lisboa, Portugal

HYDRO ALUMINIUM GLATTPANEL 2000

PAINEIS PARA REVESTIMENTO DE FACHADAS

Este é um sistema de revestimento de fachada fabricado em alumïnio, montado a partir de pequenas unidades até formar grandes painéis. A subconstrução especial de perfis de alumïnio extrudidos dá ao sistema uma muito elevada segurança em relação ás cargas de vento extremas. "Painel 2000" proporciona-lhe uma fachada de grande planímetria e a oportunidade de realizar variantes arquitectónicas e atractivas soluções estéticas.

HYDRO ALUMINIUM
Vik Verk

HYDRO ALUMINIUM
VIK VERK A.S.
Postboks 234
N-3081 Holmestrand
Tel: +47 33 54 200
Fax: +47 33 51 971

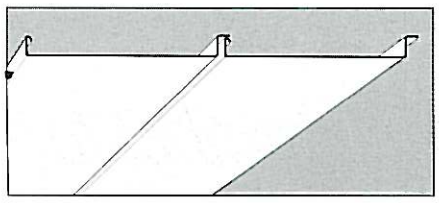
Representante exclusivo:
TECOPE
Av. Álvares Cabral, 23-pt. 1, 1200 LISBOA (PORTUGAL)
Telef.: Nac. (01) 69 12 96 / 65 84 23 - Int. +xx 351.1.69 12 96/65 84 23
Fax: (01) 3871626

Prémio Valmor com Argibetão

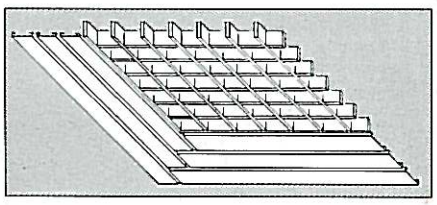
A atribuição do Prémio Valmor às Residências Príncipe Real é para nós motivo de orgulho: as telhas utilizadas na cobertura deste edifício são telhas Argibetão. À qualidade e resistência das telhas Argibetão* vem-se juntar a prova da sua versatilidade que as torna adequadas às mais diversas exigências e estilos arquitectónicos.
É caso para dizer que estamos todos de parabéns.

ARGIBETÃO
Lisboa, Ovar, Cartaxo, Braga e Azeitão

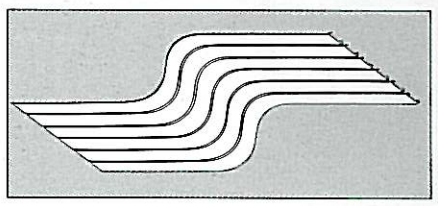
* Fabricadas com cimentos CIMPOR Cimentos de Portugal, SA



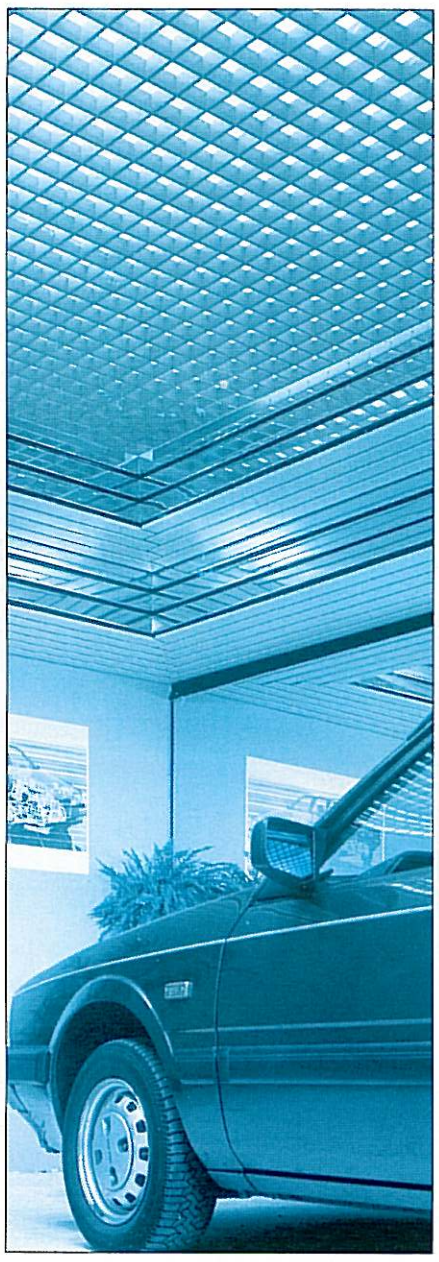
MULTIPAINEL:
Lâminas LUXALON - 30-80-130-160B-300A.
Somente um porta lâminas.
Ilimitadas variações de lâminas.
73 côres diferentes. Controle acústico.
Fecho de intervalo das lâminas.
Baixa manutenção.

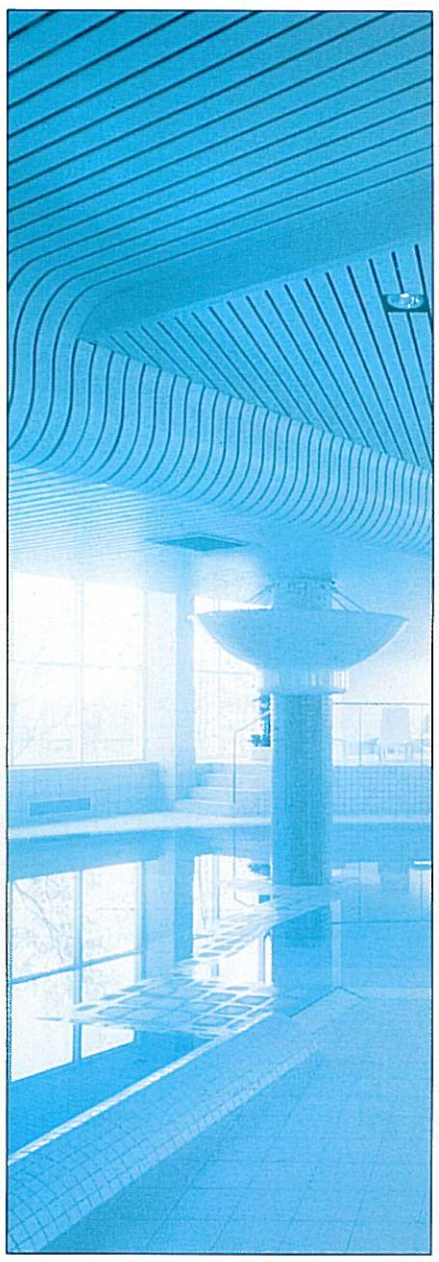


QUADRÍCULA:
Mini – Normal.
Várias medidas: 50, 75, 86, 100, 120, 150, 200.
Perfis rígidos.
Suspensão especial e de fácil colocação.
73 côres, conforme catálogo.



CURVAS:
Normais e de Raios Largos.
Ilimitadas variações de raios em lâmina 84R.
73 côres, conforme o catálogo.





Tectos Falsos LUXALON®

HORÁCIO COSTA LDA

LISBOA
Beco dos Toucinheiros, 1, Porta 5-B
(ao Largo de Xabregas) 1200 LISBOA
Tel.: 814 77 02 - 814 77 91 - 814 16 84
Telex: 64936 - Fax: 814 78 94

PORTO
Trv.ª da Cedofeita, 55
4000 PORTO
Tel.: 321248
Fax: 200 35 66

LUANDA
R. Helder Neto
96-98
Bairro de Alvalade
Cx. Postal 2008

conforto®

Sistema 28

Um novo Sistema dentro de uma grande marca

World class seating

CORTAL SELDEX

Seldex — Lisboa — Tel. (01) 352 09 46 — Telefax (01) 352 09 53
Porto — Tel. (02) 200 14 24 — Telefax (02) 208 13 15
Cortal — Lisboa — Tel. (01) 793 13 18 — Telefax (01) 797 71 31
Porto — Tel. (02) 49 84 28 — Telefax (02) 48 48 59

A SCHRÉDER ajuda-o a trabalhar e produzir melhor.

Acção. Luz. Mecânica. Resultados.

A actividade dos homens - nas fábricas, nos armazéns, em todos os aspectos e momentos da actividade produtiva - é feita de ideias mas, também, da capacidade de as traduzir em produtos.

A SCHRÉDER dispõe, para as empresas, de uma gama completa de iluminação industrial capaz de rentabilizar custos ao mesmo tempo que ilumina tudo aquilo que deve ser bem visto.

Peça informação detalhada sobre a gama de equipamentos de iluminação industrial da SCHRÉDER. Saiba como ganhar dinheiro e eficácia na actividade produtiva da sua empresa.

Preencha, por favor, o cupão anexo.

Schréder

ILUMINAÇÃO QUE SE VÊ.

SCHRÉDER - Construções Eléctricas Schréder, S.A.
2795 Carnaxide . Portugal
Telf. 417 00 37 . Fax 418 87 41

SIM. Quero que me enviem, sem qualquer encargo, mais informação sobre a gama de iluminação industrial da SCHRÉDER.
Para o efeito, recorto, preencho e envio este cupão para a Remessa Livre N.º 19
Alfragide - 2700 AMADORA

Schréder

Nome _____
Morada _____
Tel. _____
Empresa _____
Cargo _____
Tel. Emp. _____

Design: DIZTINTA

Puro design
que atravessa fronteiras.

Com a Fluxograma, o seu escritório ganha
um nível internacional, o auditório fica
ao nível do espectáculo, a iluminação
transforma o ambiente em beleza e funcionalidade.
O melhor que os melhores criaram, com o atendimento
personalizado e a pontualidade de sempre.

fluxograma

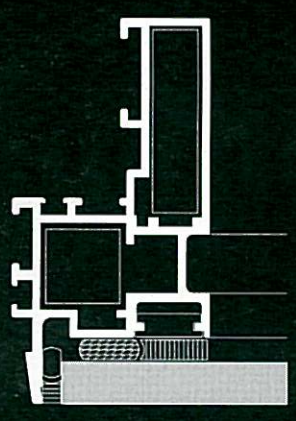
Mobiliário para escritório.

Um escritório com assinatura.

R. Eduardo Bairrada, 30 B - 1300 LISBOA · Tel.: 363 41 46 · Fax: 364 97 64
Salão de exposições: R. das Amoreiras, 23 - 1200 LISBOA · Tel.: 69 19 91 · Fax: 65 47 01

FACHADAS NUAGE®:
qualidade e inovação tecnológica

Heron Castilho - Lisboa - Arqs. H.Chicó/J.P.Conceição Silva

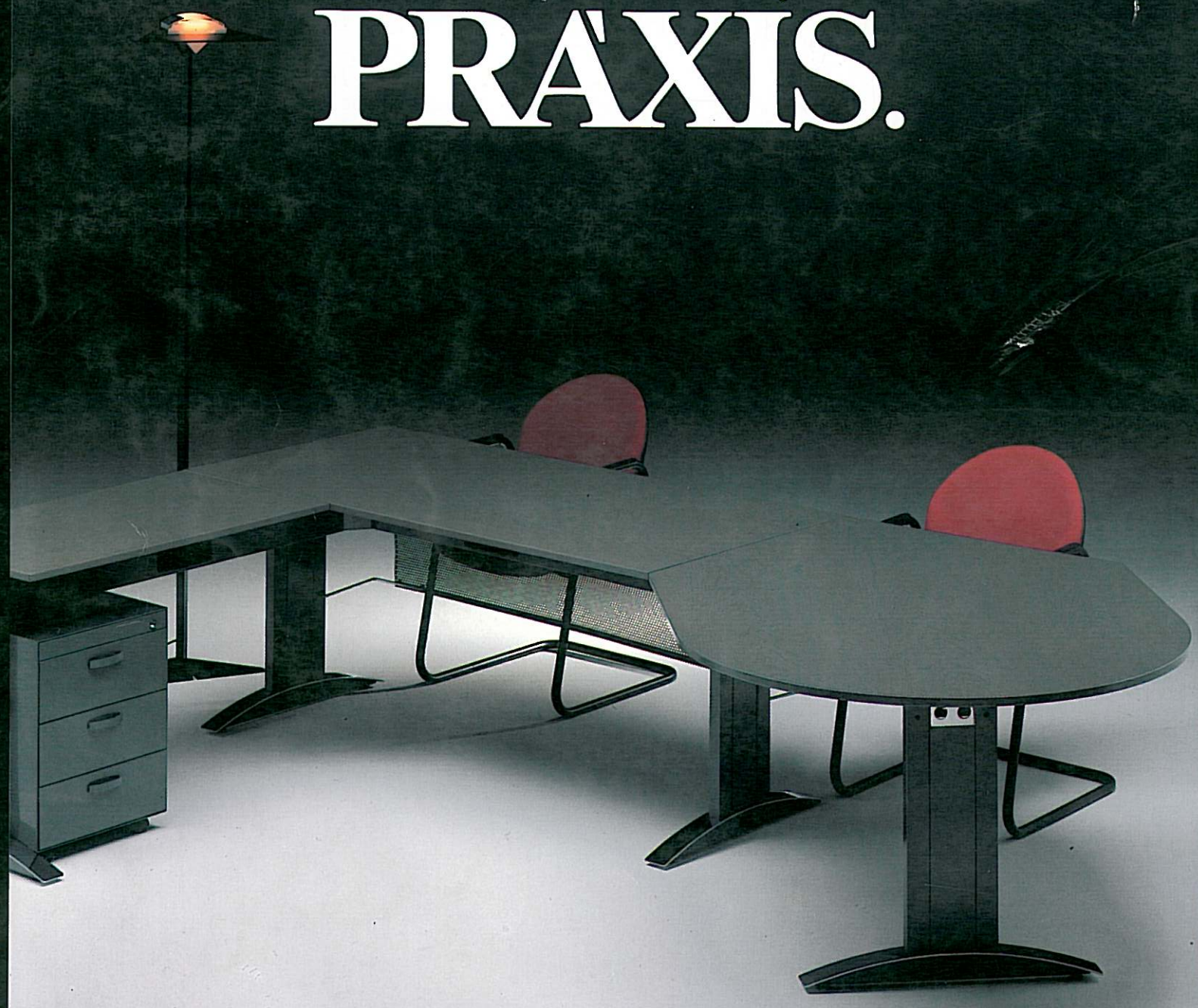


A técnica do vidro exterior colado (VEC), também chamada "Structural Glazing", desenvolvida nos Estados Unidos durante os anos sessenta, consiste na fixação do vidro por colagem estrutural nos caixilhos fixos ou móveis, os quais são posteriormente aplicados sobre a estrutura da fachada.
O acabamento é perfeito e a fixação dos vidros eficaz. Apenas se distinguem os painéis, elegantemente justapostos, desenhando um quadriculado de difícil percepção (é impossível distinguir, pelo exterior, um caixilho móvel de um caixilho fixo).

Nem todo o Aluminio é igual !

TECHNAL®

A SOLUÇÃO PRÁXIS.



Linha estruturante dos espaços não confinados.

Sistema funcional para um novo conceito de espaço.

PRÁXIS

LONGRA

A CULTURA DO ESPAÇO

Rua Dr. João Couto, Lote C-2.º — 1500 LISBOA • Tel.: (01) *715 44 20 — Fax: (01) 714 21 96 ● Rua Gonçalo Cristóvão, 86 — 4000 PORTO • Tel.: (02) 31 44 93 - 31 49 71 — Fax: (02) 31 49 71